

Nas Gerais da Cultura

Marcelo Pessoa

Nas Gerais da Cultura



Temas e Práticas de
Redação Jornalística

Marcelo Pessoa

Esse livro é resultado de uma série de reflexões-minuto sobre a sociedade e cultura contemporâneas, num enfoque ao mesmo tempo em que local, global. Os sete pecados da liturgia transformaram-se nesta obra em sete olhares sociais. Apesar de escritos e publicados inicialmente nos moldes literários da crônica, limitados, portanto, ao tamanho do espaço da página disponível no jornal, estes textos reunidos traduzem-se estrategicamente em capítulos capitais, a partir dos quais percebemos a dimensão e a intensidade cotidiana das particularidades sócio-culturais brasileiras. Os significados são antenas que captam as vozes das ruas e vielas da latinidade, os seus recortes são as medidas da altura e da baixaza dos palanques eleitorais e das palafitas eleitorais.

Nestes escritos, podemos ver a índole urbana, em suas interfaces política, cultural, social e tecnológica, retratada, às vezes, com acidez, face ao tudo que poderíamos ser e não o somos, ora com ironia, quando batemos à porta da descrença diante das aberrações factuais, mas, sobretudo, com a imparcialidade necessária àqueles que se fazem simultaneamente atores e testemunhas inconvenientes das próprias histórias, construídas sobre as ruínas das melhores intenções humanas.

Nas Gerais da Cultura



Marcelo Pessoa é Graduado em Letras e Mestre em Teoria Literária pela UNESP - Rio Preto.

Atualmente, é doutorando do programa de pós-graduação da UEL - Universidade Estadual de Londrina - PR, pesquisando elementos da aproximação teórica entre o gênero crônica e a MPB no poeta-compositor brasileiro Chico Buarque, cujo título da tese, a ser defendida em 2010, será *A Crônica Canção de Chico Buarque*. É docente da UIEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais - Campus de Frutal, e tem seu projeto de pesquisa financiado pela FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Tem vários livros de ficção, artigos científicos e jornalísticos publicados. O primeiro livro escrito, *Amor, Um Herói que Ainda Vive*, saiu em 1988, e foi logo seguido pelo segundo, *Os Poetas Nascem, Não Morrem*, em 1989, e o terceiro, *Hipocrisia Social*, em 1990. Em 1994, foi publicado *As Faces do Eu*, todos livros de poemas. No ano de 2000, o primeiro com intenção didática, *Pra Ler no Banheiro*, voltado especialmente para o público universitário. E agora, este, *Nas Gerais da Cultura - Temas e Práticas de Redação Jornalística*, que conta com o apoio da FUNDAMEC - Fundação Maçônica de Educação, Cultura e Assistência Social, se pretende destinar-se como material paradidático para subsidiar as aulas do Ensino Fundamental ao Nível Universitário.

e-mail: mpmarcelopessoa@yahoo.com.br
Currículo na Plataforma Lattes - CNPq, acessar o link
<http://lattes.cnpq.br/1863556911259481>

Assim é a crônica. Tudo nela é igual ao sempre. Na crônica se fala de tudo, mas só um pouquinho de cada vez, já que não cabe tudo na página de jornal. O seu tempo é um pra sempre contínuo, pois, apesar de seus fatos serem os de um ontem próximo ou mesmo distante, eles podem, a qualquer momento, acontecer de novo diante de nossos olhos, e ainda assim nos surpreender. E é a partir desses dois aspectos que a habilidade de cada autor manipula a linguagem, imprimindo à crônica toda a força literária e toda a sua beleza.

Marcelo Pessoa



Ministério
da Cultura



Nas Gerais da Cultura

© 2009 by Marcelo Pessoa de Oliveira
Direitos reservados ao autor. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão do autor.

Texto: Marcelo Pessoa
Projeto Gráfico: Gráfica Oliveira
Capa: Vincent van Gogh,
disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/imagem/bo000003.jpg>,
acesso em 15/10/2009, às 10h e 15m.
Formatação, Diagramação e Ilustração: Debora Menezes de Oliveira
Revisão: Marcelo Pessoa

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

ISBN : Pessoa, Marcelo
Nas Gerais da Cultura / Marcelo Pessoa. Frutal:
Gráfica Oliveira, 2009.
00p. : il.

Inclui Biografia
ISBN 978-85-909861-0-2

1. Jornalismo. 2. Jornalismo - Crônicas. I. Título.

CDD 070

FRUTAL - MG

*Nas Gerais da
Cultura*

MARCELO PESSOA

Nas Gerais da Cultura

Sumário

1. *Luxúria*

1. A Comunicação e a Doença do Homem
2. Em Busca do Pai
3. Homens e Deuses: um conflito de atitudes
4. Onde é o Céu?
5. O Pecado é a Nossa Melhor Mercadoria
6. O Status da Televisão no Brasil
7. Vamos acabar Obesos, Burros e Pelados

2. *Avareza*

8. A América Para Todos
9. A Casa é Sua
10. A Favela é a Nova Senzala
11. Chapolim Colorado, Super-Homem e a América Latina
12. Mídia, Poder e Prostituição
13. O Capitalismo é Paradoxal
14. O Perdão é Conversível

3. *Soberba*

15. A Cidade Antiga, a Moderna e o Estado
16. A Monarquia no Brasil
17. As Máscaras de Paulo Maluf
18. "A Soberba é a Véspera da Queda"
19. Consenso Social Sobre o Mórbido
20. O Artista é a Vontade de Adoração Coletiva
21. Walter Benjamin, Descartes, e a Natureza das Coisas

Nas Gerais da Cultura

4. Ira

- 22. As Novas Ditaduras**
- 23. Decifra-me ou Devoro-te**
- 24. Junte Teus Pedacos e Pare de Rezar**
- 25. O Grafite é Vandalismo Organizado**
- 26. O Que é Um Leão?**
- 27. Teoria e Prática do Milagre**
- 28. Vamos Celebrar a Nova e a Velha Estupidez Humana**
- 29.**

5. Gula

- 30. A Caverna Está Cheia de "Nós"**
- 31. Caça, Caçador e Alienação**
- 32. Escola Possível e a Escola Desejável**
- 33. O Fome Zero e a Semana Paulista da Moda**
- 34. O Protagonista da Gastrite**
- 35. Síndrome de Ilha**
- 36. Supermercado não é lugar de Felicidade**

6. Preguiça

- 37. Era Tudo Verdade**
- 38. O Politeísmo e a Tecnologia**
- 39. Ordem e Progresso num País sem Memórias**
- 40. Para Gostar de Ler**
- 41. Revolução Francesa, Iluminismo e Nada Mais**
- 42. Um Penta Temperado com as Sobras do Tri**
- 43. Um Pouco de Lógica é Normal**

Nas Gerais da Cultura

7. Inveja

- 44. “A Nível de” Sucesso, Com Certeza**
- 45. As Novelas e as Guerras**
- 46. Marx, Aristóteles e o Futebol**
- 47. Nossa Guerra de Cada Dia**
- 48. Nossos Ídolos ainda São os Mesmos**
- 49. Novas Revoluções são as Mesmas, só que Enrugadas**
- 50. O Poder Emergente do Mendigo**

8. Omissão

- 51.**
- 52. A Campanha Eleitoral Na Televisão**
- 53. A Jaula Mais Chique do Mundo**
- 54. A Solidão e seus Enganos**
- 55. O Buraco Nosso de Cada Dia, Dia Após Dia**
- 56. O Carnaval é só uma Lembrança**
- 57. Política dos Congelados**
- 58. Programação em Linha Reta**

Nas Gerais da Cultura

A Comunicação e a Doença do Homem

No livro **O Despertar da Águia** (2002, p. 18), Leonardo Boff diz que o homem se constrói não necessariamente apesar de suas contradições, mas por meio delas.

Nota-se que a sociedade, muitas vezes, é colocada à prova pelas epidemias e cataclismos – nem sempre naturais –, sintomas que, em muitos casos, ao invés de configurarem males, se apresentam como pedido de salvação e autopiedade ou como condição inexorável para a evolução e restauração do ecossistema agredido. Diametralmente à obra, observamos o mundo conturbado e entendemos que o homem estaria, então, buscando a redenção, mesmo que seja por meio da autodestruição.

Nos tempos atuais, uma das maiores preocupações, ao lado do ecossistema, e que gira o moinho da teoria da comunicação, das ciências da linguagem e do comportamento, é o poder que tem a palavra, poder que se manifesta pela transparência e idoneidade ou não das intenções humanas nas informações jornalísticas e nas inserções publicitárias que se produzem – vincula-se, aqui, à idéia de autodestruição do homem e de seu *habitat* o conceito de jornalismo e de publicidade com apelo *underground* ou subliminar.

Apesar dos inúmeros estudos sobre o tema “mensagem subliminar”, nada se prova quanto aos seus reais efeitos nas pessoas. É uma espécie de síndrome da imunodeficiência inventada pelo aparato capitalista que sustenta a comunicação e que reclama das ciências da linguagem, uma reanálise dos produtos da informação, pois, semelhantemente a Aids, todo mundo sabe que existe, mas não exatamente como funciona. O teatro de operações dessa batalha é simples: de um lado, estão os que financiam a produção de informação contaminada - os vilões -, e, de outro lado, os usuários, figurando o papel de donzelas inocentes ofendidas pelo sistema. A nocividade do que podemos chamar, aqui, de vírus-informação, é potencializada pelo dinamismo difusor da mídia. Uma informação, não importando se de índole boa ou má, uma vez inoculada no organismo social via *mass media*, propaga-se de forma assustadora e descontrolada pelas ruas, conduzindo o organismo infectado a promover a própria autodestruição.

Sem ceder à tentação que o trocadilho biológico nos oferece, o que desejamos ressaltar com esse paralelo, é a idéia de que a máquina da informação, a partir da era da comunicação de massa, ganhou, realmente, um *status* de entidade supragovernamental. Dizem que o jornalismo - e porque não, também, a publicidade - é o quarto poder. Da mesma forma, comenta-se que o crime organizado constitui um Estado paralelo.

O importante, dentre essas diversas conotações em torno da informação, é que não saíamos por aí propalando verborragicamente à moda dos matracas medievais, impropérios apócrifos sobre a indústria da informação: se ela é o veneno que adoce o homem, que se crie o antídoto, ou seja, a consciência crítica. Por trás dessa problemática sobre o conteúdo informacional manipulado intencionalmente ou não, o que questionamos é o fetiche, isto é, é se a condição da dependência mental humana de certos institutos sociais como a violência, o sexo, a tragédia alheia, a catástrofe, a vingança, é que não estaria predeterminando o teor dos interesses que se vinculam ao mercado sob o rótulo adocicado de informação necessária.

Quando falamos em consciência crítica, o que desejamos é que o homem não adoça, que deixe de ser um organismo sobrevivente a si mesmo, e passe a atuar como entidade capaz de criar uma existência coletiva sustentável, que seja o sal, o antídoto a ser oferecido aos encantos nacarados e doces veiculados pela indústria da informação.

Nas Gerais da Cultura

Em Busca do Pai

Os fatos a seguir são uma mistura de hilária realidade e de ficção trágica. Entretanto, isso não deve ter mais nenhuma importância para mim, porque, de qualquer maneira, aos poucos acabei me tornando a representação fiel de tudo o que vou relatar.

Não fui criado com meu pai biológico. Só o reencontrei aos vinte anos de idade. Em dado momento, por volta dos cinco ou seis anos, sempre quando me perguntavam “menino, quem é seu pai!?”, invariavelmente respondia que eu tinha sete pais. E emendava, orgulhoso, explicando a alegoria cabalística que sem querer acabara de inventar. Um engenheiro, outro é aviador, outro escritor, outro policial, havia também o pedreiro, um médico, e o mágico.

À época minha mãe desposava seu segundo marido – um policial. Casou-se três vezes – viveu com outros mais -, mas penso que meus sete pais devessem causar muito constrangimento a ela. Acho que por causa da sabatina em ocasiões festivas, nas quais a casa ficava cheia. Minhas respostas eram dadas enquanto, no meio da sala e em voz alta, rodeava a mesa de centro pulando pelado diante das pessoas. Todo mundo via e ouvia dando muita risada. Suponho que levavam tudo na base da brincadeira – menos eu. Fatos sérios e cômicos à parte, de um jeito ou de outro acabei tendo mesmo todos esses sete pais. No ressentimento da presença física do pai biológico, e impotente para resolver a questão, eis que surge na cena de minha vida real o seguinte quadro, pintado a sete cores vivas.

Meu primeiro pai, o engenheiro do mundo, aquele que sempre existiu: Deus. Por morar no céu, talvez ele simbolizasse ainda em minha mente também o segundo: o “pai aviador”. O terceiro, o que me fez com minha mãe, não era escritor, mas cuidava da livraria de meu avô – um boa-vida profissional. O quarto, um policial, criou-me até os seis anos, e por gratidão acabei tornando-me um policial quando cresci. O quinto, era pedreiro, sobreviveu com minha mãe até morrer de tédio. O sexto, foi o pai que minha mãe tentou ser para mim. Por uns tempos ela quis ser um tipo de educador sargento-madrasta-avó. Ela quis estudar medicina, mas a miséria impediu – teria encarnado o pai médico da minha imaginação -, acabou sendo enfermeira, por alguns anos apenas, mas foi.

Nos intervalos entre as raras convivências com minha mãe-pai, passava algumas temporadas na casa de alguns parentes, minha mãe “hospedava-me”, às vezes, na casa de pessoas estranhas, e logo desaparecia no mundo em busca de seus próprios fantasmas. É engraçado lembrar disso, porque, nesses tempos, minha avó tentava ser minha mãe, a minha mãe tentava ser meu pai, e os estranhos não escondiam o desejo de ser ninguém importante em minha vida. Esse sexto pai, portanto, acabou sendo o que nunca existiu, a figura do ausente, o que me fez aprender sozinho a ser homem pelas ruas e casas onde morei, o que esteve também materializado nos desimportantes rostos estranhos e na figura familiar de cada parente cujas vidas compartilhei. E assim, quase sem referências, pisando em solos fugazes, respirando ares simbólicos, mesclando personalidades cambiantes a personagens abstratos, fui crescendo, aprendendo a ser-estar, construindo pontes verossímeis entre a realidade e a fantasia humana.

O sétimo pai é único para mim, pois é o pai que eu estou aprendendo a ser para a minha filha desde que ela nasceu. Tornar-me pai foi promover um encontro do mágico que queria ser pai, com o pai que queria ser Deus. Divorciei-me há sete anos, mas cada momento meu com minha filha multiplico por sete.

Aos oito anos de idade, ela desenha casas, árvores e pessoas, pintando três pais nas cores vivas do gene da criação herdado de nossos antepassados.

Nas Gerais da Cultura

Homens e Deuses: um conflito de atitudes

Simão, como fazia todos os dias, se levantou às seis horas da manhã para trabalhar. Mal viu o café da manhã sobre a mesa. Sueli, sua esposa, como sempre, o fizera com muito carinho. No entanto, ele passou pela porta do quarto das crianças com a mesma pressa com a qual passou pela mesa, e, aos gritos, deu um aceno de adeus, saindo com o carro pelo portão, no jardim defronte a casa.

Dirigindo apressadamente, Simão distraiu-se e passou por um semáforo fechado. Nem se deu conta disso. Virou pela contramão numa viela próxima do centro da cidade, ao lado da guarita da Polícia Militar. Era um atalho. Sempre fazia o trajeto. Não notou que havia uma viatura estacionada na esquina da conversão proibida e que um policial emitia uma multa para um outro distraído e, por esta razão, saiu novamente ileso.

Seu dia não podia começar melhor. Tanta sorte não era de se rejeitar. Iniciou seu expediente e percebeu que um colega de trabalho, que operava a prensa ao lado da sua, estava muito preocupado. Como eram amigos de longa data, aproximou-se e, com jeitinho, fez com que o amigo lhe contasse o que se passava.

Jorge lhe disse que havia sido demitido há 18 dias e que estava apenas cumprindo os dias finais do aviso prévio. Confessou-lhe também que as coisas não iam bem em casa e que, para complicar ainda mais a situação, sua esposa o evitava, os filhos brigavam e, quase todos os dias, desde que passara a cumprir o aviso prévio na empresa, distraía-se ao trânsito e que constantemente tem levado pesadas multas.

Simão afagou Jorge num abraço. Pediu que fossem juntos, os dois e as famílias de cada um também, a uma igreja. Jorge estranhou o convite do amigo, pois Simão nunca ia a igrejas e demonstrava acreditar pouco em “coisas” espirituais. Entretanto, Simão explicou-lhe que, em momentos assim, não é importante mostrarmos ao Deus o tamanho de nossos problemas, mas aos nossos problemas o tamanho do nosso Deus. Simão, falando assim ao amigo, que, a essa altura da conversa já o olhava com lágrimas nos olhos, tentava prestar bastante atenção no que dizia.

No outro dia pela manhã, Simão levantou-se mais cedo, abriu a janela do quarto, olhou para as estrelas que ainda resistiam ao romper do dia no céu, agradeceu à beleza de mais um amanhecer, sentou-se com a esposa, saboreou o melhor café da manhã de sua vida. Passou pelo quarto dos meninos, beijou a testa de cada de cada um. Ajeitou-lhes a coberta, apagou o abajur. Despediu-se da esposa com um abraço apertado.

Chegando àquela curva, notou uma confusão de viaturas e ambulâncias. Porém, desviou-se do tradicional trajeto e chegou ao serviço. A sirene soava. Ia começar novo dia trabalho. Poucos minutos depois, o encarregado da repartição desliga a chave geral das máquinas. Reúne todos os funcionários e comunica que naquele dia não haverá expediente pela manhã. Jorge havia morrido num acidente. Fora tolhido por um caminhão tanque, quando tentava chegar mais rapidamente seguindo pela contramão do fluxo de trânsito, na ruela próxima à Fábrica.

Chorando silenciosamente, Simão pensou que, às vezes, a vida parecia injusta. Refletindo consigo mesmo, pensou que em algumas situações, não bastava o homem acreditar em Deus, mas que era preciso fazer com que Deus acreditasse nas atitudes renovadoras do homem.

Onde é o Céu?

Nas Gerais da Cultura

As religiões descrevem, de maneira algo semelhante, os lugares possíveis de serem habitados pelos mortais após o passamento. No início tudo era o caos, a terra era sem forma e as porções materiais coexistiam num só corpo, etc. No Éden, Adão e Eva viviam harmonicamente até aparecer a serpente. Daí em diante Deus foi criando todo o resto e gostando do que fazia – coisas como o inferno e o trabalho, o homem encarregou-se de inventar. Grosso modo, eis a mitologia Cristã, verificável na Bíblia. Mas nem sempre se acreditou nessa versão. Para os gregos a terra era chata e a Grécia era o seu centro. O céu era o Olimpo, a morada dos deuses, cuja entrada era guardada pelas *Estações*. O *Hades* era o mundo dos mortos, e era vigiado pelo cão tricéfalo, *Cérbero*. Além disso, supunha-se que a *Aurora*, o *Sol* e a *Lua* levantavam-se do *Oceano* no oriente e atravessavam o ar oferecendo luz aos deuses. Na mitologia egípcia, *Amun*, ou *Júpiter Amun*, a divindade suprema para os egípcios, manifestou-se através da palavra ou da vontade, e criou assim *Kneph* e *Ator*, de sexos diferentes, e dos quais nasceram *Osíris* e *Ísis*. *Osíris*, deus do sol e da fecundidade, inundava a *Ísis* (a Terra), anualmente com as águas do rio Nilo – daí a expressão “o Egito é uma dádiva do Nilo”. Havia também o *Tártaro* (as profundezas do inferno), devidamente guardado por *Anúbis*, mais um deus com cabeça de cão. Para os hindus, *Brahma* é o criador do universo. *Brahma* concentra a trindade da criação, conservação e destruição, sob os nomes de *Brahma*, *Vishnu* e *Shiva*, respectivamente. *Indra* é deus do céu, e *Iama*, o deus das regiões infernais, etc.

Por essas apresentações já podemos perceber a recorrência com a qual as mitologias repetem a dicotomia céu/inferno, e, por extensão, bem e mal. Uma boa fonte de consulta das mitologias tem-se no *O Livro de Ouro da Mitologia*, de Thomas Bulfinch, Ediouro, 2000. No entanto, a mitologia moderna, que centuplica astros e monstros na mídia pode ser verificada no dia a dia das pessoas nas ruas. Dia desses tive uma experiência mitológica desastrosa. Não sei o que é o inferno, mas tenho certeza de que suas sucursais estão espalhadas pelos centros de doação de sangue. Pois é. Doeí sangue e, posteriormente, retornei ao local para buscar o tradicional certificado de doador, conferido após rigoroso exame do material coletado. Entrei no citado ambiente de coleta de sangue e a recepcionista, após consultar meu nome no computador, olhou pra mim com cara de piedade, e pediu que aguardasse alguns instantes. Poucos minutos depois – que a mim pareceu uma eternidade -, surge uma outra pessoa, vestida de branco dos pés à cabeça, calçando luvas compridas, usando máscara e demais aparatos de proteção – um ser de outro mundo, *Cérbero* ou *Anúbis*, provavelmente -, solicitou a minha entrada em uma sala – era a ante-sala do cemitério. Disse-me, até com certa calma, que o “reagente acusou um tipo incurável, assim como o é a Aids, de hepatite”, e acrescentou, “mas não se preocupe, pois você poderá conviver bem com a doença”. Mas, só para confirmar o diagnóstico, pediu-me uma nova coleta após trinta dias e marcou uma consulta com um hematologista. Com os papéis na mão – que mais se pareciam com um atestado de óbito -, sai desolado pelas ruas. Andei por horas sem destino. Era o fim. Não tinha mais dúvidas. O inferno existia mesmo. Tinha o endereço do banco de sangue, e seu guardião era uma pessoa vestida de branco, calçando luvas e usando máscara, despreparada para a função. Disso tive certeza, transcorridos os trinta dias. O novo exame e uma posterior contra-prova negativaram. O hematologista explicou-me tudo com muita clareza, pediu-me desculpas e, como a ave *Fênix* da qual noticia-nos os Assírios, renasci das próprias cinzas e vi que o céu e o inferno coincidem aqui na Terra.

Nas Gerais da Cultura

O Pecado é a Nossa Melhor Mercadoria

É interessante como algumas idéias, conceitos e padrões comportamentais evoluem. Entretanto, dentro de nossa sociedade, ainda permanecem intactos alguns tabus e crendices. Dessas do tipo, não passar sob a escada na calçada, não matar gatos, sexta-feira 13, etc.

Viajo de Rio Preto - SP – a Frutal - MG -, pelo menos duas vezes por semana. Nesse trajeto habitual tenho tido a oportunidade de presenciar uma cena bastante pitoresca. Existe, já próximo à cidade de Palestina, uma guarita da Polícia Rodoviária Federal. E, quem é motorista, já sabe o que fazer quando se aproxima de uma dessas guaritas. Dá-se uma maneiradazinha na velocidade, coloca-se o cinto de segurança, evita-se a ultrapassagem na faixa contínua, etc. É uma performance quase ritual. Lembra-nos muito o gestual da persignação dos fiéis religiosos diante do altar. Fazem-se diante do altar três vezes o sinal da cruz, uma leve curvatura de tronco e joelhos, eleva-se o pensamento aos céus, abaixa-se a direção do olhar, pronunciam-se frases sagradas, etc. A diferença está justamente no tipo de deus ao qual se reverencia e o tipo de pecado que se pratica. Para o Deus do céu pedimos o perdão para os nossos pecados capitais. Diante do deus que nos ameaça usurpar o capital – o Estado -, pedimos para ter cada vez mais capital para praticar cada vez mais pecados.

Tudo normal, muito ritual e respeitoso por parte dos motoristas, se não fosse o detalhe de que a guarita ainda não está em funcionamento. Acho que por falta de efetivo¹.

Esse ritual, então, se toma um ato de reverência a um altar vazio. O que não deixa de ser interessante como metáfora social. Isso pode significar muitas coisas. Pode ser que os ídolos mais sagrados estejam sendo esvaziados de seu poder mágico de sedução, uma vez que o conteúdo simbólico do totem, a partir das conquistas tecnológicas do homem, está sendo deslocado do universo do sagrado para o das coisas profanas. A reverência e o temor externado pelos motoristas diante das guaritas e dos guardas - assim como o altar, as guaritas também têm status de totens — parece ser maior do que os temores e reverências manifestados em relação a Deus e aos santos.

A novidade ritual é o terço eletrônico. O fiel, rezando seus mistérios, pode perder a conta, cochilar. O aparato eletrônico ajuda o penitente avisando-o com sinais luminosos ou sonoros quando chegou o momento de parar. O estado de entorpecimento da atenção consciente que a reza ritual exige e que o terço eletrônico desfaz é comparável à exigência de atenção que a guarita solicita. Pelo sim, pelo não, o jeito é continuar rezando incansavelmente – assim evita-se o purgatório -, da mesma maneira que é bastante aconselhável manter-se praticante fiel do ritual de aproximação cautelosa diante das guaritas – evitando-se a penitência financeira. E, se um dia desses, Deus resolver zangar-se e você não estiver em dia com suas orações? Ou se a polícia tiver providenciado efetivo para a guarita nova? Vamos inventar, então, um instrumento que emita sinais luminosos ou sonoros avisando os motoristas a hora de parar de cometer infrações.

Como conclusão, podemos dizer que, em ambos os casos, o pecado é matéria-prima essencial na relação entre o sagrado e o profano, entre a igreja e a guarita, entre Deus e os guardas, e que o pecado não pode ser extinto, pois implicaria também na anulação de Deus e guardas como figuras mediadoras entre os valores do homem e do Estado.

¹ Depois de publicado esse artigo, a guarita passou a funcionar normalmente, e em seguida fechada, não sei por que, e suas dependências passaram a ser usadas por mendigos. Depois, no ano de 2004, foi desocupada por agentes do Estado e suas portas lacradas com paredes de tijolos.

Nas Gerais da Cultura

O Status da Televisão no Brasil

Repensar a programação da televisão aberta implica em combater o *status* da mensagem televisiva, observando sua estrutura cultural e seu papel no exercício da hegemonia política instalada no Brasil.

Decodificar essa mensagem é necessário para que essa compreensão se torne a matéria-prima explicativa da inércia intelectual brasileira, especificamente discutida aqui, nos bastidores da comunicação, e que se manifesta como componente legitimador da passividade coletiva da sociedade. Todo mundo quer criticar a mídia, mas ninguém quer ou pode propor alternativas concretas e realmente eficientes para confrontar o atual modelo de televisão.

Dizer que o sistema de comunicação culturalmente dominante é gigantesco, é dizer, na verdade e indiretamente, que ele é maior do que podemos ou conseguimos afrontar. Com isso, o que se perpetua é a legitimação de nossa incapacidade de ação e de subversão com relação ao sistema operacional da mídia.

Faz-se a ela, a mídia, uma crítica genérica e intelectualmente dispersa. Muitos de nós sabemos dizer, com poucas ou melhores palavras, que na televisão há muita violência, sexo, mas o que não se consegue é apresentar um novo modelo de televisão que seja racionalmente possível.

Enquanto isso, o discurso aparentemente democrático e socialmente inclusivo da televisão, que comove e contagia adeptos nas fronteiras mais leigas do conhecimento, continua sua trajetória de castração. Esse discurso mutila com o seu gigantismo e efeito catarizante, os membros intelectuais ativos da sociedade, os quais poderiam interferir lenta e endogenamente em seus sistemas de informação e de entretenimento. Exclui-se da programação produções de altíssima qualidade, com a pretensa exigência predominante de certa faixa de público – quase sempre a camada da população sem poder de fogo intelectual.

Num passado recente, tinha-se a impressão de que as pessoas se preocupavam mais com a investigação da televisão como problema sócio-cultural. Atualmente, a programação das televisões passou a fazer parte, com tal dimensão na vida das pessoas, que não se discute mais o “problema televisão”, mas se é preferível esse ou aquele item exposto na tela, como se aquelas opções de pseudo-informação e de entretenimento fácil fossem a expressão de uma única verdade que diz respeito a todos os telespectadores. O que não se questiona mais, quer nas ruas, nas escolas, nos centros comunitários ou nas universidades, é o fato de que, se esse mesmo público está suportando ou se algum dia desejou, realmente, manter-se cativo de uma mesma linha de programação imbecil e paralisante por todo esse tempo.

Nas Gerais da Cultura

Vamos acabar Obesos, Burros e Pelados

Tudo o que vem de fora é melhor. Essa expressão soa aos ouvidos com força de ditado popular e nós a ouvimos durante nossa infância e adolescência, o que facilita a aceitação de seu valor como verdade. Junto à constância dessa assertiva em nossas vidas veio a crença de que o produto importado é que era realmente o bom para nós. Assim transferimos da prática da fala para o exercício comportamental diário os hábitos de outras culturas. Esse intercâmbio nos seria benéfico quando nos inspirássemos em civilizações notadamente superiores. A troca passaria a ser problemática quando adorássemos ídolos iguais – que nos paralisariam - ou piores do que nós – o que nos empurrariam para baixo.

Vamos então aos fatos. Nos anos sessentas a onda do rock tomou conta do mundo. Vivíamos no Brasil sob o jugo de uma ditadura militar e o *american way of life* (o jeito americano de viver) tornou-se a medida certa para todas as coisas em diversas partes do mundo, inclusive aqui. Na recente “era” *Collor*, já livres da ditadura e em pleno exercício político da democracia tivemos a oportunidade de ter nossas fronteiras comerciais expandidas e houve um grande volume de importações. Pela simples comparação direta dos produtos nacionais com os importados percebemos que nem sempre o produto que vinha de fora era o que podia satisfazer nossas necessidades. Apenas como exemplo citamos as roupas estrangeiras – principalmente as orientais -, que são estreitas para o nosso biotipo, mal costuradas e o tecido muito quente.

No calor maniqueísta dessas reflexões nos deparamos com uma recente avaliação dos estudantes norte-americanos (uma espécie de *Provão* ou *Enem*) que demonstrou que 57% deles obtiveram conceito *insuficiente* nos conteúdos básicos relativos aos estudos de sua língua e de sua própria história. Note-se que o conceito obtido foi *insuficiente*. A conclusão a qual chegamos é simples. Sob o ponto de vista de um observador à distância, imparcial até o ponto em que nos permitimos ser, percebemos que fica relativamente fácil manipular uma população que manifesta graus elevados de ignorância sobre os conhecimentos técnicos da civilização. Dizer-lhes palavras de ordem do tipo: vamos guerrear no Afeganistão? Vamos! Vamos depor o Sadam Hussein? Vamos! Vamos lutar uma Guerra Santa contra o terrorismo e matar o Bin Laden? Vamos! Vamos matar os Amarelos no Vietnã? Vamos! Vamos vender lanches e refrigerantes que engordam pra todo mundo? Vamos!

Assim foi por ocasião do contato do homem civilizado com as tribos indígenas no passado que estabeleceu as fronteiras geográficas e culturais modernas em todos os países. Os aborígenes, embora culturalmente até fossem mais adiantados e respeitadores da natureza, da família e tudo mais, não conseguiram conter a força da tecnologia que a civilização lhes impunha. Se no passado foi assim, porque agora pode ser diferente? Porque talvez creiamos demasiado em *Papai Noel* e bem pouco em *Saci Pererê*.

O que quero dizer é que, se continuarmos aceitando a idéia de que o que vem de fora é o que realmente presta, vamos acabar obesos, burros e pelados, enquanto lutamos contra inimigos inventados por idealistas da cultura e política para as massas.

Nas Gerais da Cultura

A América Para Todos

“Do fundo escuro do coração solar do hemisfério sul, de dentro da mistura de raças que não assegura nem degradação nem utopia genética, das entranhas imundas da internacionalizante indústria do entretenimento, da ilha Brasil pairando eternamente a meio milímetro do chão real da América [...]. (Caetano Veloso, **Verdade Tropical**, 1997, p. 19)” ...

... Saíram as centenas de brasileiros que agora foram deportados da América do Norte. Esse episódio fez-me lembrar do fato de que o Brasil também pertence ao continente americano, embora componha a história e a fisionomia do continente de uma forma bastante impar.

Ao lado da clássica divisão geopolítica que concentra 34 países historicamente distintos num grande território, temos uma tríplice subdivisão: América do Sul, América Central, e América do Norte, e isso tudo junto constitui o continente americano.

Com tantos lugares dentro desse continente, perguntamos o porquê que o alvo preferido da migração centro-sul americana elege os EUA. Apesar da deportação, acredita-se que as migrações não vão parar. É uma espécie de sina da América Latina subdesenvolvida.

As migrações não vão parar pelo simples fato de que as pessoas querem poder consumir livremente o que bem entenderem. Lá, nos EUA, existe uma política de industrialização direcionada ao consumo. Ou seja, não tem sentido algum se produzir uma quantidade enorme de bens se a população não pode tê-los. Logo, é necessário, também, que as pessoas tenham renda.

Aqui, no Brasil, a lógica que prevalece é a da privação. Muito se produz, porém, poucos têm acesso ao que se fabrica. Por isso o país não cresce e a grande maioria passa vontade e vive, não da sua renda, mas da força de suas esperanças.

Invariavelmente o nosso parque industrial é impedido de aumentar sua produção e geração de empregos, porque a lógica reinante é a da miséria. Ao invés de se criar mais empregos e ampliar o poder aquisitivo da população, o que parece ser a preferência é concentração da renda, privilegiando-se, assim, um grupo cada vez menor de pessoas. O resultado visível é um empobrecimento generalizado, intensa queda na qualidade de vida das pessoas e, conseqüentemente, do país.

Uma das mais eficientes formas de distribuição de renda em países assim empobrecidos e de produtividade travada é o subemprego, o comércio de drogas, a prostituição, o contrabando. Esses males, antes privilégio da massa proletária adulta, tomam conta da população infantil solta pelas ruas e invadem os condomínios de luxo. As classes D e E já conhecem bem de perto essa realidade. As classes B e C estão chegando para compor e aumentar esse grupo de miseráveis.

Enquanto essa lógica contínua que perpetua a miséria reinar por aqui, extinguir problemas como drogas e prostituição é apenas discurso eleitoral e figura de linguagem para fazer da política uma bela poesia.

A política econômica do Brasil é tão econômica que, muitos de nós só não mudamos de país, não necessariamente pelo amor à pátria – que não nos falta -, mas porque ainda não conseguiu economizar o suficiente para a passagem aérea.

Nas Gerais da Cultura

A Casa é Sua

Não me canso de ver a maneira despojada com a qual o apresentador do programa **A Casa é Sua**, da Rede TV, canal 13 da televisão aberta no interior paulista, trata de temas tabus no cenário sócio-cultural brasileiro.

Há muito tempo eu, e muitos de nós, creio, esperávamos a chegada de um programa de televisão que ousasse manifestar uma opinião, por meio de quem quer que fosse que se contrapusesse ao *establishment* do reduto dos adoradores da cultura inútil e do mau gosto.

No programa exibido na tarde de 20 de maio de 2004, o apresentador Clodovil, ao ver algumas cenas do cantor Vaguinho, que fora dias antes preso por deixar de pagar pensão alimentícia, disse ao público, sem meias palavras, que Vaguinho não canta nada, principalmente se ele fosse submetido a uma comparação com grandes nomes da música brasileira, como Bezerra da Silva, Zeca Pagodinho, Dudu Nobre, entre outros. No entanto, mesmo assim, asseverou o apresentador, o povo aplaude e enriquece o Vaguinho, e, concomitantemente, grandes intérpretes da MPB são empobrecidos, passam necessidades e vivem jogados no lixo – “que é onde vocês deveriam morar” – disse Clodovil, olhando em *close* para a câmera, dando a idéia de estar distante do público apenas alguns centímetros.

É claro que, ao lado dessa ousadia, existirão aqueles que possam dizer que o ato de Clodovil não é ousadia, mas é desdém e falta de educação. Entretanto, deveríamos pensar se falta de educação não seria a falta de critério do povo que se dedica a apreciar todos os domingos, por exemplo, o **Domingão do Faustão** ou o **Domingo Legal**, programas que insistem em nos oferecer um festival interminável de mau gosto, *replays* de uma miséria cultural que não é a nossa no Brasil, e que não é e nunca foi, a representação do que nossa produção artística é capaz de trazer ao grande público.

No mesmo programa do dia 20/05/04, o apresentador, ao executar seu tradicional desenho de moda, diz ao público que o que deve ser incentivado pelo telespectador, é a audição da boa música – e isso exemplifica bem, pois enquanto desenha, distrai-se ao som da cantora Gal Costa. Fala com o público como se fosse íntimo dele. Diz às pessoas que deixem de passar o dia fazendo nada por aí, em outros canais, e que aprendam alguma coisa no seu programa. Diz-lhes ainda, que ensinem aos seus filhos o que é ser um grande compositor, cultivar virtudes, e que parem, enfim, de perpetuar o niilismo reinante veiculado por grande parte da programação da televisão.

O que podemos dizer ao Clodovil é simplesmente - Bravo! Até que enfim, uma consciência amadurecida pelos percalços da existência terrena, como é o caso de Clodovil, se rebelou e teve coragem de dizer num programa de grande audiência nacional, o que todo mundo precisa saber, mas que quase ninguém tem coragem de dizer e ouvidos para ouvir. Parabéns à produção do programa **A Casa é Sua**, à emissora e, particularmente, ao apresentador, que, com atitudes como essa, contribui para enobrecer o papel do comunicador na televisão brasileira, e devolve à mídia nacional uma noção de credibilidade como só se tinha nos tempos das transmissões em preto e branco, ou seja, sem as cores do camaleão da falsa e enfadonha didática propalada pela pseudo-hegemonia.

Nas Gerais da Cultura

A Favela é a Nova Senzala

“Todo dia o sol levanta, e gente canta ao sol de todo dia”
(*Canto de um povo de um lugar*, Caetano Veloso. **Jóia**, 1975)

Durante reflexões no dia 20 de novembro, dia da consciência negra, perdi-me nas profundezas da surpresa. Considerando-se o dado histórico e lamentável da escravidão no mundo, é inevitável que façamos votos de que isso não se repita, pois já se acabaram as invasões bárbaras, as grandes conquistas imperiais e o período das grandes navegações. Em paz e confortável na minha linha de raciocínio pus-me a degustar tranqüilamente um copo de leite *Parmalat* e, enjoado de *zapear* pela programação das emissoras captadas pelo meu televisor *Philips*, vesti minhas calças *zoomp*, apanhei as chaves do *BMW*, comprei um lanche no *McDonalds* e, depois, abasteci num posto da *Esso*. Circunspecto liguei o computador *IBM*, naveguei por horas na *Internet*. Desiludido da vida abri o *Microsoft Word* para desabafar neste texto: parece que devo repensar o conceito de invasão *bárbara*.

Diz-nos Herbert Viana: a favela é a nova senzala. Depois do atentado terrorista nos EUA, a favela Brasil foi alvo de um ataque cultural. Um tupiniquim quis colocar no filho o nome do terrorista Osama Bin Laden. Invocando preceitos constitucionais em defesa da livre manifestação de pensamento, tudo é possível. Depois a gente prende, julga, concerta, refaz, repensa. Como se tudo o que se destrói fosse passível de reconstrução. Como podemos ressuscitar a extinta cultura indígena? Como proteger dos colegas o garoto Osaminha, dizer a eles que o menino não é mau, que tudo não passou de um arroubo sentimental do papai. É sob o rótulo da livre manifestação de pensamento, também, que a qualidade da programação televisiva está nivelada por baixo: temos o nu em horário nobre, a violência cotidiana como espetáculo, e nos desenhos animados, histórias de guerras e vinganças. Será que programação da televisão visaria à adesão ideológica do telespectador ao niilismo da aculturação de massa?

Walter Benjamin, num ensaio famoso – **A obra de Arte na época de sua reprodutibilidade técnica** – delinea os parâmetros sob os quais chegamos à coisificação da obra de arte. Quando o objeto estético se transformou em mercadoria – um quadro tornou-se comprável como um aparelho de televisão, um lanche, uma bebida -, corrompeu-se a sua natureza, que era a contemplação do belo. No entanto, recorreremos ao músico Caetano Veloso que, numa entrevista ainda inédita sobre cultura e sociedade, nos disse que a natureza da obra de arte consistiria em desentorpecer a nossa capacidade de percepção da vida. Mas não é assim porque somos treinados para a descrença na vida e o que se veicula na mídia como sendo arte não passa de quinquilharia envelopada destinada ao consumo rápido e fácil. A nossa hipótese é de que esse contexto tangencia a idéia de que, juntamente com a obra de arte, também o homem foi transformado em coisa: a obra em coisa a ser consumida, o homem em coisa que consome. Na prática, vemos partidas de futebol, enquanto a tela da TV mostra inserções publicitárias através de pequenos ícones ou de painéis virtuais misturados à imagem principal – tornamo-nos coisas aptas para ver o *merchandising*, já que essa técnica torna o espectador passivo.

O dia da consciência negra é o dia consciência humana – pois o tema “escravidão” persiste. O músico Cazuza nos disse que via o futuro repetir o passado, que via um museu de grandes novidades. Assim é a moda consumista: um museu de coisas que, não servindo para a cultura da matriz, são a nós enviados como grandes novidades. Afinal, por que escravizar apenas uma raça se por meio do capitalismo é possível escravizar todas?

Nas Gerais da Cultura

Chapolim Colorado, Super-Homem e a América Latina

A obra **Cem Anos de Solidão**, publicada em 1967, de Gabriel García Márquez, se apresenta como uma metáfora da condição terceiro-mundista que impregna a América Latina com o rótulo do subdesenvolvimento social e tecnológico. Embora esse conceito não seja um consenso, esse rótulo político se torna nocivo quando se expande genericamente para a esfera da cultura. Essa rotulação assume contornos de equívoco, portanto, uma vez que engloba dentro de uma mesma designação pejorativa, países diferentes e conceitos conjunturalmente distintos, como economia regional e global, cultura e aculturação e desenvolvimento tecnológico e social.

Esse é um panorama sucinto da realidade latino-americana. Entretanto, a ficção, notadamente através da literatura, nos oferece um excelente exercício de reflexão sobre essas questões. E é no horizonte desse paradigma ficcional, que nos permitimos algumas elucubrações sobre alguns aspectos de nossa identidade, ou seja, nossa *latinoamericanidad*.

Em linhas gerais, percebemos que, se retiradas as alegorias que são estruturadas sobre a linguagem no desenrolar da história do centro onfalógico “Macondo” e de seus demiúrgicos personagens, a narrativa de García Márquez ficaria restrita ao lugar-comum de ser apenas mais um enredo que envolve a saga dos fundadores de uma cidade.

No entanto, García Márquez, ao impor a Macondo e à estirpe dos personagens de sobrenome Buendía um viés predominantemente relacionado à extinção, faz com que a história de Macondo assuma contornos disfóricos, o que atribui à obra características de uma antiepopéia, negando a própria estrutura grandiloquente e heróica que deveria ser a tônica dos **Cem Anos de Solidão**, enquanto saga de heróis. Com esse procedimento ele obtém um duplo efeito: eleva sua obra ao patamar de texto literário, dialetizando, de um lado, com os pressupostos políticos, e, de outro lado, com os ditames estéticos europeus, oferecendo um estilo disfórico-alegórico como alternativa estética e sociológica da condição latino-americana. Negando, enfim, a força do opressor histórico na instituição estética desse “signo da negação”, acredita-se, talvez, que o autor intente conseguir subverter a sensação psíquica de falência étnica, cultural e política que o opressor infundiu na consciência coletiva do homem latino-americano através dos séculos de dominação.

O final trágico da história ficcional permite depreender que o resultado imediato desse embate ideológico dentro da América Latina real (metaforizada pelo suburgo Macondo), é o surgimento, na cena social global, de um retrato político-cultural caricaturizado: os Estados Unidos produzem um super-homem de aço e voador para os representar na “liga da justiça”, enquanto que a América Latina institui o “Chapolim Colorado”, um adulto infantilizado, vestido à moda dos super-heróis, que nos representa em horário de programação infantil na televisão, catequizando nosso futuro através das crianças.

O super-homem de aço norte-americano é vulnerável apenas à “criptonita”, material que existe somente em outro planeta. O Chapolim Colorado já nasce com perfil senil, ignoto, satírico, o que o torna vulnerável de nascença a qualquer coisa no nosso planeta. Instaura-se, assim, a dinâmica do herói norte-americano e do anti-herói latino-americano subdesenvolvido, deixando mais evidente as margens do rio sócio cultural que separam os norte-americanos do restante do continente.

Vemos, então, que a consequência direta de uma submissão historicamente ingênua é a de que os neocolonizadores engessam o futuro da América Latina dentro dos limites inconsistentes de suas próprias incompetências.

Nas Gerais da Cultura

Mídia, Poder e Prostituição

Tempos atrás, criou-se uma grande polêmica em torno da legalização dos bingos no Brasil. Pendenga essa que já teve em outros presidentes republicanos, como Jânio da Silva Quadros, momentos de glória, nos serve neste momento apenas como ponto de partida para algumas reflexões.

O presidente Lula, usando de uma admirável retórica, disse que se legalisassem os bingos, alguém poderia, no futuro, pedir-lhe que autorizasse, também, o trabalho infantil e a prostituição. Suas palavras, naquele contexto, tiveram o objetivo de refrear os ânimos dos sindicalistas e dos trabalhadores que saíram pelas ruas em defesa do restabelecimento dos empregos gerados pelas atividades da jogatina.

Deixemos na linha de espera a apreciação do mérito da questão sociológica de Lula, bem como a necessidade geral de sobrevivência dos empregados do setor e os interesses classistas dos sindicatos, e focalizemos a lição que sobrou daquele episódio, o qual originou, tempos depois, inúmeras liminares pelo país, autorizando o funcionamento dos bingos. A Justiça, em certas situações, nem sempre age corretamente, mas sempre de acordo com alguma lacuna da lei: a lei salienta-se, não é moral nem imoral, mas amoral.

De alguma maneira, o ressentimento político que experimentamos é o de que, apesar de toda filosofia, nossos representantes parecem ser cúmplices de práticas questionáveis. O funcionamento dos bingos tem a aparência virtuosa de fomentar empregos e, por isso, não importa à comunidade se neles se pratiquem a lavagem de dinheiro, pois lavagem de dinheiro não é o tipo de violação da norma que nos ameace pontualmente na sala de estar. Mesmo porque, as pessoas estão acostumadas a fazer as refeições vendo programas de televisão que transformam a tragédia humana diária em notícia de pasquim.

Alguns matracas, seja na mídia impressa, no rádio ou na televisão, vivem de perto esse paradoxo na esfera moral da informação, desencadeado pelo que chamaremos na esfera política de “o dilema de Lula”. De um lado, a mídia precisa vender seus espaços publicitários, para que continuem imprimindo suas páginas ou indo ao ar. De outro lado, sabem que a maior parte das inserções publicitárias não oferecem nada realmente útil para o progresso da humanidade. Noutros termos, o que se tem na imprensa, é algo parecido com o “dilema de Lula”: se o presidente legalizasse o bingo, teria de fazer vista grossa com outras falcaturas. No espaço midiático, essa corrupção é menos visível do que no ambiente da coisa pública, e nem por isso mais aceitável. Se, no Palácio do Planalto, a essência da questão está no âmbito das causas nacionais e pode, sem esforço, reduzir-se à simples opção entre a popularidade ou a impopularidade da medida presidencial impeditiva, na seara das informações, a charada da mídia, num contraponto com o “dilema de Lula”, particulariza a “banalização do *nonsense* urbano” na sala de jantar.

Assim, tanto nos bastidores do poder quanto nos proscênios da notícia, a prostituição é rechaçada pelo discurso, mas a rotina a consente. Nem a perspicácia de Lula, nem a força histórica e revolucionária da mídia brasileira conseguem delimitar e fazer valer as fronteiras da eficácia da moral. No caso de Lula, as letras da lei e as canetadas jurídicas contribuíram para que a sociedade se tornasse co-autora do próprio suicídio. Em se tratando dos comunicadores sociais, quando têm de escolher entre divulgar os males do álcool, do tabaco, do açúcar, da farinha de trigo, e embolsar enormes quantias para vendê-los, calam a voz da razão e apegam-se às razões da conta bancária. Parte da mídia e do *establishment*, portanto, tem ligações íntimas com algum tipo de prostituição: organizam a bacanal social e tiram as roupas do pudor pelo preço que nossa vergonha pública puder suportar.

Nas Gerais da Cultura

O Capitalismo é Paradoxal

Para alguém colocar uma criança distribuindo panfletos numa esquina, tem que haver uma estratégia retórica de convencimento bastante eficiente.

Karl Marx já advertira à civilização sobre os possíveis excessos que se poderiam cometer em nome do capitalismo. O sistema econômico capitalista, que não é uma prática recente na economia, uma vez que tem raízes históricas que remontam aos Burgos e Feudos medievais e às Grandes Navegações da Era Moderna, como todo sistema econômico, tem efeitos colaterais que prejudicam o funcionamento da sociedade como um todo e, apesar de prejudicarem, não se pode dizer, necessariamente, que são efeitos imprevistos.

A novidade, então, nesse contexto econômico-político-social, fica por conta da constatação de ter-se uma crescente necessidade de se extrair de seres humanos cada vez mais jovens, a vitalidade disponível de sua mão-de-obra.

Deparei-me com esse fato outro dia. Parei num semáforo e avistei uma menina, linda, muito jovem, abordando veículos e oferecendo panfletos aos motoristas. Tinha na cabeça um boné e vestia uma camiseta, ambos na cor branca – a cor era a metáfora da sua inocência -, nos quais lia-se claramente o nome de uma agência de modelos, agência a qual não citarei o nome, não por conviência, mas por não me lembrar exatamente do nome, evitando assim uma crítica injusta ou imprecisa.

Que problema há em trabalhar, alguém poderia perguntar-me? De imediato, nenhum. Uma vez que o trabalho visa justamente a atender às necessidades materiais. Entretanto, percebemos que o problema da menina no semáforo é ideológico. Parece-me existir um sem número de leis e decretos impedindo que menores trabalhem. Contudo, é preciso que fiquemos atentos para a aplicação da lei pura, pois acabaríamos impedindo a iniciação ao trabalho de jovens em empresas sérias e responsáveis, proporcionando uma geração de adolescentes ociosa e irresponsável. Mas voltemos ao problema ideológico. Para alguém colocar uma criança distribuindo panfletos numa esquina, tem que haver uma estratégia retórica de convencimento bastante eficiente. Penso que aquela garota, enquanto se expunha ao sol quente e ao contato com estranhos e delinquentes de todos os tipos, alimentava, paralelamente, o sonho de realizar-se profissionalmente como modelo. Da mesma forma que ela não tem a noção de que, para o seu sonho realizar-se, terá que passar a maior parte da vida vomitando as refeições para manter-se no peso ideal, também não tinha consciência do perigo que corria expondo-se à ação de marginais, e muito menos dos interesses comerciais aos quais a agência de modelos que a contratou atendia.

O capitalismo necessita reproduzir-se em todos os lugares, é assim que funciona a grande pirâmide da circulação das riquezas. Em breve, teremos comerciais de roupas, chupetas e mamadeiras estrelados por fetos, ainda no útero das mães, preferencialmente famosas, com legendas dizendo sobre a preferência fetal sobre determinada marca ou produto. Quando os nossos filhos são capturados pela máquina ideológica do consumo nos sentimos prejudicados, quando eles auferem lucros dessa mesma máquina, nos congratulamos com a riqueza, fama e sucesso assim obtidos.

Marx dizia que o capitalismo é insaciável. A ganância do ser humano encaixou-se perfeitamente ao aspecto ávido do sistema capitalista primitivo, e acrescentou-lhe pitadas da inconsciência humana tornando o capitalismo moderno, no mínimo, paradoxal.

Nas Gerais da Cultura

O Perdão é Conversível

A platéia está confusa. Houve um tempo em que espectadores do futebol iam aos estádios para presenciar espetáculos. Os atletas, em campo, com malabarismos, passes geniais, dribles impossíveis, encantavam ao público. O resultado final da partida era secundário, mediante a qualidade e beleza do show ao qual assistiam. Hoje, a busca pelo resultado embutiu na cabeça das pessoas a vitória. Para obtê-la a ousadia deve ser banida do futebol. O jogador que driblar ou que, nessa tentativa, perder a bola, pode ser espancado pelos adversários ou ser execrado publicamente.

O circo psicodélico-eletrônico empresta aos espectadores um rol de opiniões que não são suas. A torcida passa a manifestar o pensamento que aprendeu lendo ou vendo na TV, como se fosse seu. Nesse processo eleva-se à categoria de mito o galã da novela e o craque do esporte, apagando-se da consciência a própria tragédia existencial. Acordamos dessa fantasia somente em catástrofes coletivas, como enchentes, guerras, crimes relâmpagos. Assustados, cobramos em coro uma solução dos governantes. A consequência disso é que o espetáculo não serve mais para a diversão das massas. Perdeu lugar para a manipulação da vontade. A festa do improvisado impensado do mito cedeu ao previsível e ao palpável da banalidade humana.

A ética do previsível invadiu as igrejas. As pessoas iam aos templos para encontrar-se com Deus. Buscar equilíbrio entre a opressão vivida no mundo real e a redenção possível prometida pela contemplação do invisível. O caráter do oculto nas religiões ganhou manifestação externa de espetáculo. Parece que quanto mais espalhafatoso o culto, ou quanto mais paramentado vestir-se o celebrante, mais comovente e convincente será a mensagem. Não temos mais religião, no sentido da busca a Deus. O que temos hoje, dentro das igrejas e dos estádios, são competidores. A maior parte não sabe que compete. Pensando estar constituindo uma família esportiva ou espiritual, montam um time vencedor para jogar o jogo das descompensações mundanas. A grande propaganda religiosa contemporânea, cujo *slogan* é “meu deus e o melhor”, congrega duas vertentes. Uma caminha na direção de prometer a solução dos problemas pessoais no céu, na vida após a morte. Outra oferece a solução dos percalços ainda na vida aqui na terra.

De qualquer maneira, parece que tanto uma vertente quanto a outra, trabalham com a idéia da vitória – e isso parece bom. Mas é através da catarse que promovem o expurgo das tensões, o entorpecimento da razão e o esquecimento momentâneo dos princípios. A platéia quer ouvir pessoas dizendo: compramos um carro novo, uma casa, uma fazenda. Isso de apenas dizer que Cristo voltará, e que todos são iguais, já não é o suficiente. Precisa-se salientar as diferenças. A platéia está confusa entre a idéia de um deus que salva e redime, e a idéia de um deus que abastece e satisfaz.

Em Israel e na Irlanda a incompatibilidade de idéias sai do âmbito dos templos e vira competição ideológica nas ruas. Essa mesma confusão promoveu a morte do Messias: ele concentrava em sua pessoa as idéias de redenção no porvir e fartura no agora terreno, pois, ao mesmo tempo em que levitava sobre as águas e oferecia a outra face ao agressor, multiplicava pães para alimentar os famintos e produzia vinho para alegrar dançarinos. Dava a César o que devia ser de César, mas também dava a Deus o que era de Deus. Seus milagres e parábolas eram dribles geniais. Deixaram a linha de defesa da ignorância humana perplexa. Seu time de vencedores – os apóstolos - era o mais bem preparado, e tinha o melhor técnico. Mas, no jogo da vida, para cada pecador a ser redimido no céu, existe um perdão conversível de quatro rodas e bancos de couro na terra.

Nas Gerais da Cultura

A Cidade Antiga, a Moderna e o Estado

Fustel de Coulanges escreveu o livro **A Cidade Antiga**. Nessa obra (p.196, 2ª edição, 1999), ele lembra algumas divergências de classes registradas no passado. Embora o autor considere que na cidade antiga não houvesse uma separação explícita das classes sociais, ressalta que as desigualdades afluíam, contudo, sob o molde de grandes disputas pela hegemonia de certo grupo ou interesses no poder. Em Atenas, lembrava, divergiam os *eupátridas* e os *tetas*, em Esparta, os *iguais* e os *inferiores*, na Eubéia, os *cavaleiros* e o *povo*, em Roma, os *patrícios* e os *plebeus*, etc.

Apesar de hoje termos divisões sociais mais claras: classes A, B, C, D, E, não é raro encontrarmos, ainda, lutas étnicas, preconceitos raciais, ou rechaços violentos, muitas vezes motivados pela opção sexual distinta. O que é curioso nisso tudo, é que, no passado, as lutas sociais foram essencialmente travadas entre as pessoas. Elas queriam, a qualquer custo, defender o seu ponto de vista, que não necessariamente condizia com o ostentado pela maioria, mas apenas de uma parte do grupo social. O poder era o símbolo da ordem pública. Atualmente o desrespeito, e não as pessoas, é que está na pauta das lutas.

No interior de Minas Gerais, antontem, no município de Unaí, quatro representantes do Estado foram mortos, num julgamento que não lhes conferiu direito algum de defesa e recurso de sentença. O que se viu ali, no episódio de Unaí, não foi apenas o assassinato de três fiscais do Ministério do Trabalho, e de um motorista que os servia de guia – o que por si só já constitui fato de muita gravidade e imenso pesar. O que vimos foi o sintoma inevitável de uma guerra que as classes dominantes, no sentido mais arcaico do termo, estão tentando travar contra o Estado.

Não foi um crime contra os indivíduos. A batalha está sendo travada entre as divisões sociais do povo e o Estado, independentemente de quem seja o seu representante.

O pretexto que se alegue, talvez até pareça justo para alguns. De um lado, parece existirem denúncias de trabalho escravo em algumas fazendas da região, por isso a presença necessária e providencial dos representantes do governo no local. De outro lado, estão as pessoas que não agüentam mais a presença do Estado em suas vidas: basta sair um índice de inflação pessimista e os preços da cesta básica sobem. Basta faltar dinheiro para cobrir o orçamento da União e mais impostos são inventados para cobri-lo, e os que existem são majorados. Cria-se uma lei de benefício ao idoso, e quem paga a conta são os mais jovens – e aumenta-se a carga do custo de vida sobre todos. Constróem-se presídios de segurança máxima em cidades calmas e interioranas como a de Presidente Bernardes, e tem-se início a uma matança de juizes, seguidos de um pânico geral da população.

Em suma, parece que existe um desejo de luta emergente de todas as camadas sociais contra o Estado. Os presos reclamam do sistema prisional: ele não reeduca ninguém, por isso os mal-educados saem matando carcereiros e juizes como forma de protesto? Os empresários e o vice-presidente de Lula pedem juros mais baixos – e nesse coro juntam-se os latifundiários que reclamam dos juros escorchantes que elevou a patamares impagáveis suas dívidas, motivo sob o qual justificam como única saída o trabalho escravo no campo e a provável matança dos fiscais do Estado a eles preliminarmente atribuída. O MST quer terra para produzir, teto para morar e financiamento. Os movimentos populares são a rabeira do processo, talvez, por isso, sejam os únicos a contabilizar mortos nessa luta.

O momento é preocupante, pois, sob o discurso retórico do desenvolvimento, as distâncias sociais estão aumentando a níveis insuportáveis. A sociedade, em geral silente, quando intensamente subjugada, pode explodir violentamente, basta olhar para a história.

Nas Gerais da Cultura

A Campanha Eleitoral Na Televisão

O poder político parece uma coisa muito engraçada. Dias atrás, o estilista Clodovil, no seu programa de televisão diário *A Casa é Sua*, exibido pela Rede TV, verbalizou uma ou outra descompostura usando a imagem da prefeita paulistana Marta Suplicy. Deu o maior bafafá. Ela ameaçou de tirar o apresentador do ar e tudo. Tanto foi convincente na advertência, que o âncora, ao pronunciar sua devida retratação, ao vivo, não deixou por menos e lavou toda a roupa suja. Revelou ao público que a mesma prefeita, antes de ter o poder, já o tirara do ar numa outra ocasião e que, devido àquela atitude, ele, o estilista, amargara duras penas, passando fome e endividando-se. Baixaria total. Ao lado do aspecto de fofoca do episódio, o que julgamos merecedor de atenção nesse entrevero, é o fato de que vários cidadãos de São Paulo, todos os dias, nas ruas, indo para o trabalho a pé, ao abrir a marmitta, nos semáforos, nos postos de saúde, nas escolas mal conservadas, sofrem inúmeras humilhações, bem piores do que um xingamento de “perua”, por exemplo, e, nem por isso, saem ameaçando de “tirar do ar” os governantes responsáveis pelo conjunto que determina essa contingência indesejável em suas vidas. A resposta da prefeita foi imediata, sentiu-se ofendida, pediu retratação pública, e obteve. Mas, na outra ponta do cordão social, se alguém quiser mais segurança, melhores e maior quantidade de ônibus circulando, mais remédios nos postos de saúde, o processo será bem mais lento. Tão lento que até desanimam e desistem de reivindicar o que lhes é justo.

O que o eleitor pode concluir disso é que o poder político não é coisa muito séria. Machado de Assis, em suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, salientara que “à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame” (Ática, 1997, p. 55). A Senhora Prefeita, acredito, deveria ocupar-se mais de resolver os problemas da cidade, e menos com os problemas pessoais. Nas últimas eleições presidenciais, a que elegeram Lula, o hoje Ministro, mas então também candidato Ciro Gomes, após o resultado do pleito, entrevistado numa emissora de televisão, foi indagado sobre o fato de querer arrepender-se de alguma coisa que houvesse feito durante a campanha eleitoral. Ele foi taxativo. Disse que sim. Que no evento de seu desentendimento com um membro da imprensa, durante a campanha, chegando a partir para as vias de fato, se arrependia, pois ele, Ciro Gomes, deveria ter consciência de que estava se preparando para ser presidente do Brasil, e que essas controvérsias não deveriam merecer mais do que um breve segundo de atenção.

Esse talvez seja o melhor exemplo para a Sra. Marta Shimidt Vasconcelos, que adota o sobrenome Suplicy, que é do ex-marido, o Senador Eduardo Suplicy, e que por força da lei que assim a autoriza, o usa no próprio nome. O caso protagonizado por ela e pelo estilista Clodovil não deveria merecer mais do que uma reverência, um aceno de superioridade e discrição, a fim de que não se expusesse desnecessariamente a máquina estatal numa ocorrência de tão pouca relevância, levando-se em consideração o cargo que ela atualmente ocupa e os desdobramentos disso em pleno ano eleitoral. Apesar de ser manifestamente contrário ao que vou dizer, não posso deixar de reconhecer que, pelos mesmos motivos que a prefeita deveria ignorar as menções desonrosas proferidas por Clodovil, ou seja, principalmente o fato de ser um ano eleitoral, ela garantiu uma exposição antecipada de seu nome na mídia. O que é de se lamentar, entretanto, uma vez que essa campanha eleitoral começa caricata e num nível muito baixo. Tomara que essa não seja a tônica dominante da empreitada este ano.

Nas Gerais da Cultura

A Caverna Está Cheia de "Nós"

Na era da informática, algumas coisas funcionam como se ainda vivêssemos na idade da pedra. Algumas repartições públicas têm máquinas de escrever, ao invés de computadores, além de funcionários descontentes e burocracia excessiva. Criadouro ideal do mosquito "*corruptus ambulantis modernus*" (a expressão não existe no latim, trata-se apenas de uma alegoria para ser somada à ironia do título). Mas nem tudo está perdido.

Evoluímos muito no quesito moradia. Não habitamos mais cavernas como nossos antepassados. No início eram horríveis, escuras, frias e úmidas. Quinhentos mil anos atrás, nosso ancestral dominou o fogo. Tudo começou a mudar. Hoje, temos modelos de caverna bastante sofisticados. Tem caverna modelo periferia, com um ou vários compartimentos, com ou sem água encanada e esgoto com ou sem tratamento. Só para lembrar, em 2500 a.C., na Índia, foram construídos os primeiros sistemas de esgoto de que se tem história. Essa tecnologia ainda não chegou a boa parte de nossas residências – e nem na Índia.

Contudo, caverna modelo Zona Sul é outra coisa. Iluminação de alta tecnologia. Obedece ao comando da voz. Nas cavernas coletivas, como os *shoppings centers*, tudo parece perfeito. Na caverna tipo simulacro ("apagamento das diferenças entre o que é real e o que é imaginário": Sodré, Muniz. **A Máquina de Narciso**. Cortez: SP, 1994, p. 29) não chove, não esquenta, não esfria, não tem vento, nem feiúra, nem pobreza e tampouco tristeza. As pessoas sempre estão bem vestidas, penteadas, maquiadas e ricas. Gastam dinheiro, comem, passeiam, namoram. Parece que ninguém tem problemas e nem o que fazer. Tem também a caverna ideal, modelo Platão. Filósofo da Antiguidade Grega, na sua famosa Alegoria da Caverna, Platão estatui os limites de um mundo paralelo. Nesse mundo análogo, as pessoas ficam presas, sem ver a luz de fora da caverna e nem mesmo sabendo que existe um mundo exterior. As cavernas da periferia custam a existência da pessoa que a habita. As cavernas da Zona Sul custam aos usuários alguns trocados. As cavernas coletivas do consumo são reveladoras da ilusão de todos: é uma alegoria da existência.

Um professor de História da Arte, Romildo Sant'Anna, certa vez, iniciou uma de nossas aulas, no curso de Letras da UNESP de Rio Preto, com essa colocação: "Vocês já imaginaram a alegria que sentiu o homem das cavernas, quando ele descobriu o buraco?"

Sinceramente, eu nunca havia pensado nisso. O buraco é de uma utilidade ímpar. Para aproveitar a água que caía do teto da caverna ou das chuvas, nosso parente primitivo cavou um buraco no chão e aprendeu a armazená-la. Incrível! Espetacular mesmo foi quando passou a fabricar potes de argila e aproveitar as vísceras e couros de animais como reservatório de líquidos. O pote de barro era o buraco para cima, que ficava de pé e podia ser enfeitado - é a origem do homem estético, pois não lhe bastava a utilidade, tinha de dar prazer. O outro, os sacos, eram buracos portáteis. Que maravilha! Um empresário capitalista da época, se bem soubesse aproveitar essa invenção, lançaria esse *slogan* - pra vender os buracos portáteis, por exemplo: "Se você está cansado e desanimado, o problema talvez esteja com o seu buraco. Adquira já um buraco novo. Proteja-se contra buracos duvidosos. Buracos de confiança você só encontra aqui".

É interessante notarmos que, apesar de toda a evolução biológica e intelectual pelas quais passamos na história humana, ainda tentamos encontrar o buraco perfeito. Realizamos incursões vorazes pelos corredores dos *shoppings*, à procura do "buraco ideal", perfeito para as nossas necessidades e que seja confiável. A humanidade ainda está na adolescência biológica. E, intelectualmente, ainda somos incapazes de inventar algo melhor e mais útil do que o buraco nosso de cada dia.

Nas Gerais da Cultura

A Escola Possível e a Escola Desejável

De um lado, as famílias estão sendo desestruturadas por diversos fenômenos sociais, como o da crescente atividade profissional da mulher e a propagação maciça de princípios de liberdade comportamental que criam adolescentes com desejos precoces. De outro lado, algumas escolas foram transformadas em depósitos de gente. Essa é uma combinação culturalmente suicida que induz os estratos sociais a práticas comportamentais incompatíveis com a função da família ou inadequados à idade.

A saída da mulher do ambiente doméstico para o mercado de trabalho, quando ela já tem responsabilidades maternas e conjugais, contribuiu para o dismantelamento da linhagem. Isso porque, sob o pretexto, perfeitamente aceitável, de que a mulher precisa também conquistar seus espaços, elas se esqueceram de um detalhe: quem cuidará da casa e das crianças se todos saírem buscando novos horizontes? Historicamente, a parceria conjugal rezava que o homem saísse de casa para trabalhar já que e as funções domésticas ficavam a cargo da mulher. Atualmente, a sociedade, motivada pela solidificação dos justos direitos da mulher, percebe que nem o homem e nem a mulher cuidam mais de seus filhos e pertences, permanecendo esses aos cuidados dos serviçais, celebrando-se uma nova parceria entre empregados domésticos, os videogames, os televisores e os computadores para os cuidados do lar e dos filhos.

Há ainda o descaso do poder público, que insiste em atacar os problemas sociais pelos efeitos e não pelas causas, mascarando a questão com soluções temporárias. Um exemplo de mascaramento acreditamos que esteja dentro da escola pública, sob o nome de progressão continuada. Tentando-se resolver rapidamente o problema da repetência e da evasão escolar, o poder público simplesmente decidiu camuflar a sua incapacidade de gerir as escolas e as verbas públicas, promovendo a mágica da aprovação. Assim, todos os alunos passam de ano, independentemente de terem aprendido alguma coisa, e os números negativos das estatísticas são positivados e todos ficamos felizes, para sempre, amém.

Os defensores deste sistema dizem que ele é originalmente bem intencionado, e que foi subvertido pelos gestores da educação. No entanto, muitas outras experiências sociais bem intencionadas, como o Socialismo, foram corrompidas por procedimentos que as inviabilizaram ao longo do tempo: a Rússia trocou de sistema econômico, a China abriu as portas de sua economia, e Cuba, ficou sem economia nenhuma. Talvez já seja o tempo de se rever profundamente o papel moderno da família e da escola.

Não devemos ignorar que esse sistema até seria bastante eficiente se o alunato a ser contemplado por ele colaborasse, se realmente estudasse em casa, fizesse suas tarefas extracurriculares regularmente, e não tivesse carências sociais tão amplas, que partem do âmbito afetivo e chegam ao nível das necessidades básicas de alimentos e vestuário, sem mencionar o respeito ao patrimônio alheio, aos professores e a si próprios.

Como causas do previsível caos sócio-cultural que se desenha, temos o conflito de expectativas entre o aluno desejável e o aluno disponível, associado aos elementos de desestruturação social e da família. Ao contrário do que se acreditava, acontece uma rápida queda no ânimo dos professores, bem como do ímpeto de aprender dos alunos, pois nem um e nem outro vêem os resultados de seus esforços: os professores trabalham muito e ganham pouco, os alunos ficam muito tempo dentro das escolas e não passam nos vestibulares. Resta, aos alunos, o consolo de chegar às universidades, a fim de que nelas sejam reciclados, embalados e salvos do semi-analfabetismo. Aos professores, resta o alívio catártico desse artigo de jornal. E a família? Era uma vez.

Nas Gerais da Cultura

A Jaula Mais Chique do Mundo

Ainda estava na faculdade quando visitei uma escola na qual eu havia cursado parte de meu primeiro grau (hoje designado como ensino fundamental). Estranhei-a. Estava repleta de grades de ferro cercando todos os seus acessos e saídas, fazendo-a parecer com uma cadeia. Na hora não entendi se o aparato férreo servia para impedir a entrada de estranhos indesejáveis ao estabelecimento ou se para evitar a fuga dos alunos. Hoje, depois de cinco anos dentro de salas de aula, acumulando experiências docentes que vão do ensino em escolas públicas de periferia indo até o universo das escolas e universidades particulares mais bem pagas da cidade, já arrisco uma resposta. As grades serviam e servem para as duas coisas.

É com igual estranhamento que olho para as grandes cidades e percebo a proliferação de condomínios residenciais fechados, seguranças particulares, blocos de apartamentos e um intenso tráfego de carros blindados. A onda urbana e rural de crimes nos põe em situações constrangedoras, nos levando a questionar o verdadeiro grau de qualidade da civilização que obtivemos até agora. Os condomínios fechados funcionam como jaulas coletivas, os seguranças são jaulas individuais ambulantes, os apartamentos são nossas gaiolas e os veículos blindados são nossas jaulas portáteis, e os cofres residenciais, nossas alter-jaulas.

Ao lado desses pretensos mecanismos de defesa instituídos pela sociedade, percebemos que, para cada novidade oficial anunciada no combate à marginalidade, existe outra em favor da delinqüência. Nossa luta, portanto, parece inglória e ineficaz. O combate tradicional ao crime atua alopaticamente. Isto é. Combater o sintoma não adianta, mais eficiente seria resolver o que o causa. Não adianta também buscarmos soluções milagrosas como a alardeada unificação das Polícias, intensificar-se a aquisição de armas de grosso calibre, tipo as usadas para matar elefantes, coletes à prova de balas de canhão, ou ainda anunciar-se à criação do Ministério da Segurança e a criação da Guarda Nacional.

A qualidade de nossa sociedade está posta em xeque. O nível de nossa civilização pode ser perfeitamente reconhecível se verificarmos a qualidade dos prisioneiros os quais produzimos. Não adianta também matá-los. Colocá-los numa ilha distante. Para cada cinco criminosos presos dois saem por bom comportamento no segundo ano de encarceramento. E, novamente nas ruas, metade volta a delinqüir. Outros dois fogem antes do sexto mês. O quinto fica dentro da jaula do governo mesmo, controlando de lá de dentro o crime, sob a tutela atenta dos seguranças particulares que o Estado lhes oferece.

O momento é crítico e sugere que a civilização repense globalmente os seus pilares de sustentação. Sugere também que redimensione os valores políticos, sociais e culturais.

Se não repensarmos nossos critérios, obviamente chegaremos à conclusão de que a forma de vida dominante no planeta é o dinheiro ou o *status* que ele proporciona. E, de tão raro no bolso das pessoas que é esse tal papel moeda, elas sentirão saudade do que nunca têm ou nunca viram. Ou tentarão conquistá-lo criminosamente ou erigirão, em praças públicas, estátuas em homenagem ao ilustre desconhecido "dinheiro", e este passará, de novo, a ser idolatrado como sendo o nosso novo deus.

Nas Gerais da Cultura

A Monarquia no Brasil

Com que força admirável a nossa monarquia persiste em moldes populares. Todos os dias, nos últimos vinte anos, Xuxa, amealhou o título de rainha dos baixinhos, cujo reino é a tela da televisão. Pele é o rei do povo, sua coroa é a bola, e seu reino são os estádios.

A monarquia brasileira não só existe como resiste. Em teoria, pelo menos, deveríamos ser republicanos. Está na Constituição Federal de 1988, escrito e registrado. Mas com que ânimo admirável a nossa monarquia popular persiste. É extraordinário.

Nos anos sessenta, Roberto Carlos e sua corte inauguraram a Jovem Guarda. Roberto tomou-se o rei do pop romântico nacional. Na nossa cidade, como em outras, no comércio há muito "reis". É rei das ferramentas, do bolinho de bacalhau, do pastel, do desmanche. Tem cacique para todo tipo de índio.

Anualmente, numa partida do circuito nacional de vôlei de praia, o título em disputa é o de "Rei dos Reis" do vôlei de praia. Acho aquilo bastante interessante. Com tantos reis pelas ruas estou ressentindo que o valor psicológico atinente à majestade acabou ficando diluído no universo do desdém, justamente por estar distribuído por um número muito grande de postulantes à nobreza instantânea. Acredito que seja mais ou menos o que aconteceu com a figura de Jesus de Nazaré.

Lendo a história antiga, podemos perceber que o "título" de Messias (aquele que deveria ser ungido), era reivindicado por muitos profetas. Por ocasião da passagem do profeta chamado Cristo pela Terra, muitos contemporâneos seus acreditaram não ser a figura de Jesus, o hoje chamado Rei dos Reis, filho de José e Maria, aquele profeta que se enquadraria nos atributos de um verdadeiro Messias, como estava previsto nas escrituras sagradas e que, por isso, era tão esperado pelo povo para ser o seu redentor.

Entre reis profusos e súditos esperançosos, o fato é que alguns crédulos nas profecias do fim do mundo sempre pregaram que os indícios do fim dos tempos seriam as guerras e catástrofes e o aparecimento de falsos profetas. Depois do atentado de 11 de setembro nos EUA, do agravamento da questão Palestina e da quantidade de reis andando pelas ruas, estou começando a acreditar que, ou o fim do mundo está mesmo próximo, ou estamos prestes a convocar uma nova Assembléia Constituinte para atualizar o sistema de governo.

No novo texto constitucional sugiro que devam constar os pressupostos da primeira monarquia popular pluralista do mundo, a qual será encravada no Brasil. Sugiro também que se faça a diferença entre o conceito singular de Rei e o conceito plural da majestade tupiniquim. Aliás, já que somos uma monarquia plural, não tem nada demais aceitar uma crença politeísta em santos que joguem bola e em outros que rebolem na televisão.

Nas Gerais da Cultura

“A Nível de” Sucesso, Com Certeza

Pedro Bial, um intelectual que já fez até filme sobre a obra de Guimarães Rosa, é candidato a ser um novo Chacrinha.

É claro que o título escrito em mau português traz uma ironia implícita, mas o é assim, porque se visa chamar a atenção para o fato de que precisamos parar de louvar o ridículo e o grotesco como se fossem algo desejável, invejável e digno de louvor. Um caso é o dos jogadores de futebol, em sua maioria semi-analfabetos, de origem humilde. Mas o fato de serem humildes não justifica fazerem mímica do Hino Nacional no início das partidas. Na condição de representantes do país, deveriam realmente cantá-lo. Mas, enquanto isso ganham milhões de dólares por semana para, na hora de fazer um gol, chutam a bola para fora do estádio, e repetem discursos decorados nas preleções.

Todos nós sabemos o que eles vão dizer quando vão ser entrevistados nos *shows* do intervalo: "Ah, com certeza, o professor tem dado essa chance e se a gente aproveitarmos bastante isso pra mostrarmos nosso futebol, vamos fazermos um bom resultado, porque a gente sabemos da importância disso para o time", e por aí vai. As mais recentes novidades no cenário das aberrações nacionais são os musculosos trogloditas — não mais estudados que os futebolistas e nem menos erotizantes que os pagodeiros — que ficam ricos e famosos em três meses, falam gíria, andam seminus dentro de uma casa repleta de mulheres disponíveis, e aguçam ainda mais o imaginário coletivo, além de motivar a ação notívaga de psicopatas.

Silvio Santos foi eleito o psicoterapeuta nacional: seus programas são o reino da catarse. Pedro Bial, um intelectual que já fez até filme sobre a obra de Guimarães Rosa, é candidato a ser um novo "Chacrinha" — pelo aspecto paradoxal de sua postura quando se submete à apresentação de um espetáculo sobre o grotesco de nossa cultura, como é o caso do Big Brother Brasil. Paciência. Vai ver o Sílvio e o Bial, até têm razão, porque se eu fosse convidado para apresentar ou para participar de um programa de realidade, aceitaria. Entretanto, o dado mais lamentável dessa inversão de valores é a constatação de que fica cada vez mais difícil para os educadores, em todos os níveis do ensino, convencer aos estudantes de que estudar será bom para o futuro deles. Qual futuro? A maior parte dos profissionais diplomados e qualificados está amargando horas de espera nas filas das agências de emprego, e os que estão empregados ganham salários miseráveis.

A educação sofreu um processo inversamente proporcional no mercado das opções sociais. Enquanto que, no passado, a democratização da educação em nível superior aparecia como um dos mecanismos mais eficientes de promoção da distribuição de renda, uma vez que proporcionaria aos diplomados maiores chances, bons empregos e melhores salários, o que se vê, de um lado, é justamente a inversão da idéia. De outro lado, os empresários da educação estão levando a maior fatia do bolo. E a culpa não é deles, pois, se não empenhar seu capital no mercado da educação, provavelmente o fará num outro.

O diferencial dessa relação está no usuário do sistema: o aluno, a sociedade como um todo. Este sim são os focos do problema. Por isso, adiantaria pouco o jogador de futebol aprender a cantar o Hino Nacional ou expor conceitos filosóficos numa entrevista. Ninguém está verdadeiramente apto para entender. Se há uma solução para essa equação sócio-educacional, ela passa necessariamente pelo posicionamento crítico do cidadão em relação ao que come, ao que veste, ao que ouve e ao que vê.

Ou dizemos um basta urgente, ou estaremos, *a nível de sucesso*, muito mal pagos, *com certeza*.

Nas Gerais da Cultura

As Máscaras de Paulo Maluf

No programa da apresentadora Luciana Gimenez – *Pop Show* -, exibido pela Rede TV, foi ao ar, na noite de 17/06/2004, uma entrevista realizada com o político Paulo Salim Maluf. A todo tempo, pressionado pela revelação de inúmeras denúncias, num programa mostrado ao vivo, Maluf manteve-se sob uma aura de intocabilidade, como se as denúncias não tivessem relação alguma com sua pessoa. É habitual e notória a tranqüilidade com a qual o empresário e político profissional, Paulo Salim Maluf, enfrenta as diversas acusações de desvios de dinheiro, superfaturamento de obras e de corrupção a ele direcionadas. No entanto, o que nos chama a atenção, é o que possa estar por detrás dessa máscara de invulnerabilidade que Maluf consegue manter imutável em torno de seu retrato político.

No imaginário popular, o político Maluf tem maior reconhecimento público que o empresário. Entretanto, às vezes, devido ao teor de algumas denúncias de corrupção que são trazidas à tona, o político Maluf parece esconder-se sob as asas financeiras e ilibantes do poder do empresário Maluf. Em outros termos, o que faz parecer, é que o político Maluf poderia creditar a sua não necessidade de dinheiro, ao fato de ser um empresário bem sucedido. E ele parece agir assim, pois quando está sob fogo cerrado, sofrendo ameaças quase incontestáveis, escolhe como rota de fuga o porto seguro de sua posição de empresário, cidadão de origem familiar rica, argumentos que, se não invalidam as ofensas, pelo menos contribuem para que as acusações sofram um considerável efeito atenuante.

É válido ressaltar que ele, o político, na condição de líder, tem um séquito de eleitores que nos permite impingir a Maluf uma conotação que o aproxima da performance lendária dos líderes religiosos. Uma grande massa de fiéis eleitores vota em Maluf com inquestionável devoção sacerdotal, independentemente de qualquer vendeta ou prova que se apresente contra ele. De acordo com a história isso já foi comprovado pelos vários pleitos eleitorais aos quais Maluf submeteu sua popularidade. Se ele não ganha todas as eleições que participa, não é nossa preocupação neste momento, porque, mesmo políticos tão patentes, porém, menos controversos do que Maluf, não conseguem vencer a todos os pleitos nos quais se candidatam. As pessoas pelas ruas construíram até um jargão de péssimo gosto, mas que traduz muito bem esse apego afetivo ao político Maluf: “ele rouba, mas faz!”. E, como os inqueritos e investigações instaurados contra Maluf, invariavelmente terminam por inocentá-lo ou arquivados por falta de provas, ao invés de puni-lo nas urnas, o povo acaba ficando ainda mais crédulo de que ele realmente “faz” o que promete, e que as acusações são apenas intrigas eleitoreiras. Ou seja, ao invés da rejeição, a consagração.

Em diversas ocasiões, e não foi diferente nesta entrevista, o político Maluf reiteradamente insistiu em dizer muito sobre a quantidade e a qualidade de suas obras. Noutros termos, enquanto a oposição política se preocupa em expor Paulo Maluf, imputando-lhe acusações bombásticas plantadas na mídia, o que ocorre, de fato, é que ele aproveita o palco que, em tese, apresentaria seu vexame, e nele faz um eloqüente e convincente discurso político, não deixando de realizar nessa ocasião seu comício particular em rede nacional de televisão, levado ao ar à custa das denúncias que tentavam justamente o contrário, ou seja, lançá-lo no rol dos politicamente esquecidos.

Mais uma vez, em ano eleitoral, o tiro da oposição saiu pela culatra e, no final, Paulo Maluf foi aplaudido de pé pela platéia que, durante a entrevista, até esboçou algumas vaias. Paulo Maluf chegou ao programa com uma máscara de criminoso. Ao término, trocou-a pela de Macunaíma, a máscara do herói sem caráter. O problema é que, como todo bom prestidigitador, Maluf não permitiu que ninguém visse a permuta de uma pela outra.

Nas Gerais da Cultura

As Novas Ditaduras

Nos anos sessenta os intelectuais brasileiros e artistas, juntamente com boa parte da sociedade civil uniram-se para combater a ditadura militar.

Depois de muito lutar contra o inimigo instalado no governo nacional, seguiu-se uma dispersão ideológica e um inesperado esvaziamento do sentimento ufanista que até então contaminara as ruas do país.

O povo deixou de sair pelas ruas e passou a conviver cada vez mais com a ideologia propagada pela televisão. Os intelectuais, a seu turno, inventaram um sem fim de teorias mirabolantes para tentar encaixar dentro delas, ao invés de explicar, os fenômenos sócio-culturais do mundo.

Disso decorreu o seguinte panorama bisonho. De um lado, a população passou a conviver isolada da massa crítica da sociedade que, se não servia para protegê-la com a capa mágica e invisível da sabedoria, pelo menos dava a impressão de que poderia fazê-lo a qualquer momento. Tanto era assim, que sempre que podiam os militares davam um jeito de sumir com algum militante mais esclarecido ou que se metia a falar o que não devia. De outro lado, contudo, a massa crítica tratou de construir uma torre de marfim imaginária do conhecimento e a instalou nos gabinetes das universidades públicas.

Assim, e a partir daí, o que se viu é que a população ficou órfã de seu super-herói verossímil – os intelectuais –, ao mesmo tempo em que os pensadores do Brasil criaram para o seu próprio mea culpa um modelo particular de ditadura.

No modelo ditatorial tradicional, o déspota manda em todo mundo, e a sua vontade tem sempre de prevalecer, a pretexto de que se suas ordens, se não forem cumpridas, os objetivos traçados unilateralmente para o país não sejam conquistados.

No novo modelo, a figura do déspota único é substituída pela ditadura do saber consensual coletivo. Nesse modelo, quem sabe mais dita as regras – é a teoria –, os demais, ao invés de combater e inovar – criar uma antiteoria –, manifestam o comportamento homogêneo de concordância com a idéia dominante, ou seja, transformam-se em co-repetidores do sistema.

O indivíduo que não concordava com o regime ditatorial no passado, era chamado de revolucionário, subversivo. Hoje, os que não concordam com o modelo teórico dominante são chamados de burro.

A novidade disso tudo é que, antes, se houve quem fosse chamado de burro, dizem os livros de história, foi quem pactuou com a ditadura. Hoje, curiosamente, burro é a pecha que sobrecai em quem não pactua com ela.

Desse jeito, fica cada vez mais difícil saber para que lado correr em busca da liberdade. O juvenzinho que esteja lendo esse texto, por exemplo, poderá até pensar, “bom, seu eu não estudar, posso eventualmente ser dominado, mas, se eu estudar, certamente serei dominado”.

É, amigo, está ficando mesmo complicado pensar a ditadura tupiniquim.

Nas Gerais da Cultura

As Novelas e as Guerras

A literatura é bastante farta em modalidades de texto. Conhecemos a poesia, o romance, o conto, o cinema, o teatro, a novela. É claro que poderíamos incluir no rol de texto literário, construções como as letras de música, as histórias em quadrinhos, o grafite, os jogos de RPG. Entretanto, o critério que determina que uma manifestação da cultura vai ou não ser canonizada pelo centro de excelência cultural nasce nas universidades, e eles podem nem sempre ser condescendentes com todas as tipologias textuais inumeráveis.

Das seis principais, a “novela” é o gênero ao qual dedicamos uma maior atenção neste breve texto. O termo *Novela*, lembra-nos o professor Massaud Moisés, em seu **Dicionário de Termos Literários** (São Paulo, Cultrix, s/d, p. 361-369), é impreciso, porém, é possível dizer que o vocábulo se refere a um tipo de texto híbrido, que encadeia em si uma série de sucessividades e cortes narrativos, e que, em termos de tamanho, se situa entre o *Conto* e o *Romance*. Estruturalmente, conclui Moisés, a *Novela* contém uma série de *Contos* entrelaçados, pois apresenta, em seu corpo várias unidades dramáticas distintas, contudo, todas portadoras de um começo, de um meio e de um fim.

A *Novela* que nós brasileiros conhecemos foi imortalizada pelas transmissões no rádio – as rádio-novelas. Atualmente, as telenovelas na televisão tomaram o seu lugar. No entanto, alguns textos escritos em prosa como os *Romances*, para o corpo da crítica literária internacional, também são tidos como novelas. Por exemplo, nos estudos teóricos de **A Hora da Estrela**, da brasileira Clarice Lispector, realizados na Universidade de Liverpool, e de os **Cem Anos de Solidão**, do colombiano Gabriel García Márquez, desenvolvidos na Universidade de Bradford, os estudiosos avocam a esses *Romances* o epíteto de *Novela*.

Controvérsias à parte, o que se quer ressaltar, é que o fenômeno novelístico no Brasil parece permitir à platéia um expurgo de suas inquietações psicossociais. As pessoas não escondem a expectativa, enquanto aguardam o momento em que o vilão ou vilã da história será desmascarado e punido pelos males que provocou. Da mesma maneira, o público fica torcendo para que o casal-símbolo da história fique junto no final da trama. Enfim, o que motiva o telespectador a seguir os capítulos das novelas, dentre outros fatores, parece ser a satisfação catártica que as emoções evocadas por meio das imagens podem lhes proporcionar. Catarticamente, o espectador pode exercitar “saudavelmente”, sua inveja, sua sede de vingança, seu desejo sexual secreto, sua veia sadomasoquista, sua agressividade, e até mesmo “realizar” um sonho de beleza ou de posse material.

Em países cuja cultura novelística não é tão difundida como ocorre aqui, temos a impressão de que muita energia negativa fica acumulada e escondida por detrás das máscaras sociais impostas pelo *glamour* da civilização. Por isso, cremos que, *verbi gratia*, os estados-unidenses tenham tanta vontade de guerrear por motivos banais. Talvez, pelo mesmo motivo, é que alguns membros da comunidade árabe nunca encontrem os caminhos da paz. Do mesmo modo, somos tendenciosos a acreditar, que o que impulsiona os jovens a agirem como pit boys violentos pelas noitadas da vida, deva-se ao fato de que eles não assistem às telenovelas, pois *Novela* e livro são coisas para mulheres, velhos e boiolas.

O interessante nisso tudo é a conclusão à qual se chega. Quem sabe, a solução para a violência urbana e para as guerras não esteja justamente na instituição da obrigatoriedade de audiência às adocicadas telenovelas? O problema é que, como quase todo lenitivo artificial, a telenovela tem um efeito colateral: favorece o entorpecimento da percepção crítica. Talvez, então, o melhor remédio ainda seja o mais amargo, sugerido já na Carta Magna ideal de Rui Barbosa, ou seja, os homens devem mesmo é criar vergonha na cara.

Nas Gerais da Cultura

"A Soberba é a Véspera da Queda"

(Bíblia Sagrada. Livro de Provérbios, 17; 18.)

Quando somos crianças costumamos perguntar aos adultos sobre os significados das coisas, na esperança de respostas convincentes. No entanto, crescemos sem muitos retornos. Mas ainda não conseguimos entender como podemos jogar fora, todos os dias, inúmeras parcelas de nosso tempo e de nosso trabalho enquanto inúmeras pessoas sobrevivem sem o necessário. Diariamente, pais de família e oportunistas saem pelas ruas e semáforos das nossas cidades tentando tirar das esquinas o ganha-pão. Com raríssimas exceções, se perguntarmos às pessoas se elas desejam uma oportunidade de sustento ou estudo, dirão que se tivessem sairiam das ruas.

Isso ocorre porque nós não saímos pedindo coisas pelas ruas. Porque não mudamos todos de profissão e nos tornamos vendedores ou distribuidores de panfletos nos semáforos? Nós todos não saímos pelas ruas pedindo ou trabalhando sob o sol quente, não porque não precisemos de dinheiro, ou porque tenhamos fartura de víveres em nossas casas. Não o fazemos, pelo fato de dispormos de um padrão mínimo de dignidade. Esse mínimo de dignidade consolida em nós centelhas de valores como o respeito próprio, que nos impede de caminhar em direção à ruína.

Outro dado interessante, que nos sustentaria no caminho certo, refere-se ao fato de que, o que nos faz acordar todos os dias, e recomeçar nossa labuta diária, não é, sem dúvida, a qualidade do almoço que nos espera ao meio-dia. Tampouco, a grife de nossas roupas. Menos ainda, o salário do fim do mês. O que nos dá forças para continuar lutando é o fato de termos ideais. Tem algo, em nosso íntimo, em que depositamos nossas esperanças, e pela sua realização, trabalhamos todos os dias. É essa mesma natureza de crenças que moveu uma moça que cortava cana na roça o dia inteiro em Sertãozinho - SP. No final do seu dia de trabalho, voltava para casa correndo distâncias enormes, descalça, até tomar-se Zeferina Baldaia, campeã de muitas maratonas pelo Brasil e pelo mundo.

Se as pessoas tiverem ideais e um mínimo de dignidade em suas vidas não precisarão roubar ou submeter-se a trabalhos pouco rentáveis ou desumanos para obter itens básicos de sobrevivência. Podemos perceber que não é dinheiro que falta ao homem, que não é nas ruas que se conseguem ideais, mas sim, no ceio das famílias e nas escolas. Dê-se um mínimo para todos e o supérfluo cada um correrá atrás. Não confundamos o número do mínimo com o montante do miserável. Eu me transportar com carro importado só tem sentido se todos tiverem à disposição um transporte público de qualidade, confortável, com abundância de trajetos e horários. Meu almoço, com filé regado ao molho madeira, só tem sentido se o jovem que engraxa meu sapato puder ter horário de almoço e, principalmente, ter um bom prato para comer e uma escola decente para freqüentar, e tornar-se um bom mecânico, um bom electricista, um bom mestre-de-obras, ou engenheiro, ou advogado, ou o que quer que sua família ou seus ideais almejem, e a sua força de vontade lhe propicie.

O assaltante não quer o seu carro nem seu relógio nem suas roupas importadas. Se assim quisesse, ao roubá-los, ficaria com eles. Ele os vende, troca por drogas. Também não quer drogas. Com esse ópio ele entorpece sua mente, pobre de ideais e rica em frustrações, e desfere a vingança contra os outros e si próprio, desencadeando um suicídio lento. A persistirem esses comportamentos de soberba cega dentro do sistema social de distribuição de riquezas – regido pela lei do “eu tenho porque mereço ou sou melhor que você” -, a relação sucesso/fracasso será diretamente proporcional. Ou seja, quanto mais caro o carro e as roupas que comprarmos, maior será o calibre da bala perdida à nossa procura.

Nas Gerais da Cultura

A Solidão e seus Enganos

Muito já foi dito sobre o amor. Diz-se que temos o amor em sua essência quando minha solidão encontra a sua solidão. Mas e a solidão? Essa vândala de almas, que anda noturnamente pelas ruas iracundas da cidade. O que se pode dizer dela? Muito ou pouco, mas, é sabido, que, silenciosamente, pessoas solitárias saem de casa todas as noites tentando encontrá-la e, assim, preencher os vazios que habitam suas existências. Caminhar pelas ruas centrais das cidades adormecidas durante a madrugada é quase um desafio de guerra. Encontra-se de tudo. Assaltantes, alguns mercadores de corpos, uns sócios do ócio, outros mendigos, e, ainda, alguns benfeitores sociais. Há, não raro, pessoas perdidas. Não aquelas que se perderam momentaneamente tentando encontrar um endereço certo, mas aquelas que ainda não descobriram o que vieram fazer nesse mundo, e permanecem presas a uma eternidade de incertezas. Um dia desses, chegando de viagem, muito cedo para transportes coletivos, decidi ir a pé para casa. Caminhando, mochila nas costas, não demorou muito para que eu visse alguns dos personagens acima apresentados. Cada um, a seu modo, sublimando as dores de ser o que estavam sendo naquele momento, escondendo isso de si mesmos sob um sorriso meio falso, meio verdadeiro, mas perfeitamente reconhecível.

Percebi, logo, que um carro passou lentamente no quarteirão em que eu estava e virou a esquina. Quando eu mudava de quarteirão, lá estava o automóvel me seguindo. Duas ou três quadras depois, o motorista tomou coragem, e parou um pouco mais adiante. Não pude, entretanto, e apesar da luz fraca da iluminação pública, deixar de perceber um adesivo bem grande no vidro traseiro do veículo. Era um símbolo nazista.

Devido ao contexto, não tive dúvidas. Um homem, usando brincos de metal, careca e sozinho, de madrugada, rondando um rapaz solitário, dirigindo um carro com um adesivo nazista, pára o carro e ainda fica me esperando com um pedaço de ferro na mão. Pronto! Pensei, vou meter-me em apuros.

Na incerteza da minha percepção e, até mesmo por medo de recuar, pois estava orientado apenas pela força do meu preconceito, continuei, embora hesitante, caminhando na mesma direção. Já bem próximo do motorista, respondi gaguejando o cumprimento sorumbático de boa noite emitido por ele. No que ele já emendou.

– Moço, graças a deus! Sou de fora, estou em trânsito, e vi que minha gasolina está acabando. O carro já começou a engasgar e o pneu furou, além do que eu não conheço nada por aqui. Não pude deixar de perguntar-lhe o que estava fazendo no centro da cidade àquela hora. E também o que fazia aquele adesivo no vidro. Ele me disse que entrou na cidade para jantar, os caixas eletrônicos fecharam, gastou o dinheiro que tinha disponível pagando a conta e que agora tinha de abastecer o automóvel em algum posto que aceitasse seu cartão de crédito ou cheque fora da praça. Quanto ao adesivo confidenciou, enquanto guardava a chave de rodas, que nem o houvera percebido ainda, pois adquirira o carro numa concessionária de outra cidade e que a única coisa que o preocupava no momento era chegar em casa o mais breve possível.

Disso tudo, a conclusão a que se chega é a seguinte. Primeira, é a de que nem tudo o que parece, é. Segunda, que a solidão de cada um, a cada um pertence e faz-se dela o que quiser. A terceira, última, e mais importante conclusão, é que, às vezes, por temer os fantasmas da própria solidão, acabamos vendo na solidão dos outros os maiores desafios.

Nas Gerais da Cultura

Caça, Caçador e Alienação

É interessante observar as pessoas comendo. Outro dia, num rodízio, enquanto o garçom arrumava a mesa, ajeitava os talheres, e tudo mais, lancei meu olhar à toa em direção aos comensais desprevenidos. Aquilo me pareceu orgíaco e lambuzado.

Nada há de comum e, paradoxalmente, de sobrenatural no ato de alimentar-se. O ritual alimentar é um dos mais antigos. O que mudou é a aparência da perversidade que a sociedade civilizada agregou a ele: a alienação do caçador em relação à caça.

Imaginem como não seria, lá nos idos da idade da pedra, quando o homem saía para caçar. Empunhava seu machado de pedra, vestia sua pele de urso, envenenava as pontas de suas zarabatanas, bebia líquidos mágicos e dançava movimentos rituais para atrair boa caça e saía totalmente encorajado da caverna, pronto para matar ou morrer.

O curioso é que parece que nada mudou e tudo está diferente. Hoje e ontem está tudo estranho e igual. A diferença, entretanto, é que no passado, todo o ritual era executado pelo caçador, do começo ao fim. Atualmente, parte do ritual foi terceirizado. O matadouro mata e limpa o animal a ser comido. A churrascaria tempera e assa. O garçom serve e recebe a conta. O comensal, não empunha a zarabatana, palita os dentes.

O problema é que a figura do caçador ficou muito diluída. O papel de caçador está distribuído na atuação de vários atores. E isso se torna um problema, na medida em que nos esquecemos que o homem é um animal. Pode até ser classificado como racional, mas, ainda assim, é animal. E, na condição de animal, não quer ser alimentado, quer caçar.

Alienado precocemente da satisfação de seus instintos, o homem desvia essa natureza para ser satisfeita em outro apetite. Pratica esportes radicais, crimes, é perdulário, promíscuo. Enfim, exercita tudo o que possa parecer a seu cérebro animal como uma compensação pela civilização imposta anacrônica e artificialmente pela força do progresso.

Apartado de sua condição de caçador selvagem, o homem vai aos rodízios e tenta satisfazer seu apetite de caça com garfo, faca e guardanapo. Usa roupas apertadas, cinto de couro, sapatos de pelica, calças *jeans*. Não chega ao local do banquete de cipó, não faz mais armadilhas para capturar a presa. Enfim, ele, o próprio homem, tornou-se presa de sua comida e de sua máquina social de civilização artificial.

Nas Gerais da Cultura

Camelôs x Camelos

Os dinossauros dominaram o planeta por milhares de anos. Segundo as especulações mais convincentes da ciência, os dinos foram extintos pela queda de um meteoro. A poeira que esse corpo astral levantou tampou a luz do sol, e tudo o que era vivo, morreu. Com exceção das baratas.

Os camelôs dominaram as ruas por décadas. Esses estão entrando em extinção devido aos insistentes ataques do leão. A receita federal resolveu cumprir a lei e acabar com a farra do excesso de quota de importação de contrabando paraguaio, a polícia federal começou a prender os falsificadores de discos e tênis. Tudo em nome da ordem pública. Essa a nossa versão da caçada à *cosa nostra*: o camelô é a máfia tupiniquim?

É no mínimo curioso que nenhum chefe de estado brasileiro, exceto o imperador, tivesse visitado os países árabes. O Brasil tem uma das maiores comunidades árabe do mundo. E nem assim tínhamos ido lá ver o quê que os camelos têm.

Por aqui, nós sabemos que esse povo faz negócios como ninguém. Ele chega sem nada e, com muito trabalho, passam a dirigir grandes empresas em diversos segmentos. Sobre a trajetória comercial desse povo, o que se sabe, é que, talvez devido à sua natureza nômade, tenham melhor se adaptado, de início, às bancas de futilidades espalhadas pelas ruas: inventaram os camelôs.

Se é curioso o fato de que Lula é praticamente o primeiro estadista brasileiro a pisar em solos árabes, tão instigante quanto é o fato de que, enquanto se procura extinguir os camelôs, procura-se fazer ou reatar uma amizade comercial com o povo dos camelos.

Tirante a piada do trocadilho, o que se ressalta é que, se, de um lado, tentamos nos livrar, usando a força das leis, da presença ilegal de certos camelôs (note-se que nem todos vendem produtos ilegais), por outro lado, o Estado brasileiro busca contato com os ancestrais do comércio ambulante.

Fazemos isso, hoje, talvez porque tenhamos percebido que o povo árabe há muito tempo deixou de vender quinilharias pelas ruas, de casa em casa. Agora eles vendem petróleo. Lá, dizem, constroem oásis no deserto com os petrodólares.

Nossos camelôs brasileiros é que estão ainda atrasados, vendendo bugigangas. Isso é coisa do passado.

O Lula é que está certo. Melhor do que relógio imitação de rolex é o próprio relógio rolex. Ou seja, melhor do que camelô brasileiro imitação do árabe, é o próprio árabe.

O meteoro acabou com os dinossauros. As leis estão acabando com os camelôs. A escassez de petróleo ameaça acabar com a riqueza do povo dos camelos.

Nesse cenário, o que se acredita é que tudo não passa de uma conspiração histórica das baratas. O que se diz é que elas duram uma eternidade.

Será que depois de tanto trabalho, tanta mesquinha, tanto descaso do ser humano consigo próprio, o planeta vai ficar mesmo é aos cuidados das baratas?

Nas Gerais da Cultura

Capoeira, Caratê e Capitalismo

Algumas pessoas vivem de esperança, outras são necrofágicas.

De alguma maneira, essas pessoas materializam em suas vidas os dogmas preceituados pelos gurus e livros de auto-ajuda. Nada de ruim nisso. É muito bom que se pense positivamente, até mesmo porque, é melhor pensar o bem do que o mau.

Um amigo meu, outro dia, em seu escritório, ao receber um cliente que estava com um semblante triste, logo tratou de levantar o seu astral. “Vamos, fulano”, bradou efusivamente, “tudo vai melhorar, amanhã será um dia melhor, acredite”. A ladainha do futuro próspero não parou por aí, mas esse trecho já me basta.

Ao lado dos ditames da auto-ajuda, temos os lutadores de capoeira, caratê, jiu-jitsu, judô, etc. A auto-ajuda literária é da paz, os guerreiros da auto-ajuda que vestem quimono, parece que estão sempre se preparando para a guerra.

Historicamente, sabe-se que as lutas que não usam armas, são desenvolvidas por grupos sociais oprimidos. A capoeira começa como dança nos campos de trabalho escravo e, atualmente, ganha o status de luta marcial. As orientais seguem mais ou menos as mesmas origens, acrescidas de uma pitada de filosofia.

As lutas em si não são agressivas. O praticante, às vezes, é que é agressivo, e imprime à luta que pratica, à roupa que usa, ao carro que tem, à tatuagem que exhibe, ao cachorro que leva para passear, um estereótipo de violência gratuita. Seu prazer parece ser o de assustar as pessoas, como se fosse um fantasma assustado consigo próprio e fugido do cemitério. Alguns exageram e acabam até cometendo crimes.

Se as lutas desarmadas são frutos de algum tipo de opressão, esse comportamento voluntário que os aproxima dos fantasmas pode ter algum sentido. O oprimido, na sociedade, é o indivíduo que morre todo dia um pouquinho. Morre ao amanhecer quando pega um ônibus lotado para trabalhar. Na hora do almoço, morre um pouco mais ao abrir a marmita e ver que não tem mistura. Quer prestar um concurso público para morrer encostado no paternalismo do Estado, mas é semi-analfabeto, quer ter lazer, mas é condenado a assistir ao *big brother*. No *big brother* as pessoas ganham dinheiro muito fácil. Durante algumas provas do programa, como aquelas que visam garantir o alimento da semana, o participante que conseguir ficar mais tempo sem ir ao banheiro, ganha um carro novo. O oprimido vê tudo isso pela televisão, e o que lhe resta é a catarse. No seu trabalho, também fica horas privado de suas necessidades e, nem por isso, ganha um carro, um aumento, um brinde. Assim, ver televisão, embora não saiba, é, para o oprimido, um rito de morte.

No outro dia que amanhece, o oprimido quer mudar a história de sua vida com base nos dados do dia anterior. Decide praticar uma arte marcial, fazer uma tatuagem, comprar um cachorro bravo, e sair pelas ruas assustando pessoas-fantasma iguais a ele. O fato que não conseguirá mudar é que ele já está morto. O sistema o transformou num cadáver social, e ele, agora, passa a viver de esperanças e de auto-ajuda, enquanto tem de se dedicar a transformar o sonho dos outros em realidade.

Paulatinamente, percebe e incorpora a idéia de que, no sistema capitalista, a principal técnica de auto-ajuda, é o caratê. O “cara tê” dinheiro, o “cara tê” casa, carro, fazenda...

Sem saber “cara tê”, o indivíduo alimenta-se do próprio cadáver, tendo de inventar uma nova esperança a cada dia para evitar ser transformado num fantasma.

Nas Gerais da Cultura

Consenso Social Sobre o Mórbido

Nós somos os heróis de nossa própria existência. Lembramos diariamente o que somos para honrar a simples felicidade de tentar ser o que um dia já fomos. No Brasil, nossos filhos pertencem a uma geração que perdeu as referências da figura do pai como herói. Devido à nossa própria omissão, o herói dos brasileirinhos é construído num estúdio de cinema estrangeiro, veste capacete e roupa colorida de poliéster metalizado e se comporta como um ciber-otário, fala somente asneiras e, no final do espetáculo, os adultos e as crianças são condicionados a bater palmas de pé, para ornar com a paisagem ao redor. É a bizarra estética do consenso social sobre o mórbido. Os ciber-otários têm espaço em horário nobre infantil na televisão e, enquanto geram empregos fora do Brasil e enriquecem cineastas e produtores inescrupulosos, empobrecem culturalmente nossas crianças com enredos babacas e sem sentido, reforçando as cores do rótulo terceiro-mundista, o qual nos forçam a engolir diariamente.

Os mitos televisivos ganharam um terreno que antes era dos pais. As crianças são criadas pela televisão e pela mídia virtual. A babá tecnológica os deixa plugados em tudo o que eles, os ciber-heróis, têm para vender. Nós éramos heróis fantásticos e gratuitos. Hoje nossas crianças nos acham babacas e sem graça nenhuma.

A lógica da adoração alienígena é a mesma nas tribos indígenas do passado. Nos deram espelhos e, nos espelhos, vimos o retrato de um mundo doente. Nas periferias das grandes cidades, a mesma troca. O Estado, o super-herói do cidadão contribuinte, omitiu-se na prática de seus deveres mais básicos: saúde, educação, segurança. Inverteu-se a lógica. Prefere-se oferecer a proteção policial e legal aos bandidos, invés de dá-las ao povo. Você pára o seu automóvel na rua e logo aparece uma meia dúzia de dezenove pessoas pedindo para cuidá-lo. Se você parar umas dez vezes, eleve as gorjetas ao nível da progressão geométrica e acabará chegando à conclusão de que olhar carros deverá ser a sua nova profissão. Mas o quê fazer com os pais de família desempregados que estão no meio do bolo da mendicância social e dos oportunistas? Nos semáforos, se você pára, é assaltado, perde a vida, se você não respeita o vermelho, o Estado lhe presenteia com uma multa que o faz se matar de trabalhar para pagar.

Pela lógica do consenso em torno do mórbido a solução é simples. Já que o Estado não nos salva mais mesmo, acabaremos ficando amigos dos bandidos, aceitando um assalto aqui, um seqüestro ali, uma violência acolá e, quando avistarmos algum delinqüente pela rua, nós acabaremos lhe pedindo um autógrafa.

Parece que o capitalismo está mesmo dando certo. Todos nós compramos do Estado, com os impostos, uma mercadoria com defeito – o bem-estar coletivo –, e não temos para quem reclamar. Enquanto reclamamos uma solução temos de tentar nos manter vivos, e isso implica certa convivência e aceitação do caos. Lembramos da caixa de Pandora. Nessa caixa, reza a lenda mitológica, estavam guardados todos os males do mundo por ocasião de sua criação. Acidentalmente ela foi aberta e os males escaparam. A tampa foi fechada subitamente, a tempo de restar dentro apenas um item: a esperança.

A nossa consciência migrou do estado encantatório da admiração do pai-herói para a admiração do ciber-otário. Agora percebemos a migração da admiração ingênua do ciber-otário para a malandragem assustadora que personifica o bicho papão nas ruas das cidades. Logo, ficamos com a impressão de que o homem finalmente conseguiu retirar o último elemento restante da caixa de Pandora.

Nas Gerais da Cultura

Dai-me o Pão e o Circo

Estamos cada vez mais interessados na vida alheia – é a nossa melhor diversão. Será que devemos consultar nosso advogado? Do jeito que a coisa anda, logo seremos processados por termos invadido a privacidade de um cachorro. Perdemos a noção do plausível e junto também um pouco do nosso instinto de preservação da ordem natural. A vida tem seus princípios incorruptíveis e a sociedade seus padrões de conduta ética que deveriam ser invioláveis. Para Jean-Jacques Rousseau, no livro *O Contrato Social*, Cultrix: São Paulo, 1995, a sociedade se ordenaria através de pactos aceitos por todos os membros do grupo social e, as regras de convivência estabelecidas, teriam por fim primeiro a preservação dos pactuantes. O contrato social seria, então, uma predestinação consensual – todos são o que melhor convir a cada um e terão o que desejarem e combinarem entre si. A prática política moderna, de orientação neoliberal, alimenta algo em sentido oposto – reina a regra que diz que poderá mais quem chorar menos. Essa máxima é uma síntese grotesca do darwinismo social, mas que ressalta a sobrevivência do mais apto, do mais treinado para dizer sim. Se somos treinados para aceitar passivamente a realidade do mundo que nos rodeia, manifestamos um comportamento típico da personagem do mundo de Truman (filme de Jim Carrey, de 1998). Entramos em crise e tentamos mudá-lo? É a síndrome de Dom Quixote. Mas há uma nova esperança. E talvez o mundo não seja redondo, o homem não tenha ido à Lua, o universo seja finito, a vida seja bela.

Na Roma antiga atiravam pães às pessoas que presenciavam aos espetáculos no Coliseu. Isso amainava a fome e calava o germe da rebelião. Caetano e Gil, na letra da canção *Panis et Circenses*, dizem que “essas pessoas da sala de jantar são ocupadas em nascer e morrer”. Cada povo tem o ópio que merece. Hoje, devido à busca incessante pela invasão de privacidade, pomonos a comer de tudo ansiosamente diante da exibição televisiva de programas como “Casa dos Artistas”, “No Limite”, “Domingo da Gente”, “Cidade Alerta”, na expectativa de vermos revelados nos deslizos e sucessos dos outros as nossas próprias fraquezas e não realizações devido à nossa falta de vontade. Se não conseguimos resolver nossos conflitos ou satisfazer nossos desejos na vida real, que alguém os consiga por nós na TV – viva a catarse! O Santo Daime, a bebida amazonense, com propriedades psicoativas, é estudada e ingerida por pessoas no mundo inteiro. Ela tem o seu nome derivado das orações feitas pelos fiéis que rogam às entidades espirituais: “dai-me isso, dai-me aquilo, etc.”. Daí, Santo Daime. Chico César, na canção “*Perto demais de Deus*”, alerta: “Cristo assim perto demais..., tem gente incapaz de viver sem Deus, Deus me livre, Deus me guarde, Deus me faça a feira”. Não discutamos o efeito da bebida – que é o centro da filosofia da coisa -, mas pensemos no daimista, que é o filósofo. Todos somos iguaizinhos a eles. Só precisamos de um deslize alheio e panfletos com uma oração poderosa para afastar encosto.

Parece que o que nos une, o que nos torna irmãos, não é o pacto social nem o anseio pelo pão de cada dia, mas a corrupção da natureza humana do corpo pela natureza orgânica do estômago. Ou seja, ou temos o entretenimento que desejamos ou é o entretenimento que não está preparado para atender aos nossos desejos. De qualquer maneira, vem aí mais um campeão de audiência – o “big brother Brasil”, ou bbb. O ano de 2002 vai ter bastante pão: o bbb na rede globo, a copa do mundo e as eleições. Só vai faltar mesmo um contato imediato de 4º grau. É, porque de 3º grau já o tivemos com o ET de Varginha.

Nas Gerais da Cultura

Decifra-me ou Devoro-te

Os ídolos dos nossos jovens são como sacos de papel cheios de ar. Quando acuados, flutuam e escapam do nosso contato, quando pressionados, estouram facilmente, fazendo imprevisto alarde revelando o seu vazio frágil e néscio, pondo a nu as ocas entranhas.

Os jovens de minha geração cresceram admirando o artista-atleta e lutador marcial Bruce Lee. Ele era de verdade. Era gente mesmo, não voava e não desaparecia. Se alguns daqueles jovens que o admiravam no passado, hoje são faixas pretas em algum tipo de luta marcial, o mérito, em parte, deve-se àquela admiração dedicada ao Bruce Lee. Outra fatia de responsabilidade deste resultado fica por conta da natural fase de rebeldia pela qual normalmente passam os adolescentes, os quais buscam nas artes marciais, além da identificação com o ídolo, a legitimação de suas contestações aos modelos sócio-culturais.

Quando o adolescente começava - como fazem os jovens nos dias de hoje - a substituir, num ritual dialético de negação e de auto-afirmação, a autoridade do pai pela figura do super-herói, o estereótipo do herói se mantinha por muito tempo na mente do adolescente como modelo, e esse processo de substituição às vezes nem findava quando do início da fase adulta. O herói tinha consistência, existia e transcendia o ambiente da mera contemplação iconoclasta, atingindo um valor utilitário, mas simbólico, representando a necessidade de imitação por parte do jovem.

Hoje, quando os moços realizam o mesmo processo de substituição e de imitação, inevitavelmente encontram a frustração. Às vezes, o super-herói de hoje é menos durável que o processo de contestação - não dá tempo de o jovem inspirar-se no herói para protestar contra nada. Esta decepção se explica na medida em que entendemos que a personalidade do super-herói contemporâneo se sustenta sobre os pilares oscilantes das leis de mercado e do consumo. O detentor do direito de explorar o lucro manipula o herói através das técnicas de *marketing*, e estipula um perfil de convencimento irresistível, que captura o jovem contestador e o transforma em jovem consumidor, justamente naquele momento de frustração e de indefinição substitutivo-imitativa. Vincula-se o adolescente, assim, à estrutura de consumo da ideologia do seu super-herói apenas o tempo suficiente para que se atinja determinados patamares de vendas.

Objetivos alcançados, o balão mágico do super-herói é estourado de repente, e o jovem entra em cena, atordoado com o estrondo invisível que o persegue. Os psicanalistas - segundo eu mesmo -, podem dizer que o que se ouve num momento de desencontro como esse, são os rumores dos tratores mentais revolvendo os escombros do imago que está despencando continuamente. Aos poucos, contudo, percebem-se as ruínas do castelo de sonhos de invencibilidade construído pela necessidade de sobrevivência da personalidade imatura. Abre-se, assim, a janela da frustração e os ideais de superação ficam armazenados, transformando-se num barril de pólvora de violência. Desse processo resulta toda uma geração de adultos com desenvolvimento de personalidade controverso, andando pelas ruas armados com facas, revólveres, paus e pedras, precisando encontrar em qualquer pessoa a personificação do assassino do seu super-herói.

O herói real foi substituído pelo virtual. Não temos mais exemplos duradouros para oferecer. O problema desse descompasso não é tecnológico. Enquanto se tenta fazer com que as máquinas trabalhem como se fossem pessoas, não é possível fazer com que as pessoas reajam como se fossem máquinas. Se os heróis não forem rapidamente re-humanizados, corremos o risco de ter uma sociedade de vilões enigmáticos e psicopatas atraentes: noutros termos, a Esfinge quer dizer à sociedade “decifra-me, ou devoro-te”.

Nas Gerais da Cultura

Dicionário Cultural da TV Globo

Com a publicação do Dicionário da TV Globo (Editora Globo, 2003), ao lado da idéia de se fornecer, por meio desse pai-dos-burros, uma vasta teia de informações acerca dos artefatos globais, parece-nos que um fenômeno interessante começou a ganhar corpo nos bastidores sócio-culturais brasileiros.

Pela primeira vez, a televisão brasileira lança mão de um instrumento difusor cultural de cunho acadêmico – um dicionário -, para, assim, realizar uma metalinguagem cultural de sua própria produção de entretenimento, o que nos soa, aqui, entretanto, tão inovadora quanto nociva. A partir da publicação do dicionário da TV Globo, o vocábulo *cultura* passou a ser sinônimo, também, de programação de certa emissora de televisão em particular – eis uma face do aspecto nocivo da idéia. No caso em destaque, a totalidade da cultura brasileira, nesse contexto, passou a ser, metonimicamente reconhecida pelo grande público, como sendo a parcialidade tele-transmitida pela programação histórica da Rede Globo de Televisão.

O ícone material desse contexto foi o lançamento do aludido dicionário, e o item exemplificativo nefasto - por ser limítrofe -, o temos na programação das tardes, durante a semana. A emissora em voga transmite um programa de jogos, ancorado pela loura Angélica – o Vídeo Game. Ali, são realizadas provas e sabatinas com artistas renomados ou não, além de ex-participantes do BBB (Big Brother Brasil). Eles são inquiridos, sobretudo, sobre a rotina de produção dos programas, personagens, datas de exibição, relações entre personagens entre si – é uma versão plural e diária do “quem ficou com quem, ontem” que, assim abordado, na televisão, apoiado por um dicionário e tudo, perde o lugar visível de fofoca e futilidade – de onde não deveria ter saído -, e ganha o *status* privilegiado e subliminar de conhecimentos gerais indispensáveis à sobrevivência da grande massa.

Essa idéia de cultura global é perniciosa ao público, na medida em que, em sendo a emissora Globo a campeã nacional de audiência da televisão aberta no Brasil, acaba, por isso, difundindo um paradigma cultural parcializado, no qual se entende que o cabedal de nossa cultura é constituído, essencialmente por itens fúteis e supérfluos para a vida real.

Nessa balada, não iremos estranhar se, daqui algum tempo, os vestibulares das grandes universidades do país começarem a cobrar em suas provas, os nomes dos protagonistas da última novela das oito, a cor do carro novo do filho do empresário da novela tal, quem foi o assassino do Dr. Lineu (personagem da novela *Celebridade* – 2004 -, vivido pelo ator Hugo Carvana), etc.

Ao redor dessa aura de frivolidade que ameaça tomar de assalto a totalidade cultural brasileira, o que se deve questionar, não é o mérito, até certo ponto louvável, de se lançar um dicionário, um referencial para a memória histórica de uma empresa de telecomunicação (e, aqui, ressalta-se a face positiva da inovação), mas, sim, se esse fato não esteja ratificando um consenso, no qual se vê que a maioria dos telespectadores da Rede Globo, ao invés de ocuparem-se, preferencialmente, e não exclusivamente, de aprender com os fatos do mundo, estejam se dedicando mais em apreender passivamente o que o mundo globalizado lhes esteja oferecendo, o que impede que se desenvolva um pensamento crítico com relação àquilo que se apresenta diante dos sentidos.

Enquanto não se chega a um melhor juízo, das opções abaixo, a recomendação é que se escolha a melhor, segundo o desejo e disponibilidade de cada um: ou nos preparamos para dominar e melhorar o mundo, ou somos dominados por um mundo cada vez pior, regido pelo ponto de vista dos outros, e não pelo nosso.

Nas Gerais da Cultura

Era Tudo Verdade

Cresci ouvindo muitas histórias. Umas muito bonitas, outras, assustadoras. Havia uma delas, eu ainda lembro, que era de arrepiar. Tinha uma que falava sobre lobisomem, essa me causava pânico.

Até o começo dos anos oitenta, creio, corria de boca em boca, no bairro Eldorado, aqui em São José do Rio Preto, boatos de que certo sujeito, nas noites de lua cheia, se transformava em lobisomem. Ele era pedinte e, por isso, vivia vagando diuturnamente pelas ruas do bairro, sem eira nem beira. Essa sua condição social contribuía muito para a composição da aura de mistério que o seguia.

Na mesma época, era muito comum as mães dizerem aos filhos que não saíssem de casa depois das oito da noite. A cavalaria iria passar. Os soldados, montados em seus gigantescos cavalos, portando espadas reluzentes, ao lado do medo do lobisomem, cuidavam da ordem pública das ruas como ninguém ou nenhuma lei conseguiria fazer.

Outra história curiosa e também medonha era aquela do pirata da perna de pau. Diziam as pessoas, em uma das várias versões da lenda, que, depois de certa hora da noite, a pirata saía pelas ruas procurando as casas nas quais houvesse ainda gente acordada. Nunca vi e nem conheci alguém que tivesse visto esse tal pirata. Isso porque talvez esse fosse o melhor remédio para insônia infantil que existia. Por sinal, os pais usavam desse artifício com muita habilidade.

Havia uma também que dizia que quem mentisse para os pais o nariz cresceria. Alguns garotos distraídos acabavam sendo surpreendidos nos banheiros de casa ou da escola medindo todos os dias o tamanho do próprio nariz. O medo de que isso acontecesse era tanto que alguns até faziam promessas, iam à missa, ajudavam a mãe nos afazeres domésticos, tudo, enfim, para evitar o inevitável.

Mas, caro leitor, os senhores devem estar se perguntando “o que quer dizer com essas historietas esse moço escritor?”. A resposta é simples.

Enquanto acreditávamos, quando crianças, em coisas que não existiam, paradoxalmente o mundo real era mais disciplinado e mais seguro para todos. Agora, que aprendemos desde cedo que os fatos das lendas não existem, eles passaram a acontecer, para alguns, todos os dias nos jornais.

O lobisomem, hoje em dia, aparece até sob a luz do dia ensolarado. No trânsito das grandes cidades, os motoristas se transformam em bestas-feras descontroladas. Respeitam mais os carros do que as pessoas.

A cavalaria, ou seja, a polícia, não põe mais medo em ninguém e o pirata da perna de pau, ou seja, os ladrões, de fato, saem de casa em casa, procurando, não quem esteja acordado, mas, preferencialmente, quem esteja dormindo – dormindo no ponto.

A mentira, de exceção passou a ser regra. Mente-se uma enormidade no convívio social moderno e, sob o nariz de todo mundo, o que cresce não é o nariz, mas a falta de educação, boas maneiras e de vergonha na cara.

Como lhes disse, no título, era tudo verdade. Quando nossa fantasia pautava os limites da realidade, havia mais coerência cultural e sócio-comportamental. Atualmente, a realidade é que pauta a fantasia: a novela imita a vida. Isso quer dizer que cada um de nós se tornou o fantasma medonho da história que decidiu contar para si mesmo.

Nas Gerais da Cultura

Junte Teus Pedacos e Pare de Rezar

Ouvindo algumas das músicas inesquecíveis de Raul Seixas, acabei prestando mais a atenção, sem me dar conta do porquê, numa das letras que dizia “levanta a sua mão sedenta e recomeça a andar, não pensa que a cabeça agüenta se você parar”.

Este trecho catalisou em meus sentidos várias sensações e sofrimentos pelos quais passa o povo brasileiro. Agora, com o auge da estação das chuvas, o preço dos hortifrutigranjeiros sobe. Na estiagem climática, e, também, na greve dos caminhoneiros, idem. Se existe um rumor no mercado de que algum membro do alto escalão do governo prevaricou, há fuga preventiva de capitais especulativos na bolsa de valores, e o governo, que precisava daquele dinheiro para pagar seus compromissos internacionais, tem de emitir títulos e vendê-los no mercado pagando altos juros. Com isso, eleva-se a expectativa inflacionária e os preços dos alimentos sobem.

Quem sente mais os efeitos desse jogo de sobe e desce dos preços é o assalariado. Esse não tem para onde fugir. Acaba mesmo é pagando a conta.

Para compor esse ônus agressivo, de outro lado, todos os dias a guerra civil nas ruas das grandes cidades aprisiona cada um de nós dentro de uma redoma de medo. Não conseguimos mais sair para trabalhar ou passear sem disfarçar o receio de sermos abordados no ponto de ônibus e ter o passe furtado, o carro, ou mesmo o par de tênis. Dentro de nossas casas estamos gradativamente regredindo à condição social dos primatas. Cada vez mais somos obrigados a adaptar e construir residências tornando-as prisões de segurança máxima. Contudo, assim, passamos a viver dentro de verdadeiras jaulas, e temos de nos contentar em ficar olhando a rua do lado de dentro das grades da janela, dando tchauzinho para a nossa vida civilizada que passa diante de nossos olhos sem fazer sentido civilizado algum.

Os bairros residenciais se transformam lentamente em zoológicos da pós-modernidade e nele, os animais expostos são os homens bem. Diante desse aviltamento de nossa cidadania, tentamos acreditar na ideologia do Fome Zero, mas o que temos é uma crescente tendência à liberdade zero.

O governo considera que o salário é renda e tributa excessivamente o já oprimido assalariado. Os que têm emprego são usurpados pelo leão do imposto de renda. Os que vivem na clandestinidade, trabalhando na economia informal, escapam do leão do imposto, mas não deixam de ficar reféns, como todos, da marginalidade, que insiste em punir todo mundo indiscriminadamente, retirando de nossa posse o pouco que esporadicamente conseguimos acumular. No psiquismo do marginal parece reinar a idéia de que todos somos culpados pelas privações que eles eventualmente passam em suas vidas. Eles se esquecem, entretanto, de que todos somos farinha do mesmo saco. Nessa linha de raciocínio criminoso eles, paradoxalmente, condenam, não o Estado, mas a sociedade civil, sem julgamento justo e sentenciam todos – inclusive eles próprios - à morte.

Raul Seixas, usando o modo verbal no modo imperativo, nos dizia, ainda, na letra da canção Tente Outra Vez, “Tente, e não diga que a vitória está perdida, se é de batalhas que se vive a vida”. O poeta-compositor parecia conclamar as pessoas para que, apesar de tudo, continuassem lutando pela vida, e que esperassem menos as soluções que caem do céu.

Nas Gerais da Cultura

Luzes, Câmera, Ação!

É interessante tentar desmontar a máquina que sustenta a aparência do ídolo popular, porque muitas vezes atribuímos virtudes extraordinárias aos nossos heróis. Fazemos isso constantemente com a classe artística. Basta ainda que um cidadão comum apareça na televisão, para passarmos a manifestar por ele um comportamento idólatra e reverente. Imagine-se do que não somos capazes de fazer diante de nomes já consagrados.

Dia desses, na condição de professor de um curso de Jornalismo de São José do Rio Preto, fui convidado a acompanhar alunos do respectivo curso em uma excursão aos estúdios da TV Globo, São Paulo, a fim de que participássemos das gravações de duas edições do Programa do Jô Soares, exibidas nos dias 27/08 e 29/08/2002. Apesar de toda a festa que tínhamos vontade de fazer, devido à euforia derivada da possibilidade de satisfação da curiosidade em relação ao ídolo Jô, procurei orientar os alunos sobre as particularidades que envolviam as gravações, sobre como se comportar com eficiência para tirarem um melhor proveito da visita aos estúdios. Enfim, orientei-os para que esquecessem a festa e se conscientizassem da oportunidade única que lhes estava sendo proporcionada.

A nossa expectativa era a de que pudéssemos fazer um passeio pelos estúdios globais e que verificássemos pessoalmente aspectos que dessem uma melhor qualidade à formação profissional dos graduandos, etc. Não foi possível. A equipe de seguranças impedia qualquer movimentação brusca ou que não estivesse prevista pelo protocolo. Não se podia caminhar pelos estacionamentos, não se podia permanecer na porta do estúdio, não era permitida a permanência de pessoas não-fumantes na área de fumantes. Enfim, sair do estúdio era praticamente proibido, a não ser que alguém pretendesse ir embora sem participar das gravações. Ficamos nessa condição de passarinhos na gaiola de espera por aproximadamente quatro horas, antes de ser dado o sinal verde para a entrada ao estúdio 3.

O sexteto foi bem intencionado na recepção à platéia. O grupo de músicos que acompanham as gravações do Programa do Jô brincou conosco, que-brando o gelo, fazendo piadinhas, descontraindo, criando um clima agradável para o início das gravações. Surge, de repente, uma voz do além: atenção estúdio, gravando! Começamos a bater palmas, conforme combinação com a produção. Sentimo-nos como ratos de laboratório. Os músicos tocando. Entra o Jô Soares, cumprimenta a platéia. Fala com a câmera, grava trechos de sua apresentação do programa. Interrompe-se. Grava-se. Repete-se. Acaba-se.

Enquanto Jô entretém a platéia, aproximando-se e elogiando nosso comportamento passivo, digo, festivo, durante as gravações, agradecendo nossa importantíssima participação e reiterando votos de que ali voltássemos, o sexteto desaparece estrategicamente do cenário através de saídas laterais. Jô lança o "beijo do gordo" para a platéia, a essa altura catartizada e querendo realizar um contato imediato de 1º grau com o ídolo. O Jô virou-se e, tchau, tchau. Rodeado pela produção e por seguranças, saiu de cena.

Os artistas não têm que ser redentores ou contempladores de desejos dos fãs. No entanto, as pessoas não estavam ali de favor. Deixaram um dia e meio de suas vidas para participar das gravações. Os alunos viajaram durante a madrugada, faltaram do serviço, bancaram os custos todos da viagem e da alimentação. Queriam saber como tudo funcionava, entrar em contato com bons exemplos de brasileiros, já que o acesso aos maus lhes é sempre facilitado. Resultado. Não tiramos fotos com nossos ídolos, não conhecemos os bastidores dos estúdios, e ficamos com a sensação de não ter participado ao vivo do programa, uma vez que nossa atuação ficou restrita ao *status* de massa de manobra, ou seja, servimos apenas para ilustrar as gravações com palmas treinadas, risinhos e desilusões.

Nas Gerais da Cultura

Marx, Aristóteles e o Futebol

Tempos difíceis os nossos. Henry Ford inaugurou a era da produção industrial dos automóveis e possibilitou que mais pessoas tivessem acesso àquele bem. A construção civil também, pelo menos teoricamente, teria o objetivo de proporcionar moradia digna a um maior número de famílias. No entanto, o que acontece, é que muita gente anda a pé, outras pagam aluguéis ou moram em favelas ou nas ruas. Algumas dessas pessoas são as mesmas que trabalham nas linhas de produção das fábricas de automóveis e nas empreiteiras. Fabricam casas e automóveis, o dia inteiro, para outras pessoas usarem. A esse distanciamento do homem com relação àquilo que se produz, Marx chamou de alienação.

Mas não é só em relação ao modo de produção capitalista que se restringe a alienação. O cidadão, alienado dos bens que produziu, convive com a frustração e afoga as mágoas nalgum rio sem fim. Outros se perdem em ruas largas. Há os que recebem seu dinheirinho semanal e, ansiosamente, dirigem-se aos bordéis, bingos e estádios de futebol e, nesses ambientes, alugam temporariamente a satisfação de seus sonhos e desejos frustrados.

Todas as faces desse homem — o ladrão, o vândalo, o promíscuo, o perdulário, o espectador — constituem elementos de identidade da espécie *homo sapiens*. A esse conjunto de possibilidades, quando reunidas, reelaboradas e manifestadas numa determinada concepção de produção artística, Aristóteles nomeou de natureza humana. Integra também a natureza humana a porção contemplativa. O ser humano necessita, principalmente quando se vê alienado de seus sonhos e desejos primários, exercitar a contemplação. Nos estádios de futebol ele exercitaria, então, a sua necessidade de adoração. Como o número de excluídos – e, conseqüentemente, malogrados - do modo de produção capitalista é gigantesco, nada mais natural que um esporte tão popular como o futebol, cuja prática todos têm acesso facilitado, independentemente de espaços e de equipamentos adequados para isso, atraia enorme massa de descontentes.

Tempos houve em que o jogador e a prática do esporte em si eram mais íntimos do torcedor. Era o tempo do compromisso do futebol consigo mesmo. Em argumentos da teoria crítica da arte, concluímos que, metalinguisticamente, nós tínhamos, na prática, a concretização do famoso e desejável futebol arte, uma vez que o objetivo do futebol estava centrado no próprio futebol e não no lucro que ele proporciona.

Como hoje em dia a estrutura do futebol e a mente dos seus praticantes estão mais empenhados em outros interesses que não os do futebol arte, temos a infelicidade de experimentar a privação da porção contemplativa no homem. Ir ao estádio não serve mais como entretenimento. Jogadores que fazem jogadas bonitas são punidos pelos próprios colegas de profissão ou por um eventual resultado de derrota. No final da partida, todos perderam. Atletas não praticam mais a arte como ofício, mas ofício do que é necessário. A platéia está alienada do processo, pois, seu papel, que antes era contemplar, agora se vincula ao setor das bilheteria, ou seja, deixamos de ser platéia e viramos consumidores de um espetáculo que não nos agrada.

Enfim, se pudéssemos convidar Marx, Aristóteles e nós mesmos, para contemplarmos juntos uma partida de futebol, os convidados provavelmente não iriam. Marx talvez dissesse: não, não vou a lugares onde se pratica a alienação! Aristóteles, de seu lado, diria: não vou, não pactuo com interesses que não são estéticos, isso é anti-humano!

E nós ficaríamos com a conta pra pagar e a natureza humana que se dane!

Nas Gerais da Cultura

Nossa Guerra de Cada Dia

Estamos num futuro igual ao passado e ao presente. Vivemos a expectativa de mais uma guerra mundial. Tudo é igual ao sempre.

Apesar dos avanços tecnológicos e da inegável sofisticação dos armamentos, a humanidade acaba de descobrir um poder incalculável na anatomia humana, localizado na região dos olhos: o olhar.

O domínio desse recurso pode fazer novos vencedores no campo de batalha. O novo aliado é carregado no próprio corpo do combatente – o que barateia a logística. Basta um disparo sincero do olhar e os adversários caem por terra, derrotados – a precisão do tiro reduz a quantidade de munição sobressalente. É a espantosa e econômica guerra do futuro.

É importante, no entanto, para o êxito total dos disparos, que os olhares se cruzem, indubitavelmente, num flerte de morte.

Os treinamentos militares mais intensos cuidam para que os soldados lutem às cegas, no escuro, durante a noite, e com vendas nos olhos, durante o dia. E, se, num descuido, a bandagem dos olhos cair ou for esquecida no acampamento, basta fechar os olhos e não ter que atirar à vontade.

O paradoxo disso tudo é que, descobrindo nos olhos uma artilharia mortal, as armas convencionais ainda não foram dispensadas. É uma garantia para combater um efeito colateral. O mesmo olhar que mata, dizem os pesquisadores, pode perdoar. O que seria inaceitável, principalmente no calor de uma luta deflagrada há muito tempo e já considerada sem sentido por todos, como é o que sustenta as guerras atuais. Isso seria gravíssimo, ressaltam. Como acabar com uma guerra que não tem sentido algum? Como explicar, se ela própria não tem explicação? O perdão, nessas circunstâncias, seria pior que uma bomba atômica. Ninguém deve desejar a guerra, mas, se começá-la, disseram, melhor que se chegue até o limite das últimas conseqüências.

Imaginem que, apenas olhando umas para as outras, as pessoas podem se matar ou se entender. O normal é que se matem! É a ética da guerra e a coerência com o niilismo.

Medidas drásticas se fazem necessárias – diziam os noticiários da manhã.

Primeiro será preciso evitar que as pessoas se olhem durante a execução de hábitos do cotidiano: no trabalho, na escola, no supermercado, etc. Depois, é de extrema importância que ninguém observe o aparelho do Estado vigiando a vida das pessoas. Pode ser que o cidadão, ao perceber o governo governando, ou o tente matar, ou possa ser morto por ele, ou pode ocorrer um perdão recíproco: o contribuinte perdoa o governo pelo desgoverno, e o Estado o contribuinte, pela inadimplência tributária: seria o caos. Como não se sabe o que pode ocorrer, é aconselhável que se evite o cruzar de olhos com o Estado.

Outro comportamento que pode ser interessante de ser estudado é o que diz respeito à condição de que, ainda não se sabe como, quem é que mata primeiro quando os olhos se cruzam. É um mistério. Tentando dar uma explicação, os estudiosos dizem que morre primeiro quem assim o desejar.

Outros estudos indicam que pode existir uma pré-disposição congênita e o guerreiro não sabe ser portador desse gene letal: o desejo de morrer ou o instinto de matar. No entanto, já foi verificada uma tendência. Todo aquele que já matou alguma vez com o olhar, tende a seguir matando sempre. Em contrapartida, todo aquele que já perdoou, seguirá perdendo.

Dizem os cientistas, finalizando os relatos sobre os primeiros estudos, que matar, viver ou perdoar parece ser mesmo uma questão de bom senso, e pedem, então, que cada um faça uso do seu na medida exata do desejo.

Nas Gerais da Cultura

Nossos Ídolos ainda São os Mesmos

Há algumas coisas com as quais eu ainda não consegui lidar de madeira natural. Outro dia, no supermercado, saboreei uma daquelas sensações benfazejas proporcionadas pela expectativa de consumo satisfeita. À medida que trafegava com o carrinho pelas gôndolas repletas de produtos, minha filhinha de três anos ia me pedindo tudo que lhe chamava a atenção. Boa parte dos produtos ela nem sabia o que eram, mas notei que pelo colorido das embalagens ela presumia serem extremamente interessantes. Perguntava a ela: porque você quer isto, filhinha? Ela simplesmente respondia: ah, mas porque eu quero. Tentava oferecer um outro mais barato, menos colorido, mas não tinha jeito. Pronto. Estava então decidido. Ela punha três itens no carrinho e eu tirava dois. No final, acabei arcando com a despesa de algumas tranqueiras, mas, enfim, saímos todos felizes. Eu com a economia, ela com a aquisição de alguns doces. Que lugar incrível é esse tal de supermercado. Reúne pessoas em torno da contemplação recíproca de objetos, fazendo-as silenciosamente festejar a conquista deles como se fosse um gol da seleção brasileira contra a da Argentina. Nossa! Que lindo “porta-negócio” que comprei, exclama a dona de casa, toda satisfeita. Só depois é que ela se dá conta que o porta-negócio adquirido não serve pra guardar negócio algum, e é aí, então, que o porta-negócio vira um entulho de consumo.

Mas como eu ia dizendo, tem coisas com as quais eu ainda não consegui me acostumar. Essa mesma reverência e devoção dedicada a coisas aparentemente inúteis a percebemos em várias culturas. Alguns povos a manifestam por meio de símbolos como troncos de árvores, por exemplo. Nossos índios brasileiros celebravam um ritual em homenagem aos antepassados, colocando, no centro da aldeia, em dias específicos para isso, troncos de árvores cujo tamanho variava de acordo com a importância ou quantidade dos antepassados a serem lembrados. Em algumas culturas orientais escreve-se o nome dos antepassados em papezinhos, queimando-os em seguida dentro de uma tigela apropriada. O interessante é que, tanto no caso do supermercado, como no caso da celebração da lembrança dos antepassados, os homens realizam a mesma espécie de ritual de adoração. Nos supermercados as pessoas se regozijam com a aquisição de bens que lhes simbolize uma maior felicidade do que a conquistada por seus antepassados. Os índios e os orientais cortam árvores e queimam papéis escritos, respectivamente, com a finalidade de conter uma possível fúria sobrenatural que pudesse advir das profundezas históricas da morte, transformando suas relativas existências num calvário de suplícios.

No entanto, isso configura uma verdadeira estagnação cultural. Pois a pretexto de se preservar a tradição cultural, mantendo vivos alguns rituais e comportamentos, além de nós não criarmos nada de novo, terminamos por ignorar o caminho de evolução que nossos ancestrais estavam seguindo. Com isso, condenamos os antepassados, e a nós mesmos, a conviver anacronicamente num mesmo universo retrógrado, criando uma consciência paralela de subdesenvolvimento, que tem o mesmo papel de mobília figurativa que tem o porta-negócio. Ou seja, como a manutenção de alguns rituais não serve realmente pra nada, mantemo-los vivos somente pelo fato de assim podermos justificar ou esconder nossa incapacidade de ação renovadora ou de simples aceitação do elemento novo.

Com a atual onda de modernidade que assola o planeta, como a clonagem, a robótica, a informática, o *second life*, a digitalização da vida, enfim, fico pensando como seria interessante um homem chegar numa festa, abraçado com duas mulheres. Ao apresentá-las, diria: essa é Joana, minha esposa. Essa é Sônia, minha amante. E pensar que isso também valeria para as mulheres!

É, tem coisas que, como homem, ainda não consigo aceitar como sendo normais.

Nas Gerais da Cultura

Novas Revoluções são as Mesmas, só que Enrugadas

Comemoramos em 2004 os quarenta anos da Revolução de 64. Comemorar não é celebrar a desordem e a falta de bom senso – efeitos colaterais que acompanham as transformações sociais profundas. É recordar que nossa consciência nacional está impregnada pela gênese de nossas lembranças mais caras e, no presente momento, mais esquecidas. Comemorar, portanto, é lembrar juntos, e estabelecer o que queremos ser.

As utopias revolucionárias dos estudantes e intelectuais dos anos sessenta eram boas idéias, mas, contudo, careciam de uma força propulsora que a esquerda política da época não foi capaz de implementar. O desejo de mudança do mundo, à moda dos guerrilheiros tupiniquins, pareceu mais com um conto maravilhoso do que com um conjunto de medidas sérias e necessárias para o país. As mitologias estão repletas de conteúdo bonito e com aparência de sediciosa, entretanto, sem pragmática executória alguma. Um ditado popular sintetiza isso, com palavras mais acessíveis: “de boa intenção o inferno está cheio!”.

O golpe de 64 foi um espetáculo dissonante protagonizado por uma orquestra competente mas desafinada, já que regida pelos interesses reconhecíveis do capital hegemônico. A estrutura desordenada da arquitetura do golpe militar no Brasil está bem evidente na trilogia do jornalista Hélio Gaspari (**A Ditadura Envergonhada, A Ditadura Escancarada, e A Ditadura Derrotada**). Lembremos Gaspari que, em outros lugares da América Latina, a desorganização não foi tanta, mas, aqui, o golpe foi uma desordem. Mormente, ordenada ou desordenadamente, o que deve ser ressaltado, é que, quer do lado da esquerda, que pretendia demover os golpistas mobilizando um exército utópico – o povo -, quer do lado da direita política, que dispunha de um aparato de inteligência e de repressão amedrontador, o golpe deu certo – mas para quem?

Cada brasileiro, segundo a pretensão mágica da esquerda, seria uma espécie de “fiscal do Sarney” (fiscais populares que, na vigência do Plano Cruzado, saíram pelas ruas, a serviço da direita política, investidos oralmente de um poder de polícia místico outorgado pelo então presidente José Sarney, fechando supermercados e prendendo gerentes de lojas). Ou seja, o que se desejava do povo, durante o Plano Cruzado, ou no episódio de 1964, é que ele saísse espontaneamente pelas ruas e depusesse os opressores sinistros da sociedade. Constatamos isso, ainda, no pensamento atual de Fernando Gabeira, expresso no seminário da ABL (Academia Brasileira de Letras) quanto aos “Novos olhares sobre o golpe de 64”, realizado em 29/03/04, dizendo que o que se esperava em 64, é que “as idéias generosas da esquerda”, por sua força própria, isto é, idéias recheadas de boas intenções, tivessem uma potência demiúrgica de mudar a contingência sufocante do mundo, uma vez que eram dotadas de uma fabulosa capacidade de auto-realização, que, entretanto, não se concretizou.

Nas salas de aula, hoje, sou indagado por meus alunos sobre a necessidade de que se tenha uma nova revolução armada no país. Embora, confesso, sinta-me, às vezes, tentado pela lembrança da coragem do passado, não me imagino a vestir uma farda utópica e revolucionar o mundo, não consigo esquecer que, apesar dos esforços engendrados pelos ativistas dos anos sessenta, uma nova revolução não se faz necessária, pois, aquela, ainda não terminou, não obstante à aparência de ter sido inútil.

Nas Gerais da Cultura

O Ano Novo Está Aí

O ano novo está aí. Alguns aspectos dele nos parece serem os de sempre. Em março, mais um aniversário de Rio Preto, e também, novo receio de inundações. No meio do ano, outro Festival Internacional de Teatro, e nesse curso, campanhas maciças da Associação Comercial para vender mais no dia das mães, no dia dos namorados e dia dos pais. Logo chegaremos a outro natal. É difícil, hoje, para o homem médio, devido à rotina que se instaura anualmente, lembrar-se do aniversário municipal do ano passado.

Costuma-se dizer, no futebol, que juiz bom é aquele que não aparece. Se nada se falar dele, complementam os comentaristas, é porque tudo correu bem durante a partida, do contrário, algo foi mal. Mas, no caso de uma cidade, a analogia seria válida? A personagem equivalente ao juiz de futebol, em nível municipal, talvez fosse o prefeito, ou o gerente da cidade. Poder-se-ia dizer, então, que não aparecendo na memória das pessoas, essas personagens municipais estariam fazendo um bom trabalho?

Provavelmente. Da mesma maneira que não se pode generalizar, no caso de ninguém dizer nada sobre a atuação do juiz de futebol, também não se deve incorrer na mesma pressa ao dizer-se que o silêncio da memória coletiva quanto aos dirigentes municipais seja um indício de boa administração. De um lado, para delinear melhor a questão, devemos considerar os reais desejos dos cidadãos. E quais seriam esses desejos? Melhores escolas, mais praças públicas, mais segurança, mais lazer, mais cultura? Difícil responder. E, respondendo, seria impossível satisfazer integralmente a todos, pois cada um tem um modelo ideal para a segurança, por exemplo. De outro lado, o fato de não se conhecer a natureza dos anseios do povo não autoriza a massa da população não saber e dar a conhecer o que ela própria deseja.

Os historiadores da cidade, os artistas, os estudantes, os professores, os políticos, os administradores, enfim, são os porta-vozes oficiais de nossa consciência social que deseja ser ouvida e posta em prática. Cabe, portanto, às pessoas, aos cidadãos, valorizar, reconhecer e cobrar desses seus representantes, uma atitude mais informativa, didática e efetiva com relação à responsabilidade social que a todos diz respeito.

Não se pode conceber e aceitar a idéia de um corpo intelectual omissa em São José do Rio Preto, em face ao expressivo número de professores e alunos universitários na cidade. Tampouco, deve-se permitir que a classe artística se esconda atrás da beleza de suas obras. A Semana de Arte Moderna, o Concretismo, a Bossa Nova, o Cinema Novo, o Tropicalismo foram, além de movimentos artístico-culturais, interventores sócio-políticos.

É claro que as pessoas têm de sobreviver. Mas sempre tiveram e, nessa luta diária, muitos interesses estão em jogo. Ninguém quer aqui apregoar o anarquismo e a revolta armada. Pelo contrário. O que se quer dizer, é que não se deve confundir a existência com a subsistência. Não lembrar do aniversário da cidade significa não ter nada relevante para recordar. Ou seja, a vida sócio-cultural da cidade está restrita apenas à subsistência.

Existir é atividade ativa, própria do ser político atuante, participativo e crítico. Subsistir é uma subcondição reservada aos invertebrados, aos irracionais e às plantas. O preço a pagar pela omissão é a escravidão em relação a interesses particulares, em detrimento dos coletivos. A escravidão é um estágio entre a lembrança e o esquecimento.

Quem opta por apenas subsistir, acaba ficando parado na história, feito árvore na paisagem. Um dia, acabará percebendo que sua principal atividade não é a de transformar o mundo, mas a de concordar com ele e realizar fotossíntese.

Nas Gerais da Cultura

O Artista é a Vontade de Adoração Coletiva

Lembro de um tempo em que algumas pessoas do nosso convívio diário, de repente, ficavam famosas. Não era bem assim, de repente, era mais que isso. Era mágico. Todo mundo sabia que um dia aquilo poderia acontecer com alguém, porque, uns diziam: fulano é um ótimo dançarino, cicrano leva jeito cantando, beltrano toca violão como ninguém.

Naqueles tempos, os artistas vinham do seio do povo. Eram conduzidos democraticamente pelo tempo e pelas pessoas ao rol da fama. Eram, os artistas, os legítimos representantes da sociedade e, observando-se sob este ponto de vista, é o que deveria ocorrer também com os nossos políticos. Eles, os artistas, eram mesmo a manifestação simbólica da vontade de adoração coletiva.

Entretanto, apesar de os artistas saírem ainda hoje do seio da sociedade, o que mudou foi caráter da legitimação de sua arte. Não é mais uma validação natural e espontânea, pois adquiriu um toque de ilusão, que também não corresponde ao elemento encantatório próprio do fazer artístico, mas que corresponde, sim, ao toque de entorpecimento da razão que interessa aos setores da sociedade organizada que desejam não o entretenimento, mas a manipulação de consciências e o consumo astronômico de produtos pretensamente artísticos.

Dizemos isso, porque o fenômeno do sucesso pré-fabricado se expandiu nos programas de realidade invertendo o antigo processo de legitimação do artista. No sentido dessa inversão, a arte, atualmente, não é mais a atividade que realmente representa a vontade de adoração espontânea – o artista saía, portanto, do centro de desejos da grande massa popular (é por isso que Ezra Pound dizia ser o artista a antena da raça) –, mas, antes de tudo é, agora, a imposição do desejo de uma parcela pequena da sociedade sobre a grande massa.

No passado, tínhamos artistas aflorando natural e ininterruptamente de dentro da comunidade. Apenas para dar nome aos bois e como caráter ilustrativo, conhecemos da Antiguidade Greco-Romana, a figura do cantador de poemas. Ele cantava seus poemas ao som de um instrumento musical chamado lira. Esse cantor era conhecido sob o nome de *Aedo*, e daí deriva a expressão “poesia lírica”. No trovadorismo espanhol, a figura do cantador popular, herança do modelo *Aedo* Greco-Romano, chamava-se *Juglar*. No Brasil, a personagem equivalente para o papel desempenhado pelos *Aedos* e *Juglares*, o temos na figura do *Repentista*. Esses são exemplos de artistas que brotavam de dentro da sociedade da mesma maneira com que a lava do vulcão saía de dentro da terra em forma líquida e escorria para a superfície para se solidificar. O artista popular saía do interior da comunidade em forma latente de desejo de adoração e subia ao palco para solidificar-se sob a forma de entidade totêmica.

Do processo de inversão que determina que o artista não é mais um produto natural, mas artificial, resulta a fama instantânea e o desaparecimento precoce de talentos que poderiam ser mais bem trabalhados pelo tempo do que pela mídia, e que aflorariam naturalmente, incentivados pelo desejo de adoração coletivo. Essa instância viola o código natural da arte, e a transforma em mais um bem de consumo perecível, subvertendo-se o seu caráter de bem eterno da humanidade. Isto quer dizer que, de fenômeno duradouro, a arte passou a ser produto fácil e rapidamente deteriorável.

Para concluir, lembramos Freud, no livro *Eros e Civilização*, de Herbert Marcuse. Diz-se ali, que a concepção moderna de arte está na contramão histórica do fazer artístico, e que a satisfação do desejo foi substituída pela repressão aos colhões instintivos da arte.

Nas Gerais da Cultura

O Buraco Nosso de Cada Dia, Dia Após Dia

Anos atrás eu fui comerciante. Às vezes, em função do pouco capital de giro de que dispunha, viajava para a capital paulista duas, e até três vezes, numa mesma semana. Comprava à vista e vendia à vista. Toma lá, dá cá. Entretanto, essa rotina era muito cansativa, embora o estoque da loja girasse bem rápido.

Ia de ônibus. No entanto, quando podia gastar um pouco mais de tempo nessas viagens, preferia ir de trem. Por um preço de passagem até menor que o do ônibus, viajava dormindo, embalado pelos sacolejos do comboio durante o trajeto, que levava pelo menos dez horas, de Rio Preto até a Capital.

Nossa cidade está cheia de buracos pelas ruas, apesar das multas dos radares e da propaganda contrária veiculada pelo governo progressista. Por meio dos telejornais diários tomamos conhecimento de que esse mal atinge muitos municípios do país e as principais rodovias. Os políticos insistem em querer acabar com os buracos, evitar acidentes, aumentar o conforto dos transeuntes e diminuir os desgastes mecânicos dos veículos. Tudo isso é boa intenção. Porém, todas são sintomáticas. Atacam o problema pelo efeito e não pela causa. Atacar o problema pela causa seria tentar reverter, em âmbito federal, o processo de sucateamento desencadeado em nossas ferrovias.

Na esfera municipal e estadual, os governantes devem investir maiores esforços para modernizar e aumentar a quantidade de transporte público disponível. Só assim, então, poderemos retirar das ruas, avenidas e estradas, uma grande parte da sobrecarga de tráfego e de peso que aceleram a velocidade de deterioração destas vias públicas.

Ao lado dessas medidas, como consequência direta, teríamos um retorno da oferta de um tipo de transporte menos poluente e de custo mais acessível para o usuário. Muitos dos empregos extintos com as estradas-de-ferro seriam reativados e as novas vagas absorveriam a mão-de-obra excedente deslocada dos trabalhos rodoviários para o ferroviário. O custo do pedágio teria um forte indício para ter o seu preço reduzido, uma vez que o desgaste das estradas, provocado pelo tráfego pesado, seria minorizado pela incidência predominante do tráfego de veículos de pequeno porte. O turismo também seria alavancado por esse menor custo do pedágio.

Todo governante sabe disso. Eles têm à sua disposição estudos e estatísticas que dizem que o transporte rodoviário é o mais caro do mundo. A experiência brasileira de urbanização da população, sustentada no deslocamento do transporte da produção, da via férrea para a rodoviária, também já pode atestar a mesma idéia do alto custo desse equívoco. Não adianta agora ficar tentando tapar buracos desesperadamente. Para cada buraco tapado, outros dois surgem em outro lugar. E por quê? Pelo óbvio. Se a economia brasileira crescer, a produção também cresce. Cresce também a necessidade de transporte dessa produção de bens. Logo, não adianta sair tampando buracos, sendo que, a solução, reside justamente na criação de projetos e práticas que visem, com urgência, reverter a natureza do escoamento da produção, hoje centrado nas vias asfálticas, para as vias férreas. Se ocorrer o contrário, ou seja, se as soluções pretendidas tramitarem apenas na órbita dos sintomas, só nos restará rezar, para não cairmos na tentação do buraco nosso de cada dia.

Nas Gerais da Cultura

O Carnaval é só uma Lembrança

Quem de nós já não está farto do carnaval? Tudo parece uma festa interminável e barulhenta. Nessa época, cada um busca o refúgio mais adequado ao bolso e à disponibilidade de tempo. As chamadas publicitárias na televisão são intermitentes. Existe uma teoria da comunicação de massa, que diz que o nosso cérebro não resiste à repetição espaçada da informação. Isto quer dizer que, se ouvirmos incessantemente, hoje, que vai chover dinheiro amanhã, certamente haverá um caos, um congestionamento de pessoas se acotovelando pelas ruas, disputando um espaço sob as nuvens verdes carregadas de dinheiro.

Dia desses andava pela rua e dei de cara com um homem negro, sentado no chão, pedindo esmolas. Vestia uma roupa suja, rasgada. Pensei. Nem de longe essa condição lembra a exuberância do povo negro. Senti saudades do futuro. De um futuro em que não haverá mais pessoa alguma pedindo coisas pelas calçadas. Senti pena do passado. De um tempo que não vivi, mas do qual herdei as culpas através de meus ancestrais. Aquele negro, no passado, através de seus ancestrais, nasceu príncipe. Andava soberano pelo solo da mãe África. Os ancestrais daquele negro pedinte são os mesmos que os meus. O darwinismo social elegeu a cor branca da minha pele como a cor socialmente mais aceita. Branca é a cor da vergonha. Quando nego a ele qualquer pedido, nego antes a mim mesmo. Nossos ancestrais são a nossa única razão de existirmos hoje.

Pelas ruas, nos ensaios das escolas de samba, vejo orgulhosos, os seus integrantes ensaiando para o desfile de carnaval. Uma boa parte dos integrantes da escola, os passistas que ensaiam, têm a pele de cor negra. Mas, observando bem de perto, percebo que não estão ensaiando. Eles estão lembrando. Vestindo roupas brilhantes, eles se lembram do brilho ancestral da corte de onde vieram. Cantando e dançando, lembram dos bailes em torno do fogo, que os ancestrais faziam pra comemorar a caça ou celebrar a guerra. Eu também me lembro. Minha pele é branca, minha alma é negra, minha memória é de índio. Revelaram-me isso as lágrimas que me caíram, quando participei do ensaio do grupo Olodum, na ladeira do Pelourinho, em Salvador, na Bahia. Vi que eles celebravam a saudade. Meu coração batia no ritmo dos tambores do tempo. A alma pulava de alegria. Minha alma também lembrou. Ali eu dancei como eu fazia quando fui índio dançando no Baíto. Toda a minha africanidade apareceu diante dos olhos embaçados.

O que nos incomoda não é o barulho do carnaval, mas a angústia de ter de esconder de nós mesmos a saudade que temos do passado. Escondemos nossa saudade porque temos vergonha de mata-la todos os dias. Pouco a pouco acreditamos que a omissão também é verdade. É estranho, mas, de repente, meu pé quer dançar. Um negro passa pela rua tocando um tambor. Esse negro pede apenas a volta do tempo, ele toca o ritmo de um lamento. E ainda assim anuncia o disparo de partida para o empacotamento social. Não se comporta mais como um rei do passado, mas como bobo da corte que anuncia a festa aos comensais que o devorarão. Mas que estranha nação é essa que promove sua própria orgia por quatro dias e quatro noites, depois se desempacota e volta à carga com o massacre das próprias heranças. Sufoca diariamente as próprias raízes étnicas e ainda reclama do barulho que ecoa do passado. Mas o que é o que ouvimos, então, pelas ruas, durante o carnaval? São apenas os ecos das vozes ancestrais, nos lembrando do que somos feitos: somos uma única entidade, que pede esmolas pra si mesmo, nas ruas da eternidade, com uma tremenda saudade da época na qual todos éramos reis.

Nas Gerais da Cultura

Ode às Paisagens da Memória

As paisagens da história de nossa cidade já foram pintadas, encenadas e cantadas por inúmeros artistas.

O músico Fernando Marques, em seu recente disco *Sinfonia Riopretense nº 1*, conseguiu aglutinar todas estas manifestações anteriores de apreço em seus acordes e arranjos. Construiu através de seus encadeamentos harmônicos uma homenagem musical ao nosso passado. Ouvindo as composições da *Sinfonia nº 1* temos a nítida sensação de estar lentamente voltando ao passado. Nessa viagem de regresso, resuscitamos o mito do eterno retorno. Vestimos novamente nossas armaduras, empunhamos nossas lanças, e abrimos a boca com nosso brado de guerra. Estamos novamente prontos a recomeçar a construção de nossa história.

Lá, nas entranhas do nosso remotismo temporal, encontramos as nossas raízes, nossos antepassados. Neles nos confirmamos. Descobrimos através da exuberância das raízes que irrompe a terra fértil e que afloram musicalmente sobre as lendas de nossas origens, as qualidades que possuímos como filhos e descendentes de tão bravos pioneiros e desbravadores de nossa história. Não é preciso que seja verdade. Cada um de nós tem uma versão da verdade, entretanto, ninguém consegue fugir à força impulsionadora da memória coletiva que nos congrega em um mesmo espaço geográfico e nos transforma herdeiros de histórias, crenças, lendas e fantasias.

A importância de uma obra como a do Fernando reside, portanto, justamente no mérito de proporcionar ao povo o reavivar de uma memória até mesmo desconhecida pela maioria de nossos habitantes. Ainda assim, essas memórias são as lembranças mais belas que nossa alma atribulada pelo cotidiano pode conceber. Através dos acordes da *Sinfonia nº 1*, dessas memórias nos apropriamos e nelas nos felicitamos. E é essa felicidade imaginária que faz que mesmo aqueles que não são filhos da terra se sintam nascidos aqui, e para confirmar essa filiação imaginária inventam lembranças. É uma esperança de ter o sol na mão. São crenças que descem do céu ao chão. É uma mistura de orgulho e inveja, de realidade e fantasia, de tristezas e de alegrias. São saudades sem fim. São realizações de um sonho, é a verdade e ao mesmo tempo uma quimera.

O Romântico poeta Gonçalves Dias, em sua *Canção do Exílio*, cantou as palmeiras e os sabiás do nosso Brasil. O Contemporâneo Fernando Marques, em sua *Sinfonia nº 1*, entoou as locomotivas do progresso de Rio Preto. Transformou as pedras do caminho em belos caminhos de pedra. Para o músico, a pedra no caminho musical é o acidente, é a alteração da natureza perfeita da nota musical e, no entanto, aproveitando-se metaforicamente dos acidentes e dissonâncias da musicalidade, Fernando Marques institui, poeticamente, que os percalços não são problemas intransponíveis para nossa cidade e nem para a música. Antes de tudo, os contratempos e pedras de nossa história se resolvem com o tempo, assim como as dissonâncias se resolvem nos encadeamentos da partitura. Os entraves foram, em essência, os reais motivos para que não saíssemos da trilha do sucesso que hoje nos invoca o orgulho rio-pretense. O resultado dessa trajetória de quedas e avanços, portanto, aparece-nos aos ouvidos através dos motivos musicais que deverão ser consagrados para a eternidade.

Nas Gerais da Cultura

O Fome Zero e a Semana Paulista da Moda

Na sala de aula, ontem, uma aluna me disse que conhece a melhor dieta para emagrecer: é a do café com leite.

Logo pensei, xiii!, lá vem mais uma furada. No que ela emendou: “a dieta é assim, é só a pessoa capinar cem pés de café por dia e ordenhar outros cem litros de leite, e pronto, emagrece que é uma beleza!”. Essa é muito boa, não!

Anteontem foi divulgado pela mídia que a famosa dieta do Dr. Actkins, ao invés de fazer bem, pode matar. Também, comer picanha o dia inteiro deve ser muito ruim mesmo. Disseram os médicos que o cuidavam, que o próprio Dr., pai da discutida dieta, morreu obeso e cardíaco. O Presidente Lula é que andou fazendo essa dieta por aqui. Presidente, te cuida, o troço é perigoso!

De vez em quando corre a notícia de que na Europa existe mais uma onda da doença bovina da vaca louca. Volta e meia estamos apavorados com a gripe do frango. O susto continua, intensificado com os indícios da possível nocividade dos alimentos transgênicos. Os alimentos enlatados, a seu turno, podem trazer no interior das embalagens a perigosa bactéria do botulismo.

Conclusão. Do jeito que a coisa anda, já dever ter gente na ONU – Organização das Nações Unidas - pensando em lançar uma campanha mundial para todo mundo parar de comer. Só para contrariar o Presidente Lula, que quer ver todo mundo comendo. O slogan da campanha será: “se você comer, morre na hora, se não comer, demora mais”. É, e isso é assim, porque todo tipo de comida que existe parece carregar consigo uma sina de degradação ou contaminação. É a praga do mundo moderno e de tecnologia avançada que invade as classes sociais pela mesa e pela marmita, indistintamente.

O lado bom disso tudo reside no fato de que ninguém mais vai ser acusado de “sofrer” de anorexia, pois essa doença será a doença da moda. Ou seja, o que é exceção – emagrecer doentamente -, será a regra. É a paradoxal nostalgia da Roma antiga. Só que, ao invés de se comemorar o sucesso, como faziam os romanos, celebrar-se-á com a doença a miséria da condição humana. Lá, em Roma, quando aconteciam os grandes banquetes – que por sinal duravam dias ininterruptos -, os comensais dirigiam-se constantemente ao vomitório. Era uma espécie de banheiro, onde os convidados, depois de encher a pança, se dirigiam para vomitar e poder continuar comendo, bebendo e festejando.

Agora, senhores, venham e convenham, a idéia da miséria é mesmo genial. O que fica mais barato para o capital, arrumar dinheiro para matar a fome do mundo, ou espalhar um vírus alimentício e aumentar o preço dos produtos considerados mais saudáveis e confiáveis? Essa conta talvez nem os capitalistas saibam fazer ainda.

Enquanto eu não sei também que resposta dar, vou ter de me contentar em aprender a viver de prana e de luz. Tem muita gente que consegue, e nem é preciso ir para o oriente para ver, basta ir a capital, na semana que acontece a São Paulo *Fashion Week*. Na passarela da moda paulista desfilam todo tipo de adeptos da anorexia e do vomitório. A única coisa que não se vê é gente simples, da roça, com a mão cheia de calos e a roupa suja de terra.

Seu rosto magro, sua pele queimada, talvez sejam muito reais para estarem ali, assustando a platéia que se compraz em contemplar a irrealidade como se ela fosse a verdade.

Nas Gerais da Cultura

O Grafite é Vandalismo Organizado

Num desses domingos bem típicos, estava eu sentado no sofá da sala, navegando pelos canais abertos de televisão em busca de algum programa interessante. Até que encontrei alguns bons, outros nem tanto. Mas me lembro de algo mais interessante que a programação. Numa chamada de um dos programas da TV Cultura, o chamado Repórter Eco, a narração citou um pensamento do oceanógrafo Jacques Costeau, durante a exibição de imagens marítimas.

O pensamento dele citado pela narradora dizia que, observando-se a grandiosidade e perfeição dos seres vivos no mar, poder-se-ia concluir que o mar era o que poderia ser chamado de vida organizada.

Pronto. Estava precisando de algum assunto para escrever neste espaço, e eis que me vêm à idéia frases advindas justamente da falta do que fazer. Não tinha nenhum assunto e resolvi escrever mesmo sobre a cultura cultural do ócio. Fiquei pensando sobre as virtudes profundas do ócio. Absorto, nesse interessantíssimo universo de reflexões, saí para caminhar pela cidade. Passando por um viaduto observei que em suas paredes laterais estavam pintados desenhos muito grandes e coloridos.

Observando, portanto, a grandiosidade daquelas ilustrações, parafraseei Costeau. Deduzi que o grafite seria o vandalismo organizado. Isto quer dizer exatamente que, quando o governo ou a sociedade instituída perde o controle de parte de seus membros – os vândalos, por exemplo -, ela os reabsorve organizando-os de tal maneira que eles pensam estar fazendo parte da sociedade que antes queriam destruir ou estragar. É lindo isso, não?

No caso do mar, quem organiza a vida lá, supõe-se, é Deus. O que aparece aos nossos olhos como agressivo no fundo mar - um tubarão atacando um golfinho, por exemplo -, para a rotina marítima é um fato normal e necessário. No caso do vandalismo, temos um acontecimento social normal de protesto e rebeldia, no entanto, não necessário para a sobrevivência social e manutenção do status quo. A sociedade repudia o vândalo e seu protesto. Não tendo solução imediata para os problemas que o vândalo denuncia indiretamente em suas letras e códigos pelos muros e paredes da cidade, resocializa-o sob o nome de artista de rua. Como um outro recurso da lei das compensações, organiza-se o vandalismo em forma de grafite, dão-lhe rótulos artísticos e culturais e autoriza-se seu surgimento por todas as ruas em forma de gigantescos desenhos.

Não vejo nada de mal nisso. A única coisa que não consigo é acreditar que o problema social que antes era denunciado através de garranchos foi resolvido pelo simples fato de se ter mudado a aparência da denúncia. Acreditar na solução disso através da mudança da aparência seria o mesmo que acreditar que, se déssemos a um tubarão garfo, faca e guardanapo seu ataque mortal ao golfinho seria transformado em um sublime e ordeiro banquete à luz de velas.

Moral da história: pode-se até organizar-se o tubarão, mas jamais dominaremos o seu instinto assassino e esqueceremos a crueldade de seu ataque. Resumindo, não se pode transformar instinto predatório em boas maneiras à mesa pela simples utilização de utensílios de cozinha. Muito menos se pode ocultar o protesto e a denúncia retirando-se da marginalidade o vandalismo transformando-o em obra de arte ou produto de consumo.

Nas Gerais da Cultura

O Poder Emergente do Mendigo

Nossa noção de poder está contaminada por valores predominantemente relacionados à capacidade de consumir. A posse objetiva de bens e dinheiro alterna-se, subjetivamente em nossos desejos, ao respeito dedicado a determinadas carreiras profissionais. Entretanto, apesar de isso soar como verdadeiro, perguntamo-nos se, do outro lado da moeda social, um mendigo teria algum tipo ou desejo de poder.

Ao lado dessa dúvida, é curiosa a constatação de que, atualmente, algumas atividades humanas estejam perdendo a função para a qual foram criadas. A corrida de automóvel, por exemplo, tem sido decidida, não na pista, mas durante o *pit stop*. Algumas partidas de futebol são resolvidas na jogada de bola parada, e não na prática do futebol arte. Alguns artistas, para ficarem ainda mais em evidência, transformam-se em seres excêntricos e se escondem do público. Nossa vida fica literalmente no fio da navalha quando paramos o carro num semáforo. A economia do país está parada. Quase 25% da população economicamente ativa está desempregada, sobrando, então, para $\frac{3}{4}$ da atividade produtiva, o sustento da totalidade da máquina pública. A nova crise mundial do petróleo, acirrada a partir do terrorismo que vem do Oriente Médio, nos permite a ilação de que o mundo mecânico pode entrar em colapso e parar o mundo físico.

O que tudo isto quer dizer? Quer dizer que a vida está ficando sem graça. O resultado de uma vida sem tesão e sorrisos é uma alma sem libido e um rosto travado e velho. Mas, será então que vivemos sob o jugo da ditadura do “movimento parado”? É paradoxal a expressão “movimento parado”, da mesma maneira que é paradoxal vermos esportes tipicamente dinâmicos, como uma corrida de Fórmula I e uma partida de futebol, serem decididas em seus breves momentos de inércia.

Num mundo parado ou ineficiente, a lei da inércia entraria mais facilmente em vigor. A sociedade evoluiu, mas está voltando a um estado tribal e miserável, e, dele, tende a não mais sair. O entretenimento criado para divertir, não nos diverte mais. O remédio pesquisado para nos curar, é falsificado e nos mata. Toda a tecnologia que surgiu para melhorar as condições da vida humana está a serviço da guerra pelo domínio do planeta. Logo, toda ostentação ou ânsia pelo poder se resume na constatação de que somos culturalmente mendigos. Mendigo é o homem em estado de doença sócio-cultural terminal.

Mendigamos empregos e, quando o temos, queremos melhores salários, férias e salário-desemprego. Mendigamos mais segurança nas ruas e não queremos ou podemos pagar os voluntários que a realizam. Mendigamos do poder público um melhor serviço de saúde, transporte, e educação, mas jogamos lixo nas ruas, depredamos o patrimônio alheio e somos contra a lei de cotas para negros e deficientes nas universidades. Queríamos democracia e também poder eleger um presidente trabalhador e, agora, temos saudades do período desenvolvimentista da ditadura militar e não vemos a hora de chegar a eleição para votar em tipos como o ex-presidente Collor e os anões do orçamento.

O poder social do consumismo é o mesmo poder que possui um mendigo, isto é, nenhum. A lei da inércia impera porque tanto o consumista quanto o mendigo assim desejam. Ninguém quer saber de renovar o processo, ou seja, de plantar uma nova roça. Por isso é que a vida está perdendo a graça. A alegria estava no viger do processo, viver a mediação. É o que tínhamos no dribble, na ultrapassagem, no curandeirismo, na gargalhada. O que vivemos, contudo, é a mera busca pelo resultado. E o resultado disso é a supremacia inepta de vencedores num duelo entre consumistas e mendigos poderosos e insatisfeitos.

Nas Gerais da Cultura

O Politeísmo e a Tecnologia

Quando ainda aluno na faculdade, um professor contou-nos a história de uma família reunida para o café da manhã na cozinha. O bebê, sentado em sua cadeirinha, a mãe, atarefada e dividida entre a atenção que deveria dar ao papai, aos irmãos e ao próprio bebê. Todo esse alvoroço matinal é normal em nossas lembranças, pois reconhecemos essa cena em nossas casas. Ou pelo menos acreditamos que ela aconteça conosco, pois é assim que normalmente as famílias aparecem ao amanhecer nos programas de televisão e no cinema, e da memória destas cenas nos apropriamos, tornando nosso o que não era.

Num dado momento, o bebê olha para o alto da cozinha, aponta com o dedinho e diz: “- Mamãe, papai voando”. A mãe, de costas para a cena a qual indicava o filhinho, vira-se, vê o marido flutuando sobre a mesa e desmaia. Para o bebê, em fase de aprendizado das coisas da vida, o fato de o pai estar sobrevoando a mesa do café da manhã, era mais um dos fatos aos quais deveria acostumar-se: tomar banho, tomar remédio, beber leite na mamadeira, ouvir cantigas de ninar, brincar de apanhar dos irmãos mais velhos, puxar o rabo do cachorro, ver o pai voar. Enfim, tudo é novidade e ao mesmo tempo normal, é, grosso modo, o universo do verossímil aristotélico. Na vida da mãe, o óbvio é o que se encaixa em sua rotina diária, e o que lhe foi ensinado como sendo possível, plausível, é o universo preso a uma lógica cartesiana.

Dentro do universo do óbvio, fui vítima dos meus próprios conceitos. Depois de muito lavar minhas roupas comprei uma máquina de lavar. É interessante como somos facilmente encantados por qualquer promessa de felicidade. Sem querer, comecei a manifestar um comportamento de adoração com relação àquela máquina. Inicialmente, já na primeira utilização, fiquei em torno do objeto que estava devidamente alojado na área de serviço, admirando seu porte e presença de espírito. Que personalidade ela tinha, pensei! Lá estava, toda impávida em seu afazer, resolvida, inabalável. Devotei à máquina de lavar vários minutos de minha atenção. Dediquei a ela uma veneração deificante. Cerquei-a de cuidados. Percebi, surpreso, que oferecia culto a uma espécie de deus tecnológico, que exigia minha adoração e que me retribuía com uma sensação de felicidade. Lavar roupas no tanque do apartamento era um sofrimento. Logo pude compreender a alegria das mães que ganham presentes tecnológicos: celulares, computadores, carros, processadores de alimentos, ferros de passar, etc. Dependendo do grau de necessidade, o bem ganha status de deus, figurando como divindade no altar do imaginário humano.

Esse processo, pensei, deve ser semelhante ao que conduziu ao homem da antiguidade à instituição de crenças politeístas. Os últimos indicadores do censo do IBGE, no entanto, demonstraram um decréscimo acentuado no número de praticantes das religiões politeístas. Apontaram também a maior queda no número de fiéis já registrada nos seguidores do catolicismo que, apesar de religião de discurso monoteísta, divide a soberania de um Deus único com a assessoria de diversos santos. E, paralelamente, os dados do IBGE indicam um crescimento das crenças evangélicas monoteístas que pregam a salvação do homem na terra, visíveis aos outros por meio de suas virtudes materiais.

Disso, conclui-se que o politeísmo tecnológico é a religião da modernidade. Na medida em que equacionamos condições de materializar nossas conquistas financeiras, dedicamos às suas manifestações matinais na cozinha, nosso desmaio de admiração, nosso desdém infantil, ou nossa idolatria primitiva. Ou seja, ao elegermos um eletrodoméstico como nosso deus, somos tão modernos o quanto conseguiram ser nossos ancestrais na caverna, quando tornaram o fogo seu objeto de desejos e disputas.

Nas Gerais da Cultura

O Protagonista da Gastrite

Ah, a família! Eu sempre a coloco em primeiro lugar. Eu nunca quis ser melhor do que ninguém. Tudo o que eu quero é estar no meio. Na dianteira, nunca – pensava -, a vitória é desejo de arrogantes. Devo, também, manter uma conduta ilibada, refrear meus instintos sexuais, evitar os exageros. Dormir cedo, acordar mais cedo ainda. Trabalhar exaustivamente sem reclamar. Beber, nem pensar! Em nome da nação, eu fui pra guerra, fui preso pelo SNI, vivi de salário mínimo, votei em prol das Diretas Já, fui cara-pintada, fui grevista no ABC, apanhei da polícia. Votei no Maluf, no Collor, e no Lula. Votei no Maluf porque ele prometeu-me acabar com a insegurança. Votei no Collor porque ele prometeu acabar com os Marajás. Votei no Lula porque ele prometeu ser diferente de todo mundo.

Assim é que se cultiva uma gastrite incurável. Sou protagonista de meu próprio *script*. Minha família reclama do meu salário. Os filhos não vêem a hora de crescer e ganhar o olho da rua. A cada dia que passa eu chego em casa cada vez mais tarde, pois fico na fábrica fazendo hora-extra. Olho pra minha mulher, ela insiste em continuar engordando – diz que está somatizando o inchaço do problema da convivência. Por causa da frustração, desandei a beber. O Maluf é candidato de novo. O Collor, apesar do *impeachment*, também será. O Lula continua presidente – e já falam em reeleição.

Hoje, 15/07, no bairro Alto Alegre, por volta das 11 h e 30 min, em Rio Preto, presenciei um acidente de trânsito. Um homem de motocicleta foi tolhido por um veículo, que se evadiu do local sem prestar socorro. Enquanto o motociclista recebia os primeiros atendimentos por populares, ainda no chão, a viatura resgate do corpo de bombeiros se aproximava. Chegaram ao local também o sogro e a esposa da vítima. Manifestaram alguma preocupação, e notando que o jovem estava consciente, conversando com os bombeiros, enquanto estava sendo imobilizado para a condução ao hospital, o deixaram, e foram tomar conta das mercadorias que estavam sendo transportadas pelo motociclista. Muitas garrafas de cerveja e latas quebraram ou estavam furadas. Havia alguns galões de água. A esposa pegou um carro e o estacionou ao lado das mercadorias. Seu pai – o sogro do rapaz -, também se pôs a carregar no carro os produtos que não foram danificados. Logo, chegou um funcionário da empresa que distribuía bebidas, na qual trabalhava também o jovem motociclista, e passou a ajudar pai e filha na lida com as cervejas e com os galões. A quantidade era pouca, mas a preocupação ao redor da recuperação dos produtos era enorme. Isso acontecendo, e o rapaz, já na maca e em movimento, gritava para o público – “você viram a Brasília que me atropelou, alguém anotou a placa?”. E, assim, foi-se o acidentado com a viatura para o hospital, enquanto seu sogro e sua esposa nem perceberam sua partida, entretidos que estavam com os zelos com a motocicleta e os vasilhames de cerveja.

O que pretendemos, aqui, é chamar a atenção para o fato de que cada vez mais as pessoas são funcionais e menos humanas. O cidadão se frustra porque suas aspirações não se realizam para ele como se realiza para os outros. O acidentado do Alto Alegre, que teve sua “função de entregador” interrompida pela colisão com a Brasília, se solidariza com o homem comum das grandes cidades, pois foram transformados em coisas. Todos nós somos coisas fazedoras de coisas, isto é, somos protagonistas voluntários de nossa própria gastrite.

Nas Gerais da Cultura

O Que é Um Leão?

Certa vez, eu ouvi uma pergunta estranha: O que é um leão? Eu pensava saber a resposta. Todos pensamos saber a resposta. Eu também pensei que sabia. Respondi: um felino carnívoro, enorme e medonho, principalmente se estiver com fome. Mas a surpresa da nova resposta não é o fato de ele não ser um felino – porque é -, mas a sua prática de felino – e sobre isso nós nunca pensamos -, e é isso que tira a resposta do lugar convencional. Dizemos, então, que os leões, acima de serem seres felinos carnívoros, eles são a prática felina carnívora, ou seja, são ovelhas, zebras e hienas organicamente assimiladas, não apenas sob o ponto de vista da digestão orgânica da carne ingerida, mas também sob o ponto de vista da ingestão, digestão e apropriação dos elementos “sócio-culturais” pertencentes às ovelhas, zebras e hienas. Isso é maravilhosamente terrível. Nós, brasileiros, somos como os leões. Somos maravilhosamente terríveis por sermos culturalmente negros, índios e europeus assimilados.

Ao lado dessa consideração, com a mesma pressa responderíamos o convencional, se nos fosse perguntado o que é o povo brasileiro. Diríamos, então, como já definimos acima, que somos o resultado de uma mistura européia-afro-ameríndia. Do mesmo modo que respondemos que leão é um felino e não nos enganamos nisso, ao respondermos que somos o resultado dessa dada mistura, também não incorremos em erro. Fato é que devemos, analogamente, considerar o funcionamento dessa mistura no contexto social, político e cultural da singularidade tupiniquim. Ou seja, devemos considerar o que os tipos interferentes na nossa mistura étnica e cultural nos proporcionaram, e de que maneira contribuíram para a imagem que vemos ao olharmo-nos no espelho. Procedendo dessa maneira estaremos verificando qual tipo de assimilação fizemos derivar desse processo, ou seja, como se deu em nós a prática miscigenatória. Um bom lugar para lançarmos nosso olhar investigativo, sem dúvida, é o interior dos movimentos culturais de vanguarda brasileiros.

Nas Gerais da Cultura

Ordem e Progresso num País sem Memórias

Outro dia, mais precisamente no dia 17/04/2002, nesse mesmo espaço, dissemos sobre a precocidade etária com a qual as crianças são aliciadas para o mercado de trabalho. No entanto, voltamos, hoje, ao tema, para denunciar mais adiante algumas das constatações diretas dessa prática predatória. Para tanto, traremos à baila o novo programa de realidade, o “Fama”, episodicamente exibido pela Rede Globo de Televisão. Esse formato de entretenimento tem uma proposta boa. Uma delas é o fato de tornar o ser humano, e não uma coisa consumível ou facilmente perecível ou um animal, o objeto da observação atenta da platéia. Da mesma maneira, aliás, a qual o “Circo do Sol” europeu retirou os animais do picadeiro e passou a expor o bicho homem nele. Entretanto, a desconfiança fica por conta do dado o qual nos permite observar que os temas complexos, próprios para serem abordados por personagens adultos mais amadurecidos nas novelas, por exemplo, estão sendo vivenciados por atores ainda muito jovens.

A primeira parte de nossa denúncia a fazemos agora: foi decretada a ruptura explícita do papel do adulto como referencial de responsabilidade na tutela social dos direitos e obrigações da concepção contemporânea da vida social civilizada.

Para melhor entender o que se passa, esclareceremos. Se levarmos em consideração que os últimos números do IDH (índice de desenvolvimento humano) apontam para um aumento da expectativa de vida do brasileiro de 65 anos para algo em torno de 70 ou 75 anos, ficaremos assustados. Vejamos. Levemos em conta que o programa, também global, “Gente Inocente”, ao lado da parte boa, a qual já fizemos alusão, promove, paralelamente, um incentivo em nível nacional para que crianças, cada vez mais jovens, tentem um prematuro estrelato (não deixemos de ressaltar a devida convivência dos pais). Relacionemo-lo com o recente “Fama”, programa no qual o perfil dos candidatos ao sucesso instantâneo exterioriza alguma familiaridade conceitual com a dupla Sandy e Júnior. Juntemos a esses ingredientes o fato aludido por nós no dia 17/04 e às personagens de notória complexidade psicológica e existencial de telenovelas, vividas por galãs e namoradinhas do Brasil, ainda muito jovens. O resultado ao qual chegamos é o seguinte. Primeiro, nós constatamos que a pretendida vitória social instantânea, modelo de sucesso tipo “achocolatado energético em pó” (isto é, de consumo rápido e fácil), só se sustenta mediante a um intenso bombardeio na mídia, uma vez que não têm consistência ideológica e, por isso, se dissolvem ao contato com a falta de água e caem no esquecimento (faltando água, não tem energia elétrica, sem energia elétrica não tem televisão, etc). Segundo, nós percebemos que o parâmetro para a classificação das pessoas no rol da chamada “terceira idade” vai ser alterado dos atuais limites etários de 45 ou 50 anos, para algo próximo de 30 e 35 anos – essa exclusão do jovem de 30 e 35 anos já é fácil notar no mercado de trabalho. Terceiro, e é aqui que expomos o segundo lado de nossa denúncia, os adultos estão, como nunca estiveram, por fora. Não por serem caretas, como se dizia antigamente. Nem por provocarem um choque de gerações. Os adultos de hoje têm uma função bem definida. Eles servem muito bem para financiar os gastos dos mais jovens, que insistem em desperdiçar o trabalho árduo da geração mais velha com futilidades. Os mais jovens ainda se vangloriam de terem uma falsa autonomia emocional e financeira, mas esquecem de olhar para o universo e perceber que os adultos são quem sustentam sua aparente independência. Logo, conclui-se, inevitavelmente, que teremos uma sociedade muito jovem, sendo governada por jovens, e nenhum velho de 30 anos para contar a história de como a civilização rejuvenesceu precocemente e de como perdemos nossa vontade individual e nossa memória coletiva.

Nas Gerais da Cultura

O Sócio do Mundo

Quem quer ser sócio do mundo?

O planeta não é um *playground* gigante. Entretanto, parece que tudo o que presta e que não presta pode ser feito por aqui. Ao lado disso, a crença que se espalha, é a de que governar é uma festa, e de que nós, nessa festa, entramos apenas com os custos.

A temporada de candidatos a sócio do mundo ou a convidado na festa de posse está chegando. Com as eleições próximas cada um deles tem uma plataforma ideal para gerir o condomínio social. Entretanto, o que deve nos deixar em estado de alerta é o fato de que existe uma tendência política generalizada a se concentrar as felicidades à esfera de gozo de poucos, e a se socializar os prejuízos para os demais condôminos.

No final, quando tudo dá certo, o governo vai bem, se vê muitas comemorações, desfiles de moda, jantares. Quando os problemas vêm à tona, se diz que é a sociedade é que precisa rever seus comportamentos.

Quem quer ser sócio do mundo? Ser gerente do mundo é um excelente negócio. O acesso ao lucro é restrito ao gerente, enquanto que a solução dos conflitos é de responsabilidade dos condôminos. É um negócio das arábias.

Nesse momento acabei me lembrando da história da manga madura. Nela, conta-se que um garoto, ao deparar-se com uma mangueira carregada de seus frutos, juntou algumas pedras e passou a arremessá-las em direção à manga a qual lhe parecia a mais madura do pé.

O que é interessante não é a história em si, mas a transposição dela para a vida cotidiana. Imagine que nossos políticos são a representação daquele garoto, que as pedras lançadas são os prejuízos que são socializados (descaso com a educação, saúde, transporte, segurança, etc), e que nós somos, enfim, as mangas maduras.

A partir dos argumentos assim expostos, pode-se dizer o seguinte. Qualquer pessoa, em linhas gerais, irá preferir, olhando para o pé de manga, atirar pedras nas mangas maduras. Isso porque é a manga madura que é a manga boa. É ela que nós queremos. E é manga boa o que nós somos.

Se nós somos partes do problema, quando não conseguimos, por diversos fatores, eleger o melhor político para gerir o mundo, não importando o tamanho desse mundo (do tamanho de um distrito, de um município, de um Estado), também somos parte da solução. Se nossos governantes nos atiram pedras simbólicas é porque nós somos as melhores mangas que existem no pé. E é de mangas boas, portanto, que devem surgir um esforço maior ao encontro das soluções.

O que temos, então, é que nos lembrar de que somos o melhor fruto da árvore “mundo”. É de nós que depende a melhor a iniciativa para mudar a situação geral de nosso condomínio social.

É imperioso que lembre-mo-nos, todos os dias, de que somos sócios do mundo.

Nas Gerais da Cultura

Ou a Vida é boa ou é Ruim

Ou a vida é ruim ou é boa. Depende de nossa escolha mental o que ela será ou continuará sendo. Se quisermos que a realidade objetiva se torne um conto de fadas, ela assim o será. Nesse sentido, as crianças são mestras. Elas vivem no mundo da fantasia. Podem tudo e as soluções são fantásticas e ao mesmo tempo simples.

Um dia desses, encontrei um garotinho chorando numa estranha calçada. Ao sentir minha aproximação assustou-se, no que tentei dirigir a ele esforços mentais para que entendesse que eu não o machucaria. Houve um instante tenso e hesitante que a nós dois pareceu eterno e íntimo. No entanto, não demorou muito e consegui fazer amizade com ele.

Passamos juntos apenas uma tarde inteira. Esqueci de dizer-lhes, leitor, que estávamos numa praça central de uma grande cidade, seu ponto nevrálgico, pois havia gente para todo lado, uns indo, alguns vindo, outros criando raízes sentados nos bancos, enfim, vendo a vida passar à moda dos adultos que se aposentam da própria vida.

Como eu ia dizendo, passei a tarde inteira com um garotinho que encontrei chorando, bem no meio de uma praça. E, sem que eu me desse conta, comecei a ter lembranças de coisas que eu não lembrava ter vivido. Num passe de mágica, meus olhos visualizavam cenas e episódios de uma vida que não era mais a minha. Sem saber o que fazer fui despertado desse meu estado onírico e nostálgico pela voz do menino que, agora, não chorava mais ao meu lado, mas apenas chamava a minha atenção para o óbvio – o que ainda restava de menino dentro de mim.

– Moço, o que o senhor está vendo é a memória da nossa vida. Nós escolhemos você para lembrar-nos o caminho de volta ao mundo de nossa infância esquecida.

Como assim, - pensei - como posso eu, um adulto, lembrar a você, um garotinho, o que é ser criança?

Mesmo tendo medo, senti-me impelido a vivenciar ainda mais daquela sensação maravilhosa, no entanto, atemorizante, pois desautomatiza.

– Hei menino, como eu faço para continuar com isso?

– Não precisa fazer nada não, senhor. Respondeu. – Basta o senhor continuar sendo a memória de uma tarde infantil e tudo será como tem de ser: feliz, mágico e simples.

Nas Gerais da Cultura

O Voto Consciente e a Propaganda

O momento é bastante propício para intensas campanhas antipoluição. Isso, porque a já infelizmente tradicional poluição do ar, como também a poluição visual e sonora, atingem a todos, de maneira massacrante e indiscriminada. Estas modalidades de agentes poluentes, agindo conjuntamente, contribuem bastante para a intensificação do estado de estresse sob o qual as pessoas sobrevivem atualmente.

Dia desses acompanhei pela televisão uma verificação de rotina dos filtros de ar e equipamentos de medição dos índices de poluição sonora realizadas pela CETESB, na capital paulista. As conclusões às quais os técnicos chegaram diziam simplesmente que o nível de qualidade do ar e a frequência dos ruídos eram incompatíveis com continuidade da existência da vida humana em São Paulo.

Nessa época de eleições sentimos ainda mais intensamente — nos olhos e ouvidos — os efeitos da massificação da propaganda promovida pelas postulações a cargos públicos via candidaturas que serão disputadas em outubro próximo. São inúmeros *outdoors*, panfletos, faixas, carros de som, etc. Por isso, em meio à turbulência e intermitência da poluição visual em nossa cidade, é louvável citarmos aqui que um dos únicos candidatos a deputado estadual pela região de Rio Preto que ainda não poluiu a cidade com seus anúncios eleitorais é Luiz Storino.

E não é com sentimento pleno de alegria que constatamos isso. Apenas como lembrança, e que fique registrado na memória dos rio-pretenses, salientamos que assistimos, recentemente, a chegada de uma nova empresa de publicidade na cidade. Seu *slogan* dizia, com pompas e peripécias, que ela já entrava na cidade com o maior número de lugares disponíveis para os anúncios publicitários. Não havia entendido muito bem aquela mensagem até que, sutilmente, nos espaços onde haviam dois painéis destinados aos reclames, apareceram mais quatro ou cinco no outro dia. Na esquina do Sesc de Rio Preto, divisa com o prolongamento da Avenida Alberto Andaló, por exemplo, vários painéis foram instalados e a paisagem das árvores daquela esquina foi substituída por propagandas.

Será que o Storino, e os que ainda não publicaram seus nomes pelas ruas resistirão a tanta oferta de espaço publicitário? Será que nós cidadãos suportaremos tanta informação? Viva a poluição visual e a incompatibilidade de existência de vida inteligente no planeta! "Quem lê tanta notícia?", perguntava no passado o nosso ilustre Caetano Veloso, na canção Alegria, Alegria.

De qualquer maneira, considerando o bombardeio de informações, chegamos a pensar que nós somos todos heróis, porque, além de sobrevivermos a eles, percebemos que, ao invés de essas informações contribuírem para o esclarecimento e conscientização da população, o efeito que se obtém é o do entorpecimento dos critérios de seleção das pessoas. Anestesiados, vivemos e caminhamos pelas ruas como zumbis. Teleguiados pelas máquinas controladoras do nosso admirável mundo novo, nós rumamos, cada vez mais, na direção da catarse e da inconsciência que são mais próprias da humanidade da pré-história, e não dignas e compatíveis com a sociedade avançada e tecnológica do século XXI.

Como resumo de tudo isso, temos que, assim como a poluição torna a vida humana incompatível no planeta, parece que o voto consciente é impossível sob a massificação da propaganda.

Nas Gerais da Cultura

Para Gostar de Ler

O Brasil é, atualmente, o oitavo mercado editorial do mundo e, paradoxalmente, o brasileiro – inclusive o nosso imenso público universitário – sustenta a fama de ser ainda um péssimo leitor e interpretador de textos.

Destaca-se, nesse sentido, a atuação quase nociva da imprensa de divulgação em relação ao escritor e a obra literária tupiniquim, uma vez que ela, ao ignorar a força de nosso mercado consumidor, também promove uma exclusão do leitor em relação à obra por insuficiência de informação sobre a existência dessas obras. Parece que é uma tentativa de matar a cultura literária por estrangulamento e por inanição.

Atualmente é quase um consenso entre os agentes do ensino que operam em todos os níveis – da pré-escola à graduação e pós-graduação –, que a reeducação do leitor/consumidor é necessária e urgente. A trajetória da reeducação passa por estradas concretas como a da conscientização do cidadão comum e dos estudantes para que se promova uma retomada do hábito diário de ler. Por isso, é muito louvável que a Rede Globo de Televisão tenha inserido nos intervalos de sua programação de futebol, as chamadas “ler também é um exercício”.

A reeducação pede também medidas didáticas mais abstratas, que possibilitem ao leitor um entendimento rápido e genérico do texto que se está lendo ou com o qual se esteja em qualquer relação de interação – interpretação escolar e acadêmica de textos, uso profissional da leitura, concursos, etc.

Parece, entretanto, que apesar das prementes necessidades apontadas acima, os veículos de informação de massa – reconhecidos pelo grande público pela designação execrada como *mídia* –, só dão espaço de destaque aos livros e a seus autores quando um deles, o livro, o autor ou mesmo ambos, estejam coadjuvando algum evento literário nacional ou internacional importante – como as bienais do livro –, ou recebendo premiações ou participando de feiras que ela, a mídia, resolve valorizar por motivos diversos aos da aludida estratégia ética da necessária reeducação literária.

Privilegia-se, portanto, do binômio leitor/consumidor, somente o potencial parcial do consumidor, esquecendo-se, no entanto, do potencial do leitor. O consumidor (normalmente um leitor iniciante nas letras) é atendido quando, periodicamente, a mídia o faz ter ciência dos eventos e feiras através das quais se possa adquirir novos livros ou badalar algum literato emergente – nesse contexto o homem consome por impulso.

O leitor crítico é praticamente excluído do processo, uma vez que necessita não apenas de informações esporádicas sobre eventos, mas também de subsídios culturais e de formação intelectual detalhada para retroalimentar a qualidade de seu desejo e fortalecer o crivo do seu raciocínio que o orienta criticamente no seu ímpeto de consumir.

Como essa conscientização é de natureza ontológica e demanda maior tempo e desgaste da máquina comercial, o *marketing* editorial se concentra apenas no interesse imediato de consumo e o perfil do leitor acaba sendo pautado pela generalização que engloba todos no rol da fama negativa de maus leitores e pela falta de interesse generalizado entre jovens e adultos pela obra literária.

Nas Gerais da Cultura

Perca da Memória

Caros leitores, peço-lhes licença, nesse dia dos pais, para deixar de lado a tônica dos textos que escrevo aqui neste espaço jornalístico, semanalmente há quatro anos. Normalmente eles são recheados de crítica social, e hoje isso eu não quero. Quero esquecer também os contornos psico-culturais que venho dando-lhes. Preciso exprimir o lirismo da saudade do futuro, da forma mais simples que a linguagem humana foi capaz desenvolver, e, contudo, a mais complexa, – a poesia.

Eu conheci meu pai quando já tinha vinte anos de idade – hoje tenho 35. Ele mora muito longe daqui. Depois de nosso primeiro encontro, em 1990, eu consegui viajar para vê-lo apenas quatro ou cinco vezes. No entanto, na minha última viagem – julho/2004 -, encontrei-o com problemas na memória. Tive, em função dessa doença, de apresentar-me várias vezes a ele: senti-me mais desamparado do que quando não o conhecia. Quando não o conhecia, não importava o fato de ele não ter se lembrado de mim, mas, agora, tem.

É meu aniversário, e hoje, desachei-me dos pudores da memória...

Acredito que os convivas vieram furtar-me as últimas lembranças...

Desconheço os convidados, desconheço meus filhos, mas lembro-me de suas mulheres e mães.

Ah, lesos! Essa não! Até o final, verão! prego-lhes uma peça daquelas!

Não sei o que as pessoas presentes fazem aqui no meu passado.

Ignorar-me-ei!

Há muita tolerância com os ignorantes: geralmente são politicamente muito úteis.

Esqueci quando foi que perdi a memória,

mas não sei como sei que a perdi, se para sabê-lo tenho de lembrar que a esqueci

Porque eu perdi a memória eu também quis perder a razão.

Razão, Nunca Mais: desquero ter razão.

Perder a memória não é um bom negócio.

A razão é a razão da civilização!

Não tenho mais passado, nem tenho vínculos com o futuro da humanidade.

O que desentendo mesmo é o porquê de todos os presentes: eles não têm futuro.

Isso vale tanto para os objetos quanto para as pessoas.

Eu: um elo perdido na minha própria história...

comodamente enfiado em algum dos bolsos do paletó que me impedem de ficar nu.

Sem participação especial pregressa na foto e no filme de ninguém,

rompo os limites do era e da inamovibilidade: desiconização.

Não dedico mais tempos presentes passados ou futuros em saber dos quens.

Sabê-los é desimportante.

Perder a memória não é preocupar-se apenas em ser alguém.

É mais ainda, é não ter de se lembrar de ninguém, é descomer os dejetos do mundo.

E eu? Eu sou um momento irracional e líquido entre meu pai e minha mãe!

E isso é tudo o que se deve saber: nada é.

Nas Gerais da Cultura

Política dos Congelados

A bola da vez, agora, é o governo petista. Assistindo pela televisão a mais um festival de propaganda política de oposição, acabei lembrando-me de meus tempos de garoto, do que via e do que sentia quando criança.

Juntamente à campanha publicitária veiculada pelos partidos políticos, vale lembrar, existe outra campanha também em andamento: a campanha do agasalho.

O que me chamou a atenção nos dois episódios, é que tanto a empreitada da oposição, quanto à arrecadação anual de agasalhos, nos remetem a um mesmo problema: a questão dos desiludidos e desamparados dentro da sociedade brasileira. É uma espécie grotesca de mito do eterno retorno, só que, quem retorna aos mesmos lugares-comuns, somos nós. Porque nós é que crescemos vendo as mesmas histórias de amor em infindáveis novelas, as mesmas pancadarias nos diversos filmes de ação. Na ficção, o que muda são os atores, os escritores, mas o tema da história não muda nunca. Na vida real, contudo, os atores é que deveriam mudar a história da própria vida. Porém, como na ficção, parece que nós já nos acomodamos com clichê da nossa realidade.

Se estamos ou não desiludidos com a classe política que tenta, tenta, e não resolve as dificuldades sociais que só fazem aumentar, a população não hesita em esperar, esperar, nutrindo a expectativa de alcançar bem poucas metas numa história de vida quase sem graça. Rotineiramente desejam-se apenas condições básicas para sobreviver a mais um inverno. Eu, você, todos nós, creio, gostaríamos de ter maior crença na organização política da sociedade, mas o poder econômico se apresenta sempre superior à lógica da dignidade humana nas pranchetas da teoria dos mecanismos de controle do Estado.

Como disse antes, quando era garoto, via as campanhas do agasalho pela televisão e sempre doava o que podia, em troca, algumas vezes, de algum tipo de benefício dentro de casa, coisas do tipo “não ter de lavar a louça do jantar”, “não ter de aguar o jardim”, ou “levar o totó para passear”. Possessivo e relutante, retinha junto a mim o máximo que podia, um sapato usado, uma roupa velha, cedendo aos apelos do apego material a bens tão frágeis quanto era a minha conscientização política ainda imatura.

Quanto aos políticos, cresci vendo-os uns opondo-se aos outros. Ano após ano eles se sucederam denunciando os problemas da gestão anterior e prometendo sempre uma solução para as demandas sociais mais urgentes não atendidas pelo governante que o antecedeu. Fato é, entretanto, que, enquanto os homens e os partidos se sucedem no poder político, o povo treme de medo diante do avanço da criminalidade, pretifica de frio no inverno e congela de fome o ano inteiro, e a economia, ao invés da política, é que realmente governa.

O que ainda se espera, apesar da resistência desse ciclo que aparenta nunca se interromper, não é que se acabe a capacidade humana de ter desilusão, mas que a realidade seja continuamente melhorada para todo mundo, como sempre nos foi prometido, e que essa evolução não seja apenas um enfeite sintático na gramática dos discursos políticos.

Essa retórica vazia, cujos ecos ouvimos dos porões da história social do país, além de biograficamente nos mostrar que não é eficiente para reeducar presidiários, não aquece e nem mata a fome e, provavelmente, a partir de agora, também não elegerá a mais ninguém que dela queira fazer uso.

Nas Gerais da Cultura

Porque a Alegria Acabou, Piquito?

“Se Deus me pôs na terra para trazer alegria, para fazer rir, para ser um palhaço engraçado, vocês podem ter a certeza que isso eu fiz. E com muito amor”.

(*Piquito*, Poloni - SP, 23 de Maio de 2002)

Conversando com um amigo num evento musical, ele contou-me uma história linda. É bela porque seu, encantamento, deveras, está justamente na revelação óbvia daquilo que mais nos falta hoje em dia: a alegria. A história relata a vida de Osmar dos Santos, que nasceu em Campo Largo - PR, em uma barraca de circo mambembe, em 31/05 de 1934. Descendente de pais e avós circenses, aos 04 anos seu pai já o vestia e pintava à maneira tradicional dos palhaços. Aos 05 anos foi escolhido para interpretar seu primeiro papel em uma peça teatral no circo. Devido ao fato de as escolas não aceitarem crianças nômades, nunca frequentou o banco escolar, fato esse que lhe abriu as portas do mundo do circo.

Driblando as encruzilhadas da vida, Osmar, aos 16 anos, tornou-se o palhaço Piquito. Ao lado dessa condição, desenvolveu as habilidades de acrobata, trapezista, malabarista, equilibrista, enfim, conheceu tudo aquilo que a prática circense pudesse lhe ensinar. No curso da trajetória da alegria, faltava a Piquito o domínio da arte de fazer gente sorrir. Queria aprendê-la. Pensava, havia professor para tudo, porque não haveria para o ofício de palhaço. E não o encontrou. Aos poucos aprendeu que ser palhaço é uma condição de nascença, é a sina que acompanha só os predestinados, é uma espécie de estrela-guia.

Em seu íntimo, com o passar do tempo, adivinhou três qualidades básicas para obter sucesso na profissão que adotara: dom, inteligência, e presença de espírito. Para o autodidata Piquito, ter dom para ser palhaço é o mesmo que saber transformar o normal em algo fantástico, incrível. Ter inteligência resumir-se-ia no saber fazer do constrangimento a matéria-prima do riso. E a presença de espírito, sintetiza o palhaço, consistiria no domínio consciente da magia, do surpreendente e do encantamento que ainda habitam o íntimo do homem, fazendo-o esquecer-se que cresceu, e que ainda pode ser criança, bastando, para isso, que sorria, sorria de tudo, e, principalmente, que sorria muito de si mesmo.

Piquito ainda guarda na memória um pouco dos rastros históricos dos pequenos circos. Eles estão acabando, diz. No entanto, é com nostalgia que recorda a década de 50, quando os pequenos circos se constituíam no maior evento do ano. As cidades paravam, as praças se enchiam de gente disposta a ser feliz. Precisamos continuar dispostos a ser felizes.

Refletindo sobre o passado glorioso, Piquito revela uma lucidez crítica que transcende sua condição fanfarrona de palhaço. Acredita Piquito que diversos fatores contribuíram para que o circo se encontre em situação de decadência. Dentre as razões, ressalta a audiência maciça da televisão, a partir dos anos 70, e os altos custos atuais de manutenção de uma troupe de bons artistas. Os pequenos circos, lamenta o palhaço, estão em extinção, os grandes, conclui, conseguem sobreviver à custa de muito patrocínio.

Hoje, depois de 52 anos “pintando a cara” (como se diz no jargão do circo), e, há 10 anos fora da rotina do picadeiro, faz pequenas apresentações nos circos que ainda resistem e rastejam pela região. No baú da vida, entretanto, guarda com muito carinho a roupa de palhaço, a bengala, o chapéu, o nariz vermelho e o sapatão, que aguardam ansiosamente o momento da chamada ancestral que eternamente soará em seus ouvidos: “respeitável público, com vocês, Piiiiiiiiitoooo!”... e também se ouve, mentalmente, o som da banda tocar a conhecida melodia do proscênio. Enquanto isso, nossos olhos de criança sorriem de alegria, e o olhar adulto lacrimeja de saudade.

Nas Gerais da Cultura

Programação em Linha Reta

Eu, que tantas vezes utilizei este espaço para criticar os veículos da mídia, bem como critiquei a vários programas de televisão, notadamente os programas exibidos pela Rede Globo de Televisão, tive que, no último dia 07/05/2002, engolir seco, rever meu procedimento de rotina e aplaudir.

O capítulo da novela *O Clone*, exibido no dia 07/05, foi exemplar. Foi um dos maiores exemplos de cultura e de cidadania que já pude observar na programação recente da televisão aberta brasileira. Ao lado de programas já notoriamente consagrados no território da construção da percepção crítica da realidade, como o programa de entrevistas *Provocações* e o programa de crítica direta sobre a mídia *Observatório da Imprensa*, ambos os programas levados ao ar regularmente pela Rede de Televisão Pública Cultura, o citado capítulo de novela também conseguiu prestar um excepcional serviço de utilidade pública. Expondo o mundo das drogas sob o ponto de vista do viciado, do usuário da droga, a autora da novela e a direção daquela emissora demonstraram, através de uma abordagem bastante realista, que é possível se fazer entretenimento sem se abandonar as causas sociais e sem tratar os telespectadores, diariamente, como idiotas, oferecendo, quase sempre, enredos de digestão intelectual fácil e com o tradicional final feliz *hollywodiano*.

Ao lado dessa questão das drogas, a novela *O Clone* reuniu, no texto de um mesmo capítulo, o universo da cultura popular, protagonizados pelas personagens Lucas e Jade, que vivem uma trama direcionada a um público que normalmente prefere os finais felizes, os encontros e desencontros amorosos e os enredos de consumo fácil — é a estética do entretenimento. Na boca da personagem Lobato, que vive os dilemas de um ex-viciado e empresário que se submete a um processo de análise psíquica, nós tivemos o deleite de ver habilmente recitado, hábito há muito tempo abandonado por nossos poetas e estudantes, o *Poema em Linha Reta*, do ilustre literato português, Fernando Pessoa. Nesse poema o poeta nos fala das entranhas e mazelas da existência: "*Quem me dera ouvir de alguém a voz humana/ Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia/ Que contasse não uma violência, mas uma covardia!*". E é da exploração dessas entranhas da existência que sobrevive o entretenimento catártico e de consumo fácil, perpetuando a ignorância.

Quando da noite final do programa *Casa dos Artistas I*, na qual se conheceria o vencedor do *reality show* exibido pelo SBT, aconteceu uma conexão direta e ao vivo, unindo os apresentadores Silvio Santos, no SBT, e o apresentador de um programa esportivo da Rede de Televisão Record, Milton Neves. Cada um dos apresentadores, em seus respectivos canais de Televisão, com seus respectivos programas, concorrendo entre si pelos índices do Ibope, apareceram numa mesma tela e num mesmo horário. Tudo normal. O interessante é o fato de que, se é possível fazer um *link* simultâneo dessa magnitude para explorar a venda das nossas entranhas em cadeia nacional, porque não pensar se, num caso cuja relevância nacional é evidente, como é o combate às drogas, as emissoras de televisão não poderiam se unir para apresentar, para todo o país, um capítulo de novela dessa importância. Seria expor demais as ádvenas da sociedade. Será que suportaríamos uma “programação em linha reta?”, aos moldes pessoanos.

De qualquer maneira, as feridas da organização social foram tocadas pelos grandes dedos da comunicação de massa. Jamais seremos a mesma comunidade de alheios. Saímos da caverna do obscurantismo e vimos à luz, nascemos novamente e, agora, desejamos manter a luz acesa.

Nas Gerais da Cultura

Revolução Francesa, Iluminismo e Nada Mais

No passado, o que vinha da França nos inspirava. Nossa Semana de 22 foi fortemente influenciada pelas idéias francesas. Essa parceria é um de nossos maiores orgulhos históricos. No entanto, atualmente, essa lógica de admiração e cumplicidade intelectual parece estar sendo subvertida por articulações no mínimo constrangedoras.

Octavio Paz, é um escritor mexicano e um dos maiores pensadores latino-americanos. Recorremos a um texto seu como o faz um jogador que apela à intercessão de um terceiro que observa à distância o tabuleiro. O autor nos diz (**O Arco e a Lira**, 1982, p. 270), ao observar as características da sociedade moderna, que valores como a pátria, que representava para as comunidades do passado algo concreto, palpável e desfrutável coletivamente, converteu-se numa idéia em função da qual todos, ao invés de desfrutar, têm de sacrificar-se: a nação. Complementa o autor, que a natureza reverte-se num complexo sistema de relações causais no qual as qualidades desaparecem e se transformam em puras quantidades. Conclui o autor sua linha de raciocínio, asseverando que os seres humanos deixaram, assim, de ser pessoas e se transformaram em utensílios do sistema social.

Vejamos, então, o seguinte caso.

Tempos atrás troquei meu carro nacional por um importado marca Renault, um modelo com seis anos de uso. Estou com o carro há uns quinze meses. Agora quero trocá-lo. É notória, no entanto, a apatia do mercado ao veículo importado. Os revendedores e o mercado em geral alegam mil e um defeitos ao importado que, em alguns casos, entretanto, é visivelmente mais sofisticado e confortável. Ao mesmo tempo, tentam salientar que o similar brasileiro na mesma faixa de preço e torque que querem nos vender é melhor, apesar de seu péssimo estado de conservação e do total desconforto e rusticidade, principalmente se colocados frente a frente ao concorrente importado.

Quando essa repulsa ao importado ocorre no mercado particular, é compreensível, afinal as concessionárias estão abarrotadas de modelos nacionais e têm de vendê-los a qualquer custo, mesmo que para isso seja necessário depreciar o concorrente internacional. Mas o que dizer quando a própria fabricante Renault se nega a efetuar a recompra de um de seus modelos alegando os mesmos motivos do mercado? Ou faz proposta de recompra depreciando o valor do seu próprio produto a um nível de preço que fica mais barato e menos constrangedor jogar o veículo no lixo?

Na condição de consumidor, quando levei meu carro por várias vezes à concessionária Renault de Rio Preto, e lá nem quiseram ver meu veículo, senti-me profundamente enganado. Diante de tal situação, não deixei de perguntar-me, que confiabilidade essa empresa deve ter ao expor em suas vitrines veículos novos importados de sua própria lavra? O que dizer aos consumidores de seus modelos importados, daqui a seis anos, já que nem mesmo a representante brasileira da fabricante dará respaldo de recompra e crédito de qualidade ao produto que ela própria pôs no mercado?

Nossa advertência, aqui, visa chamar a atenção para essa tentativa de transformação do homem no que Octávio Paz chamou de “utensílios do sistema”. Parece que servimos bem ao sistema como “máquinas de comprar”. Prometem-nos uma felicidade eterna quando compramos seus carros e, em seis anos, ganhamos de brinde um purgatório orientado pelos interesses unilaterais da indústria. Nessa prática, que desconsidera a manutenção do índice de satisfação histórica do cliente, destrói-se a credibilidade da Renault. E ninguém quer isso, uma vez que o se deseja, em qualquer nação, é o respeito à pátria e ao povo acolhedor que somos e nada mais.

Nas Gerais da Cultura

Síndrome de Ilha

Não há lugar mais cheio de revolucionários do que as universidades. Lembro-me de uma greve dos professores das universidades públicas apoiada pelos alunos. Surgiram em meio aos alunos “normais”, alguns “diferentes”, vestindo calças camufladas, usando cavanhaques estilo “Che Guevara”. Uns fazendo o “tipo” John Lennon. Outros, o estilo motoqueiros do filme *Easy Rider*. A passeata tomou a Avenida Paulista, e invadiu a capital. Os sindicalistas instalaram ali seu maior poder de fogo – faixas, carros de som, discursos, palavras de ordem. Respaldados pela legitimação desse aparato material e ideológico, o comando de greve solicitou pelo microfone algum aluno para falar em nome dos demais – elevar o moral dos grevistas, cantar palavras de ordem, ou fazer um discurso inteligente sobre a greve e seus benefícios. Apareceu, então, um jovem que se vestia ao estilo “Che Guevara”. Todos os olhos voltaram-se para o rapaz altivo, usando óculos e boina preta.

Ouviu-se o som do silêncio, a expectativa aumentou, o jovem subiu agilmente o palanque montado sobre o caminhão, apanhou decididamente o microfone e, com uma voz fanha, gaga e fina, nada compatível com a imagem mental que associamos ao tipo ostentado pelo restante do corpo, emitiu meia dúzia de palavras desconexas e pouco alusivas ao contexto da greve e à participação dos alunos no movimento. Ele nem sabia o que estava fazendo ali. Na hora até senti vontade de rir. Depois, decepcionei-me. Primeiro, porque esperava, assim como os demais, que aquela versão tupiniquim de “Che Guevara” contivesse ao menos a milésima centelha da força do original. Segundo, porque isso trouxe à tona um pouco da verdade sobre o perfil do aluno médio da universidade brasileira. A maior parte é intelectual de aparência e idolatra personalidades alienígenas, têm pouca opinião própria e transmitem muito mal suas idéias para os demais integrantes do grupo.

Para entender a trajetória desse problema, vamos relembrar, em palavras, um pouco da antiga força. Che Guevara dizia, no auge da luta guerrilheira, “hay que endurecer pero perder la ternura jamás” (temos de ser duros, mas jamais perderemos a ternura). José Martí, um revolucionário cubano, disse a seu povo: “si nuestro pueblo va a morir, que muera de pie, pero hincar de rodillas jamás” (se o nosso povo vai morrer que morra, então, em pé, porque cair de joelhos, jamais). No Brasil, na época da Guerra do Paraguai, restou na fronteira um pelotão de oito homens, sob o comando do sargento Antonio João. O inimigo se aproximava e os homens permaneceram na trincheira até o fim. O dito sargento escreveu o testamento histórico do grupo nestes termos: “sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo de minha pátria”.

Dentro da universidade parece imperar a “síndrome de ilha”. Parece que é gostoso isolar hermeticamente o conhecimento e afastar a sociedade dele. Nenhum catedrático sério diria publicamente que a universidade está alienada da comunidade. Mas, a julgar pela feição alienada apresentada por alguns alunos, acentuada pelo preciosismo de parte do corpo docente, a distância simbólica aumentará. Dom Quixote, lendário cavaleiro do século XII, criado pelo gênio de Miguel de Cervantes, numa guerra imaginária lutava com moinhos de vento, desejava ser o herói romântico de sua amada Dulcinéia. Os Românticos do século XVIII viviam isolados numa Torre de Marfim, e os jovens da época suicidavam-se ao relento, acreditando morrer de amor. Alguns acadêmicos do século XXI insistem na busca de um imaginário “vale dos unicórnios”, ou ainda, de uma temida “caverna dos saxis”. Mantendo, assim, a distância entre a natureza do que se pesquisa nas universidades e a necessidade real da sociedade que a sustenta: isso matará a ambos. O pesquisador morrerá de solidão, a sociedade, de inanição.

Nas Gerais da Cultura

Supermercado não é lugar de Felicidade

Assim como tantos brasileiros vou também exercitar o saudável hábito de gastar dinheiro, tempo e paciência neste fim de ano. Ninguém é de ferro pra sempre. Que digam as damas inglesas. No meu caso, entretanto, disponho apenas de tempo e de pouca paciência, mas não me sinto impedido de vasculhar brechós ou de buscar vorazmente pelos classificados saldões e ofertas das últimas horas. Um imóvel em condomínio fechado, por exemplo, ou ainda um carro na cor vermelho ferrari. Uma pechincha, um sonho! Meu coração até acelera o ritmo das batidas. A cantora Márcia Freire já dizia: “a cor do meu batuque tem o toque e tem o som da minha voz – vermelho”. Quantos são os tons de vermelho desejados neste natal? Meu sonho é vermelho. Papai Noel é vermelho. O Comunismo é vermelho. A Fraternidade é Vermelha, no filme do polonês Krzysztof Kieslowski. Na guerra até a Cruz é Vermelha. Marte, o deus mitológico da Guerra, não é vermelho, mas o planeta é. Parece que há mesmo muita utilidade para a cor vermelha.

Em 1989 derrubaram a marteladas o Muro de Berlim, reunificando as Alemanhas. Foi o fim da Guerra Fria. Certo tom ideológico de vermelho saía do episódio um tanto quanto abalado. Permanecem ainda avermelhadas, de um lado a pequena Cuba e a grande China. Os países que são impérios potenciais para o Papai Noel de mercado, por outro lado, estão órfãos desde anteontem – o papai EUA foi, anteontem, derrotado pelos pequenos amarelos avermelhados do Vietnã -, no entanto, ontem, proclamaram a morte por inanição do povo cubano, e hoje, paradoxalmente celebram diante da maior árvore de natal do mundo no *Central Park* - mesmo que não seja eles dirão que é e ninguém contesta - a tão desejada abertura do maior mercado consumidor e vermelho do mundo – a China. A felicidade no natal parece mesmo uma questão de mercado.

Caetano Veloso, no seu livro *Verdade Tropical*, de 1997, narra um episódio no qual aguardava um ônibus, numa parada lotada de passageiros – era época de natal -, e disse em voz bem alta: “se eu pudesse eu matava o Papai Noel”. O problema era encontrá-lo. Criamos num Papai Noel “pessoa” humana que apenas existe como máquina veiculadora de ideologias. Era o personagem ideológico que Caetano queria matar. A ideologia de consumo de massas dispersa o inimigo no meio da multidão atônita nas filas dos caixas. Apesar de todo o avanço dos meios de comunicação, antecipamos o óbvio de sempre – é natal. Neste ano a alegoria será diferente. Papai Noel virá do planeta Marte, atualizado diretamente das páginas da mitologia greco-romana – assim uniremos o útil do mercado vermelho emergente ao agradável da crucificação da guerra eterna. Vestindo um modelito *camuflagem no deserto* Papai Noel desfilará na Praça da Paz Celestial chinesa num tanque de Guerra Urutu – de fabricação brasileira.

Segundo a Bíblia, Deus é o criador e dono do Mundo. O império-sede do Papai Noel de mercado acha que é o dono do Mundo e declara guerra contra todos os que sejam contrários. Papai Noel é o deus do consumo e é a atualização do deus mitológico da guerra – e mora na sede do império, e não na Lapônia, como se pensava. Pela lógica, os EUA são o Olimpo. Marte – ou Papai Noel, como queira – é imortal, porque é filho de Deus, e George W. Bush é o deus-pai todo poderoso encarnado desejando o mundo para si. Completando a santa trindade, o povo, que espera ansiosamente para ir para o céu. Marx tinha mesmo razão: a religião é o ópio do povo. Enquanto isso curta o lado legal da coisa! O céu fica no norte da América e não é preciso morrer para entrar nele. Enfim, a felicidade em vida. Mas tomemos cuidados. Como diz Zeca Baleiro: “supermercado não é lugar de felicidade”, mesmo no natal. Depois de todo natal sempre vem um mês de janeiro.

Nas Gerais da Cultura

Teoria e Prática do Milagre

A história da civilização gira em torno de vários eixos, embora distintos, são complementares. Da sociedade antiga herdamos, além das olimpíadas, a técnica do silogismo. Um silogismo famoso nos diz: todo homem é mortal, João é homem, logo, João é mortal. Outro eixo importante e complementar ao eixo do pensamento filosófico, para a polis, movimenta-se pelo circuito econômico. Muito de nossa civilização se sustentou, e ainda se sustenta norteadas principalmente pela variação do humor econômico. O modelo atual disso é, se a bolsa de valores sobe, a auto estima das pessoas acompanha, do contrário, desaba. Nessa balada, o dólar, de moeda internacional, virou metonímia do valor geral de troca, melhor dizendo, de poder associado ao dinheiro, e parece ter se tornado também o padrão que mede a capacidade de interação entre os indivíduos e seus deuses. Quanto mais o deus puder atender às preces financeiras dos devotos, mais infalível será o deus.

Existe um estigma de bolsa de valores e de religião que impregna também os bastidores do futebol. Quando o Palmeiras caiu para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, houve muito estardalhaço. Obviamente, os adversários não perderam a chance e tiraram uma casquinha do fracasso do verdão. Agora, quando o timão viveu a ameaça de descer às profundezas do hades, devotos e dirigentes se movimentam. E, antes que voem farpas de ironia por aí, é bom que façamos algumas considerações. Alguns times têm grandes torcidas espalhadas pelo país todo e, quando são acometidos desse mau súbito – a segunda divisão -, arrastam consigo o ânimo de muita gente. Mas é aí que está o pulo do gato da nossa pretensa teoria e prática do milagre.

Vamos imaginar aquelas situações nas quais, diante de uma derrota iminente, ou mesmo inevitável, as equipes, os exércitos, as torcidas, reúnem forças que brotam não se sabe de onde, e unem-se em torno da recuperação do totem do seu clã. Basta lembrarmos do Japão atômica e arrasado do século XX, ou do ataque terrorista ao complexo financeiro norte-americano.

O que quero dizer com isso é que, se do ponto de vista do público, a queda de um time de futebol para a segunda divisão possa ser motivo de chacota ou tristeza, sob o ponto de vista dos dirigentes, a segunda divisão, assim como a reconstrução após as guerras, pode até ser um grande negócio. O repasse de verbas para os cofres do Estado, os salários de técnicos e jogadores, enfim, toda a planilha de custos do time sofre uma sensível minoração. Montar um time sem a pressão da imprensa e a cobrança dos torcedores, fica mais fácil na segunda divisão. Os dirigentes de futebol, sabendo da teoria do milagre, ou seja, que todo mundo se mobiliza para alcançá-lo – e essa é a parte prática -, enchendo os estádios de qualquer jeito, podem até estar pensando em promover o famigerado cartel da queda esporádica de seus clubes. É uma espécie oportunista de *pit stop* financeiro patrocinado pela inocência do público pagante.

O que se conclui, é que estamos diante de um silogismo. A premissa maior é a seguinte: todo time de futebol tem tantos devotos quanto têm os deuses; é o milagre da recuperação econômica dos clubes que caíram. A premissa menor é: o dinheiro garante a santidade do pagante que expurga seus pecados nas filas das bilheterias. Logo, os estádios são os templos, os dirigentes os sacerdotes, o dinheiro o deus a ser devotado, e o público... é que acaba ficando na segunda divisão, isto é, vive operando milagres com o salário, tentando pagar as entradas cada vez mais caras nas cerimônias da penitência futebolística.

Nas Gerais da Cultura

Um Penta Temperado com as Sobras do Tri

Escrevendo neste espaço desde 2001, gostaria de agradecer aos leitores que sempre nos acompanham e, ao mesmo tempo, dizer que, no bojo da euforia da conquista do pentacampeonato de futebol pela seleção brasileira, gostaria de traçar um paralelo com o ano eleitoral.

No ano de 1969, o Ato Institucional nº 12 (o AI nº 12) celebrava o auge do poder da ditadura militar, dizendo que o vice-presidente de Costa e Silva, o civil Pedro Aleixo, não poderia assumir o lugar do então presidente Costa e Silva que havia adoecido. O Brasil foi governado por uma junta militar composta por integrantes da Marinha, do Exército, da Aeronáutica, ao lado de civis como Delfim Neto e Jarbas Passarinho. Tem-se à época a conquista do tricampeonato de futebol e um intenso aproveitamento do feito em prol da máquina de sustentação da propaganda governamental. Sob o *slogan* "a taça do mundo é nossa, com o Brasil, não há quem possa!", toda uma comoção nacional foi desencadeada e os interesses do Estado ditatorial delineados no AI 12 prevaleceram sobre as liberdades e garantias individuais e, enfim, sobre a Democracia.

Imediatamente após a conquista do pentacampeonato, em 30/06, o Presidente Fernando Henrique Cardoso, apareceu ao vivo numa entrevista à Rede de Televisão Bandeirantes, dizendo sobre os méritos e virtudes dos nossos heróis boleiros, acrescentando a esses elogios um universo de recepções e promessas que certamente serão cumpridas não apenas pelo governo federal, mas também por diversos setores organizados da sociedade. Os méritos reais e imaginários da seleção nós deixaremos a parte. Por hora vamos tentar montar um quebra-cabeças com as peças as quais dispomos.

Primeiramente, consideremos o fato histórico de os governos com tendência populista se valerem da bravura de esportistas, transformando a façanha do esporte numa proeza do regime de governo. Segundo, juntaremos esse dado ao recente episódio que envolveu a Polícia Federal e a campanha do candidato do governo a presidente, o ex-ministro da saúde, José Serra. Suspeito de que a máquina eleitoral estatal está, mais uma vez, funcionando, rondam nossas mentes atordoadas que oscila como um pêndulo, entre a sensação de felicidade pela pátria que também vence, e o estado de letargia antidemocrática que nos torna a todos perdedores em potencial na batalha social.

Da mesma maneira que nunca saberemos se ganhamos o penta porque fomos melhores ou se porque os outros adversários foram bem piores (uma vez que nossa seleção saiu do país bem desacreditada). Não será possível saber também se o Lula, o candidato da oposição à filial da Casa Branca, ou melhor, ao Palácio do Planalto, é apenas uma peça figurativa necessária para justificar a existência de uma oposição fictícia e eterna aos candidatos oferecidos pelo governo ou se ele realmente tem chances de ser nosso presidente e não um co-repetidor do *establishment* internacional que dita parâmetros de crescimento limítrofe para a América Latina.

A conclusão a qual chegamos é simples. Tanto no caso da seleção como na questão da disputa presidencial, tudo acaba sendo a mesma coisa, ou seja, ninguém saberá a verdade.

Nas Gerais da Cultura

Um Pouco de Lógica é Normal

Caríssimos leitores, após trinta dias de férias, estou muito impressionado com as mudanças ocorridas no país e no mundo. Parece que estive em outro planeta. Israel, num ataque militar condenado por todas as nações importantes do mundo, desapareceu com o fundador do movimento de guerrilha palestina, o Hamas. A cotação do dólar por aqui bateu a casa dos três reais. Ciro Gomes, um dos principais candidatos à Presidência da República, passou do quarto lugar nas pesquisas de intenção de voto, para um segundo lugar bem convincente em termos percentuais. Enquanto isso, outro candidato, o Lula, fez uma aliança até bem pouco tempo impensada, e por isso, soa como inusitada: fez um discurso de oposição em conjunto com o ex-governador Orestes Quércia. Isso foi bastante original, não?

As grandes empresas dos EUA resolveram retirar a maquiagem dos seus balanços, numa crise repentina de honestidade. Os balanços contábeis daquelas empresas, que apresentavam uma eterna beleza lucrativa, deixaram finalmente transparecer a realidade carcomida dos *déficits* morais que os capitalistas insistem em tapar.

Até mesmo Sua Santidade, o Papa João Paulo II, no domingo, dia 28 de julho de 2002, lamentou e condenou publicamente, no Canadá, a prática da pedofilia dentro da Igreja Católica! E eu também mudei. Ou melhor, mudaram comigo. Fui contratado por uma empresa educacional no início deste ano de 2002, por ter um perfil disciplinador, e esse perfil o tenho devido a resquícios de uma formação militar. Não fui muito longe com essa “militância”, graduação e pós-graduação na Unesp e inúmeros estágios. Bastou apenas que alguns alunos reclamassem das minhas reprimendas e intolerâncias às suas indisciplinas (justamente quando estava exercendo as virtudes do meu perfil profissional), demissão na certa. Sem perdão, demitido em pleno gozo de férias. Que bacana!

Os fatos acima mencionados demonstram para mim, de um lado, que as mudanças realmente acontecem, e, de outro lado, evidenciam também que nem tudo que muda tem lógica ou muda para melhor. Eu quem o diga. Que sufoco!

O fato do assassinato do líder guerrilheiro palestino, se de um lado aponta para uma possível diminuição do terrorismo por lá – o que é bom -, de outro, não se justifica o uso, por parte do terrorista morto, de crianças como escudos humanos. Mas nem isso impediu a sua morte – e a morte das crianças também. Isso tem lógica? Também não tem lógica a Petrobrás produzir 70% do gás de cozinha doméstico consumido no Brasil e toda a política de preços ser pautada pela cotação internacional do dólar.

E mais essa, agora! Só de imaginar o Lula, num mesmo palanque com o Paulo Maluf, o Orestes Quércia e o Fernando Collor, conclamando a nação brasileira, de mãos dadas, para que se faça oposição contra uma eventual ascensão de José Serra (o candidato do governo) num provável segundo turno Lula x Serra, começo a sentir um cheiro de (a) normalidade no ar. Permanecendo este estado de coisas não vou estranhar nada se o governo norte-americano resolver sair pelo mundo afora devolvendo todo o dinheiro cobrado de países pobres ou em desenvolvimento (principalmente a partir da 1ª Guerra Mundial) às expensas dos juros excessivos.

Demorou, mas a Igreja finalmente reconheceu que o impulso biológico de procriação é inerente ao ser humano. Será que desta vez o celibato cai? Disso tudo, podemos concluir que nem tudo que é lógico é razoável. Nem tudo que é aceitável é bom. Nem tudo que é bom é necessário. Nem tudo que existe é normal. Nem tudo que é normal é o que realmente se espera.

Nas Gerais da Cultura

Vamos Celebrar a Nova e a Velha Estupidez Humana

A política de orientação para as tribos indígenas sobreviventes no Brasil torna o índio brasileiro uma utopia. Não obstante aos esforços da Funai, o que se vê, ao invés da preservação de terras e demarcações das áreas indígenas, é o levantamento de tendas plásticas e o surgimento de tribos de jovens que compartilham espaços eletrônicos. O homem é um bicho gregário e tem a necessidade intrínseca de comer, viver, cantar e dançar juntos. E é assim, dançando e cantando, que os índios cibernéticos modernos atualizam os rituais tribais nas festas de música eletrônica, dividindo entre si um espaço virtual infinito e não menos utópico, ao passo que esse espaço é para todos e, mesmo assim, não é de ninguém. O índio do passado conheceu a doença do homem branco e teve seu sistema imunológico fortalecido, apesar de milhares de vidas terem sido perdidas. Aquilo que não mata, ao mesmo tempo em que fortalece, extingue. O índio branco de hoje morre da própria doença e, sem capacidade de conceber o antídoto, se compraz no deleite do próprio veneno. A morte física do índio, tanto do primitivo como do moderno, funciona como uma alegoria que anuncia o fim gradativo das tentativas de civilização.

Para o índio a terra era a sua mãe. Tirando-lhe a sua terra nós o deixamos órfão. Sua identidade cultural não tinha mais um chão onde se apoiar. Se a nós, brancos, fosse retirado o automóvel, a casa, o emprego, a telenovela, o supermercado, o shopping, a pescaria, o futebol de fim de semana, mudassem nosso Deus e a nossa língua, trocassem o endereço do Céu, o que de nós restaria para mostrar ao mundo e aos nossos descendentes o que um dia nós fomos? Nada. Nós os brancos, somos uma utopia. A desenfreada necessidade de auto-afirmação como etnia hegemônica nos confinou a um lugar inexistencial e solitário. Somos a cultura superior que aniquilou a cultura inferior. Reinamos, despoticamente, num reino sem súditos. Não temos nada de bonito, a esse respeito, pra contar para nossos descendentes, porque matamos a memória de nossos ancestrais. Nossa antiga estupidez matou o índio, nossa nova estupidez mata o branco. Tiramos dos índios a história de uma existência milenar e lhes demos um dia do ano em nossa lembrança.

“Amigos presos, e amigos sumindo assim, pra nunca mais”. Apesar de este trecho destacado, de uma canção de Gilberto Gil, fazer uma alusão ao mecanismo censor da ditadura militar no Brasil dos anos 60 e 70, o conteúdo ainda nos serve, uma vez que o dia do índio, nos termos os quais expusemos aqui, redundava em uma celebração hipócrita. A hipocrisia consiste no fato de que nossas crianças são obrigadas a aprender a história e a comemorar as datas de cada assassinato cultural que os ancestrais cometeram – “viva o dia da Abolição!”, “viva o Dia do Índio!”, “viva o Natal!”. Logo elas viram adolescentes e desejam ardentemente, em grupos de jovens, cantar e dançar em torno de uma fogueirinha (os shoppings e os supermercados, por exemplo) de papel (o dinheiro dos pais). Nessas “fogueiras” são queimados diariamente todo o nosso censo de ridículo e, ainda assim, insistimos em comemorar feito idiotas, a cada fevereiro e feriado. E, como diria Renato Russo, vamos celebrar a estupidez de todas as nações.

Nas Gerais da Cultura

Walter Benjamin, Descartes, e a Natureza das Coisas

Walter Benjamin, num ensaio famoso, intitulado *A obra de Arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, delinea o que podemos entender como sendo a idéia contemporânea de coisificação da obra de arte. Quando o objeto estético se transformou em mercadoria, isto é, quando um quadro, por exemplo, passou a ter cópias produzidas em série industrial, tornou-se comparável a um televisor, a um aparelho de telefone celular, a um lanche ou a uma bebida. Corrompeu-se, portanto, a natureza primordial da obra de arte como objeto único e eterno, e que era pautada pela fruição e pela contemplação do belo, Acessamos a esfera do gozo banal, do mero usufruto, do consumo da obra como produto efêmero e transitório numa vitrine, substituível quando o gosto da moda trocar de cor.

O poeta-compositor Caetano Veloso, numa entrevista, revelou-nos que se quisermos entender um pouco dessa natureza da obra de arte, à qual também nos referenciamos acima ao comentar Walter Benjamin, precisaremos entendê-la, a obra de arte, como entidade apta a desentorpecer nossa capacidade de percepção da vida. Mas, num ambiente capitalista e, por natureza, consumista, não é assim, e por quê? Por que a obra de arte deixa de ser arte e passa a ser produto?

Wolfgang Fritz Haug, no livro *Crítica Estética da Mercadoria* (UNESP, 1997), salienta o viés da obra de arte como produto, e nos diz que “a abstração do valor de uso, consequência e pressuposto para o estabelecimento do valor de troca e de sua perspectiva, abre caminho para abstrações correspondentes” (p. 72). Essas correspondências, em nosso presente percurso reflexivo, nos dão conta de que o valor de troca atribuído à obra de arte é uma dissensão. A obra não pode ter valor senão numa mensuração *per si*, que se justifica na existência simbólica da obra na consciência do homem.

E diz mais Haug, lembrando que “Descartes, o teórico pioneiro desse pensamento abstrato, utiliza a abstração estética como técnica para introduzir a desrealização do mundo real e sensível” (op. cit.). É, o que nos termos de Caetano Veloso, se pôde entender como sendo o desentorpecimento da capacidade de percepção da vida.

A conclusão desse raciocínio é magistral: “considerarei a mim mesmo”, aludindo-se a Descartes, “como alguém que não tem mãos, nem olhos, nem carne, nem sangue, nem qualquer órgão dos sentidos, mas somente uma consciência falsificada por uma técnica absolutamente superior aos homens” (id. Ib.). Em síntese, temos que, enquanto Benjamin tratou da coisificação da obra de arte, Descartes tratou da coisificação do homem.

É, portanto, artificial a transmutação da obra de arte, que originariamente é objeto de fruição, em produto de consumo. Primeiro, porque a obra é superior aos desejos humanos e, ao mesmo tempo, reveladora deles. E porque, também, são de naturezas conceituais contrárias: enquanto que a obra de arte desentorpece o mecanismo de percepção da realidade no homem, o produto de consumo o atrofia.

Atualmente, sob o pretexto da manutenção do *status quo* econômico, somos treinados para a descrença na vida e na atividade criativa do homem. O que se veicula na mídia como sendo arte não passa de quinquilharia envelopada por uma inexpressividade artística destinada ao consumo rápido e fácil. A nossa hipótese, aqui, tangencia a idéia de que, juntamente com a obra de arte, também o homem foi transformado em coisa: a obra de arte em coisa a ser consumida, e o homem, em coisa que, assim, consome a si mesmo.